



Adriano Caseri de Souza Mello

Análise discursiva de dicionários bilíngues português-espanhol

São José do Rio Preto
2012

Adriano Caseri de Souza Mello

Análise discursiva de dicionários bilíngues português-espanhol

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Língua Portuguesa, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Área de Concentração – Análise Linguística, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de São José do Rio Preto.

Orientador: Prof. Dr. José Horta Nunes

São José do Rio Preto
2012

Mello, Adriano Caseri de Souza

Análise discursiva de dicionários bilíngues português-espanhol /
Adriano Caseri de Souza Mello - São José do Rio Preto: [s.n.],
2012.

115 f. : 30 cm.

Orientador: José Horta Nunes

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto
de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Análise do discurso. 2. Língua portuguesa. 3. Língua
espanhola. 4. Dicionários bilíngues I. Nunes, José Horta, José. II.
Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e
Ciências Exatas. III. Título.

CDU – 81 '42

ADRIANO CASERI DE SOUZA MELLO

Análise Discursiva de Dicionários Bilingües Português-Espanhol

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre em Linguística, área de Análise de Discurso, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Campus de São José do Rio Preto.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Horta Nunes
Professor Assistente Doutor
UNESP- São José do Rio Preto
Orientador

Profa. Dra. Maria Teresa Celada
Professor Doutor
Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Maurício Babini
Professor Assistente Doutor
UNESP- São José do Rio Preto

São José do Rio Preto, 06 de Agosto de 2012

Dedico este trabalho

A meu pai Roberto, que é os meus pés, a minha mãe Emilia, que é os meus olhos e à Stella que é meu coração.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela força e pelo acolhimento que recebi de Sua generosa Graça ao longo deste caminho.

A meus pais Luiz Roberto e Emilia que são o sustentáculo da minha existência.

À Maristela Previato, delicada personificação do meu amor.

Agradeço a todos os professores e colegas da Pós-Graduação que contribuíram ao longo destes anos para a realização deste trabalho.

Em especial, ao professor José Horta Nunes por sua generosidade acadêmica ao longo da orientação.

Agradeço à professora Maria Teresa Celada e ao professor Maurício Babini por suas colaborações no decorrer do trabalho e em especial na Qualificação e Defesa.

Agradeço a professora Fernanda Ortale por instigar em mim o gosto pela pesquisa.

Agradeço aos colegas do Grupo Paladis, em especial à Ana Lúcia, companheira e amiga nas horas de incertezas e reflexão.

Agradeço as minhas amigas da Letras e as minhas amigas da Pedagogia por seus ouvidos e suas palavras sensatas.

E por final, a todos o corpo docente e funcionários do Ibilce que sempre contribuíram e auxiliaram-me nos momentos necessários.

“O Senhor é o meu pastor e nada me faltará...
Restaura as minhas forças, guia-me pelo
caminho certo...

Se eu tiver que andar por vale escuro, não
temerei mal nenhum, pois o Senhor está comigo...

“Felicidades e graças vão me acompanhar
todos os dias de minha vida...”.

Salmo 23(22)

RESUMO

Esta dissertação apresenta uma análise discursiva de três dicionários bilíngues português-espanhol, por meio da perspectiva teórica da Análise de Discurso de linha francesa articulada à linha discursiva desenvolvida no Brasil. O objetivo deste trabalho é compreender o discurso dos três dicionários por meio das análises das imagens construídas pelos autores dos textos introdutórios nos prefácios e na escrita dos verbetes sobre a língua, a língua portuguesa, a língua espanhola, a relação Portugal e Espanha, a imagens sobre seus próprios dicionários e as imagens que constroem de seus leitores. O corpus é formado pelo Dicionário de Português-Espanhol (ALMOYNA, s/d), pelo Dicionario Portugués-Espanol (CAVERO, 1966) e pelo Dicionário Português-Espanhol (GARCIA, 1958). Nosso recorte consiste em analisar os prefácios dos três dicionários, algumas marcas de outros textos introdutórios e uma série formada pelos primeiros 50 verbetes da letra M de cada dicionário. Analisamos os prefácios e a série de verbetes de nosso material e constatamos que os três dicionários apresentam um discurso heterogêneo sobre os sentidos de Língua, mesclando imagens da Língua Histórica, da Teoria da Comunicação e do Estudo sobre Cultura. Observamos que todos os dicionários evocam uma memória de unidade entre a língua e a cultura portuguesa e espanhola, compreendemos que há a construção de imagens que ressoam um discurso colonialista sobre as línguas e seus leitores e mostramos que os autores dos prefácios e da série de verbetes apresentam um discurso de especialidade e autoridade sobre o fazer lexicográfico que a princípio, se propõem cientificista, mas que no decorrer de nossa análise se mostrou constituído também por discurso não acadêmicos como o discurso, familiar, religioso, vulgar, de observação e outros.

Palavras-chave: Análise de Discurso, Análise discursiva de dicionários, Dicionários português-espanhol.

ABSTRACT

This dissertation presents a discursive analysis of three Portuguese-Spanish bilingual dictionaries, through the theoretical perspective of Discourse Analysis of the French line to the line articulated discourse developed in Brazil. The objective of this study is to understand the speech of the three dictionaries through the analysis of images constructed by the authors of introductory texts and writing in the prefaces of the entries on the tongue, Portuguese, Spanish language, the relationship between Portugal and Spain, the images about their own dictionaries and images that build their readers. The corpus is formed by the Dicionário de Português-Espanhol (ALMOYNA, s/d), the Dicionario Portugués-Espanol (CAVERO, 1966) and the Dicionário Português-Espanhol (GARCIA, 1958). Our look is to look at the prefaces of the three dictionaries, some brands of other introductory texts and a series formed by the first 50 entries of the letter M for each dictionary. We analyzed the number of entries and the prefaces of our material and found that all three dictionaries feature a heterogeneous discourse about the meanings of language, mixing images of Historical Linguistics, Communication Theory and the Study of Culture. We note that all dictionaries evoke a memory unit between language and Spanish and Portuguese culture, we understand that there is the construction of images that resonate a colonialist discourse about languages and their readers and show that the authors of the prefaces and the number of entries have a discourse of expertise and authority over to the lexicographical principle, they propose scientist, but that in the course of our analysis also proved to be constituted by non-academic discourse as speech, family, religious, vulgar, observation, and others.

Keywords: discourse analysis, discursive analysis of dictionaries, Portuguese-Spanish dictionaries.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	ANÁLISE DE DISCURSO E DICIONÁRIOS	13
2.1	A ANÁLISE DE DISCURSO	13
2.2	DICIONÁRIOS	15
2.2.1	Estudo discursivo de dicionários	15
2.2.2.	Dicionários bilíngues português-espanhol	19
2.2.3.	A língua espanhola no Brasil	22
3	CONSTITUIÇÃO DO COPRUS E MÉTODO	26
3.1	MATERIAIS DE ANÁLISE	26
3.2	METODOLOGIA	29
4.	ANÁLISE DISCURSIVA DE DICIONÁRIOS	31
4.1.	ANÁLISE DO DICIONÁRIO PORTUGUÊS-ESPANHOL (GARCIA, 1958)	32
4.1.1	Análise do Prefácio	32
4.1.2	Análise dos Verbetes	44
4.2	ANÁLISE DO DICIONÁRIO PORTUGUÊS-ESPANHOL (ALMOYNA,s/d)	50
4.2.1	Análise do Prefácio	51
4.2.2	Análise dos Verbetes	59
4.3.	ANÁLISE DO DICIONÁRIO PORTUGUÊS-ESPANHOL (CAVERO, 1966)	67
4.3.1	Análise do Prefácio	68
4.3.2	Análise dos Verbetes	76
5	QUADRO COMPARATIVO	83
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
7	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	96
8	ANEXOS	99

INTRODUÇÃO: ESTUDO DISCURSIVO DE DICIONÁRIOS

Analisar discursivamente o dicionário proporciona compreender além dos efeitos de sentido de completude e certitude que este tipo de objeto evoca.

A partir da perspectiva teórico-metodológica da Análise de Discurso, consideramos o dicionário um objeto discursivo que como tal apresenta em suas marcas, enunciados elaborados por sujeitos a partir de uma posição, inseridos em formações discursivas que proporcionam a construção de imagens sobre a sociedade, sobre a língua sobre outros sujeitos, constituindo uma rede de significações em seus discursos.

O dicionário português-espanhol na história lexicográfica portuguesa e espanhola apresenta uma produção mais recente comparada a outras lexicografias bilíngues, evocando uma memória de unidade e homogeneidade. Nosso material de análise é formado por três dicionários bilíngues português-espanhol publicados em meados do século XX e que possuem como uma de suas características em comum estarem em maior número nas bibliotecas das universidades públicas de São Paulo até os dias atuais.

Tendo em vista essa concepção de dicionário e o corpus selecionado, esta dissertação tem por objetivo mostrar uma análise discursiva sobre dicionários bilíngues português-espanhol a fim de observarmos os discursos dos lexicógrafos que há nestes materiais sobre a língua, a língua portuguesa e a língua espanhola, o fazer lexicográfico, o discurso sobre o próprio dicionário e a construção da imagem de seus leitores, para compreendermos quais os sentidos que estão nestas obras.

Há muitos estudos sobre dicionários de língua portuguesa e de língua espanhola na Lexicografia, na Língua Funcional e na Língua Aplicada, porém, o estudo de dicionários é recente na história da Análise de Discurso no Brasil, assim como os trabalhos que envolvem a produção lexicográfica portuguesa e espanhola por meio da perspectiva do discurso.

Assim, pretendemos contribuir com o desenvolvimento da análise discursiva de dicionários, principalmente no que se refere aos trabalhos com dicionários bilíngues português-espanhol.

A nossa dissertação apresenta em seu primeiro capítulo o dispositivo teórico da Análise de Discurso mobilizando os conceitos desta área para o estudo discursivo de dicionários. Apresentaremos ainda neste capítulo, uma breve história sobre dicionários bilíngues português-espanhol e a inserção da língua espanhola no Brasil.

O segundo capítulo intitulado “Constituição do corpus e método” apresenta nosso material de análise e um breve resumo sobre seus autores. Em seguida, mostraremos qual será nosso recorte, os critérios utilizados para nossa seleção e os procedimentos de análise para o desenvolvimento do trabalho. No terceiro capítulo apresentaremos a análise discursiva do nosso material selecionado. Esse capítulo está subdividido em três partes, cada uma delas referentes às análises do prefácio e de uma lista de verbetes de cada dicionário.

Este trabalho apresenta um quarto capítulo em que mostramos algumas considerações comparativas entre os nossos dicionários. Em seguida, temos um quinto capítulo com nossas considerações finais e nossas perspectivas futuras sobre o estudo discursivo de dicionários. Por final, mostramos nossas referências bibliográficas e os textos em anexos usados para esta dissertação.

2. ANÁLISE DE DISCURSO E DICIONÁRIOS

Este capítulo apresentará os conceitos da perspectiva teórica denominada Análise de Discurso de linha francesa, que nortearam esta dissertação intitulada *Análise discursiva de dicionários bilíngues português-espanhol*. Apresentaremos principalmente, os pressupostos teóricos mobilizados nos trabalhos desenvolvidos no Brasil por Eni Orlandi. Nosso objetivo nessa parte é mobilizar alguns conceitos, não todos, da Análise de Discurso, que trabalharemos ao longo desta pesquisa. Mostraremos em seguida os conceitos discursivos trabalhados, principalmente por José Horta Nunes, na análise de dicionários. Por fim, apresentaremos uma breve história dos dicionários português-espanhol e a inserção da língua espanhola no Brasil.

2.1. A Análise de Discurso

A perspectiva teórica Análise de Discurso, a qual, nos filiamos, iniciou-se na França na década de sessenta com os trabalhos de Michel Pêcheux¹ e desenvolveu-se no Brasil, principalmente, pelos estudos de Eni P. Orlandi. Atualmente, há um grande número de pesquisadores² que desenvolve, na maioria das vezes, nas universidades brasileiras, trabalhos em Análise de Discurso de linha francesa.

O sujeito ao dizer (e ao calar-se) constrói um discurso, que como afirma Michel Pêcheux: “não se trata de uma transmissão de informação entre A e B, mas de modo mais geral, de um efeito de sentido entre os pontos A e B”

¹ Michel Pêcheux retornou em vários momentos aos conceitos que elaborou e desenvolveu na perspectiva discursiva. Em “Análise de Discurso: três épocas” (1997), encontramos alguns momentos desta reflexão. Gregolin (2006) explana o percurso teórico de Pêcheux e apresenta resumidamente a primeira proposta teórica em (AAD69), o segundo momento que problematiza e refina alguns conceitos e por final seu encontro com a “nova História”.

² Em obras como “Análise do discurso no Brasil. Mapeando conceitos, confrontando limites” (2007) e “Política Linguística no Brasil” (2007), encontramos um panorama que apresenta o trabalho de vários pesquisadores que desenvolvem estudos discursivos por meio da perspectiva iniciada por Michel Pêcheux e trabalhada no Brasil por Eni P. Orlandi, além de trabalhos da História das Ideias Linguísticas atreladas à ótica do discurso.

(PÊCHEUX, 1990b, p.82). Este discurso é construído em um conjunto de condições de produção que propiciam sua posição em uma ou mais formações discursivas, que Pêcheux (1997, p.160) as define como: “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura determina o que pode e deve ser dito”.

Ao se analisar um discurso, deve-se considerar segundo Orlandi (2001) as Condições de Produção em sentido amplo, em que se observa em quais conjunturas sócio-históricas é realizado o discurso, em que contexto social, político, econômico, entre outras condições, o discurso proferido é realizado. Na construção de um discurso também há as condições de produção em sentido estrito, as quais mostram em que situação enunciativa o sujeito estabelece por meio da linguagem os sentidos com seu interlocutor.

Segundo Pêcheux (1997) os sentidos das palavras se constitui em cada formação discursiva, nas relações que tais palavras mantêm com outras palavras da mesma formação discursiva, sendo que esse todo complexo de formações discursivas constitui o que se chama de Interdiscurso.

A língua para Pêcheux (1990a) é uma sistematicidade por meio da qual o sujeito constrói seu discurso. Há uma disputa de sentidos nos discursos, em que se evidenciam aqueles que permanecem e ressoam, dado um conjunto de condições sociais, políticas e históricas. Esta sistematicidade da língua está sujeita ao equívoco no discurso, propiciando que aquilo que foi dito seja interpretado de uma maneira diferente que o sujeito previu.

Há na Análise de Discurso a mobilização de alguns conceitos da Linguística, como *língua*, do Materialismo Histórico, como *história* e *sujeito*, e da Psicanálise, como *sujeito inconsciente*, propiciando a uma “ruptura epistemológica” (MALDIDIER, 1997, P. 19) e constituindo conceitos discursivos. O conceito de língua de Saussure é revisitado e mobilizado considerando-a não mais como um sistema fechado, mas como uma sistematicidade. O conceito de sujeito é mobilizado na leitura que Pêcheux (1990a) faz de Althusser (1970) considerando que a “Ideologia interpela os indivíduos em sujeitos através das formações ideológicas”.

Sobre a relação entre História e Historicidade, Nunes (2003, p. 373) diz que:

“O termo historicidade funciona de modo a caracterizar a posição do analista de discurso em relação à do historiador. O deslocamento história/historicidade marca uma diferença entre as concepções de história, de um lado como conteúdo, e de outro como efeito de sentido... Aos analistas de discurso, a história passou a ser vista não como um pano de fundo, um exterior independente, mas como constitutiva da produção de sentido. Trabalhar a historicidade implica em observar os processos de constituição dos sentidos e com isso desconstruir as ilusões de clareza e de certeza”.

Em relação ao momento de enunciação do sujeito, há uma linearidade no seu dizer composta de retornos, em que um eixo de formulação é construído. Pêcheux (1997, p.166) chama este eixo de Intradiscurso, que para ele é: “o funcionamento do discurso com relação a si mesmo”. O sujeito ao construir as imagens de seu discurso é atravessado por outras discursividades que participam de uma ou mais formações discursivas presentes no Interdiscurso, formando o que se denomina eixo da constituição.

Pela Análise de Discurso toda sequência enunciativa apresenta uma rede de paráfrases constituída por meio das formulações discursivas na relação Intradiscurso e Interdiscurso. Segundo Pêcheux e Fuchs (1990a) todo discurso apresenta uma superfície linguística em que há um discurso concreto que constitui o objeto discursivo, que é o resultado da transformação da superfície linguística em discurso, recortado no Interdiscurso, que mobilizado pelas posições do sujeito constroem um processo discursivo onde há as relações das formações discursivas.

2.2. Dicionários

2.2.1. Estudo discursivo de dicionários

Os estudos sobre dicionários realizados pela perspectiva discursiva mobilizam os conceitos da Análise de Discurso para compreender as marcas que estão nos textos introdutórios, na escrita dos verbetes e nos textos complementares destas obras. O dicionário para a Análise de Discurso é um objeto discursivo formulado em uma conjuntura social e que como tal produz efeitos de sentidos que ressoam e evocam memórias discursivas. Para Nunes

(2006, p.11): “O dicionário sustenta as evidências dos sentidos, funcionando como um instrumento de estabilização dos discursos”.

O dicionário, além da Análise de Discurso, é objeto de pesquisa de outras áreas do saber como, por exemplo, a Lexicografia e a Lexicologia, a Língua Aplicada e os Estudos da Tradução. Esta dissertação baseia-se na perspectiva do discurso e norteia-se principalmente pelos trabalhos de José Horta Nunes (2001, 2002, 2003, 2006, 2007) e Francine Mazière (1989, 1997, 2007) sobre estudos discursivos de dicionários.

Por meio do conceito de gramatização e instrumento linguístico, desenvolvidos por Auroux (1992) na *História das Ideias Linguísticas*³, a Análise de Discurso vai observar na constituição dos dicionários determinados aspectos de sua historicidade.

Segundo a *História das Ideias Linguísticas*: “Por gramatização deve-se entender o processo que conduz a descrever e a instrumentar uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares de nosso saber metalinguístico: a gramática e o dicionário” (AUROUX, 1992, p.65). Por instrumento linguístico entende-se que do “mesmo modo que o martelo prolonga o gesto da mão, a gramática e o dicionário prolongam a fala natural e dá acesso a um corpo de regras e de formas que não figuram junto na compreensão de um interlocutor” (AUROUX, 1992, p.69)

Sobre compreender o dicionário como instrumento linguístico pelo viés do discurso, Nunes (2006, p. 43) diz que:

“Considerar o dicionário como um instrumento linguístico implica em concebê-lo como uma alteridade para o sujeito falante, alteridade que se torna uma injunção no processo de identificação nacional, educação e divulgação de conhecimentos linguísticos. A análise do dicionário procura compreender essa forma de alteridade, descrevendo e interpretando sua materialidade linguística. Assim, o dicionário se apresenta como uma exterioridade para o sujeito e interfere na relação que ele entretém com a língua em determinadas conjunturas.”

³ A *História das Ideias Linguísticas* considera o saber linguístico (Auroux, 1992) na relação do homem com a linguagem desde os tempos da Antiguidade, não se prendendo a uma História da Linguística, entendida como no século XIX. Em *História das Ideias Linguísticas*. Construção do saber metalinguístico e Construção da língua Nacional (2001) encontramos o olhar dos pesquisadores brasileiros.

O dicionário, como todo objeto discursivo, é elaborado por um sujeito que ocupa posições em um conjunto de formações discursivas presentes no Interdiscurso. A partir da inscrição deste sujeito nestas formações imersas nas condições de produção da conjuntura social que ocupa, é que o sujeito lexicográfico vai exercer a função de autor. Para Orlandi (1996a, p.56) o autor é “o lugar em que se constrói a unidade do sujeito. É onde se realiza seu projeto totalizante”.

Sobre o conceito de autoria Nunes (2006, p. 23) ao considerar os trabalhos de Orlandi e Foucault diz que:

“Quando pensamos o autor, não se trata do sujeito empírico, mas sim da forma histórica do sujeito-autor em diferentes conjunturas. Esta função pode ser ocupada por um ou outro sujeito empírico. O que importa são as projeções imaginárias que aí se constroem, tais como as imagens do dicionário de autor e as do dicionário de instituição. A autoria depende das injunções das formações discursivas.” (NUNES, 2006, p.23).

O sujeito lexicográfico, na maior parte dos casos, ao escrever sua obra constrói a imagem de língua, de seu público leitor e de seu próprio dicionário nos prefácios, nos verbetes e nos textos complementares.

A Análise de Discurso mobiliza no estudo dos dicionários conceitos que se configuram em uma lexicografia discursiva. Segundo Orlandi (2000. p.97):

“A lexicografia discursiva vê, nos dicionários, discursos. Desse modo, na escuta própria a análise do discurso, podemos ler os dicionários como textos produzidos em certas condições, tendo o seu processo de produção vinculado a uma determinada rede de memória ante a língua... Há um processo pelo qual o dicionário, ao representar a língua a provê de uma realidade. O efeito que nos interessa compreender nesse processo discursivo que se desenvolve na constituição do dicionário é o da completude, ou seja, o efeito da completude da representação da língua no dicionário.”

Há nos prefácios, e nos demais textos introdutórios, na maioria dos dicionários de línguas, o projeto dicionarístico do lexicógrafo, onde já se observam para quais leitores o autor pensou a obra, por meio da observação

do tipo de texto, de linguagem e considerações que constituem seu discurso sobre sua obra.

Sobre a importância dos prefácios na análise discursiva dos dicionários, Nunes (2006, p.33), afirma que:

“Os prefácios constituem material fundamental para a análise das condições de produção do discurso e da posição do lexicógrafo. Lá os autores se colocam, construindo as imagens dos leitores e as do dicionário: o plano da obra, a concepção de língua, o recorte da nomenclatura, os procedimentos lexicográficos, o contexto em que se insere. Este aspecto da posição do lexicógrafo refere-se ao que, a partir desta posição, se diz (ou não se diz) sobre a língua, o dicionário e seus interlocutores”.

Pelo estudo dos verbetes podemos observar a seleção realizada pelo lexicógrafo ao compor sua obra, utilizando muitas definições⁴, nos casos de dicionários bilíngues, se pretende apenas apresentar a palavra equivalente na outra língua, se há exemplos registrados em diferentes variedades, se há sinônimos, prevendo um leitor com acervo de vocabulário para que possa compreender o verbo a partir de outras definições.

Nunes (2003) na análise de dicionários monolíngues do Brasil mobiliza alguns conceitos da Análise de Discurso para desenvolver seu dispositivo analítico para o estudo do seu corpus. Por meio da leitura de Orlandi (1999), Nunes (2003 p.14) considera que “Uma leitura discursiva de dicionário questiona a transparência da definição, e através do dispositivo de interpretação, objetiva explicitar a relação entre formulação (intradiscurso) da definição e sua constituição (interdiscurso)”.

Sobre a relação entre formação discursiva e o enunciado definidor, Nunes (2003 p.16) considera que “os sentidos da definição não são detectáveis no interior do enunciado definidor, tomado isoladamente, mas sim na relação que esse enunciado estabelece com outros em determinadas formações discursivas”.

Os textos complementares (apêndices, tabelas etc.) também podem mostrar a posição do lexicógrafo sobre o conceito de gramática, sua

⁴ Ler MAZIÈRE, M. O enunciado definidor: discurso e sintaxe. In: GUIMARÃES (org.) *História e sentido na Linguagem*. Campinas: Pontes, 1989.

perspectiva sobre língua, e os procedimentos realizados para a leitura do consulente, com textos explicativos e referência a outras obras.

Deste modo, ao analisar discursivamente o dicionário, o analista deve observar os elementos fonéticos, gramaticais e as relações parafrásticas que compõem a superfície linguística do discurso, em seguida a sistematicidade da língua e a posição ocupada pelo lexicógrafo ao compor o objeto discursivo para que a partir disso possa mostrar as relações entre as formações discursivas que formam o processo discursivo da obra.

2.2.2 Dicionários bilíngues português-espanhol

A análise discursiva de dicionários observa as discursividades nos textos introdutórios (prefácios e textos explicativos), na escrita dos verbetes e nos textos complementares (tabelas, apêndices gramaticais). Os discursos construídos pelos lexicógrafos são atravessados por diferentes discursos que ressoam no tempo e afetam as significações dadas por seus autores.

Os dicionários bilíngues português-espanhol apresentam como característica o reduzido número de publicações desde o início de suas produções em meados do século XIX até os dias atuais. Observando os trabalhos sobre a história da lexicografia portuguesa e espanhola constatamos que há menos de uma dezena de dicionários bilíngues português-espanhol em mais de um século do início da produção lexicográfica dessas duas línguas. Assim, também, ao observarmos na atualidade o número de publicações desses dicionários, perceberemos que esse reduzido número de publicações ainda se mantém, dividindo o pequeno espaço no mercado editorial com os dicionários monolíngues de língua portuguesa e de língua espanhola.

Segundo Messner (2008) os primeiros dicionários bilíngues de língua portuguesa e língua espanhola são elaborados na segunda metade do século XIX, tendo como os primeiros o *Diccionario Español-Portugués* de Manuel do canto e Castro Mascarenhas Valdez de 1866, o *Diccionario hespanhol-portuguez e portuguez-hespanhol* de Jorge Cesar Figaniere de 1880, o *Novo diccionario hespanhol-portuguez* de A. M. Pereira de 1897 e o

Novo diccionario hespanhol-portuguez e portuguez-hespanhol do Vizconde de Wildik de 1899.

A história da produção lexicográfica de dicionários bilíngues de língua portuguesa e outra língua, excluindo-se o latim, mostra que em relação à língua espanhola, os dicionários bilíngues português-espanhol foram elaborados tardiamente, como mostra o mesmo trabalho de Messner (2008), em que o *A Complet Account of the Portugeze Language* em 1701, foi o primeiro dicionário bilíngues de português-inglês, em seguida o *Tesouro dos Vocabulos Das duas línguas Portuguêza e Bêlgica* de 1714, posteriormente, o *Novo Diccionario das lingaus portugueza e franceza* de 1764, e o *Novo Diccionario portuguez-alemão e alemão-portuguez* de 1811. Tal posição na história é analisada por Pilar Quesada em Messner (2008) mostrando que havia uma imagem de homogeneização entre língua portuguesa e língua espanhola no imaginário dos lexicógrafos do século XIX.

Sobre a história da lexicografia brasileira, Nunes (1996) mostra que os relatos dos primeiros viajantes que aportavam no Brasil marcam o início da formação de um léxico brasileiro por meio de lista de verbetes organizados tematicamente. No mesmo texto, o autor apresenta um percurso sobre a elaboração de dicionários no país. Segundo ele, os dicionários bilíngues português-tupi/tupi-português para fins catequéticos, como o *Vocabulário da Língua Brasília (VLB)*, constituem os primeiros dicionários de língua ordenados alfabeticamente no Brasil. Posteriormente no século XIX, a produção de dicionários bilíngues voltou-se para a construção de uma história brasileira por meio do trabalho de arquivo deixado pelos jesuítas. Para Nunes (1996) a respeito da produção de monolíngues no Brasil, o *Dicionário de Língua Portuguesa*, de A. de Moraes e Silva (1789), primeiro monolíngue, constitui uma retomada do *Vocabulário Português e Latim*, de R. Bluteau (1712).

Observando a história da constituição dos dicionários bilíngues, analisamos que o projeto lexicográfico de produção desses materiais é extenso e demorado dado ao reduzido número de lexicógrafos e a extensa lista de vocábulos que podem compor um dicionário bilíngue. Assim podemos encontrar em alguns momentos na produção dessas obras verbetes que são

escritos por outros autores que não o lexicógrafo responsável, dado ao desgaste que esse trabalho proporciona e que por isso, conseqüentemente, ocasiona na escrita dos verbetes, exemplares distintos da maioria no dicionário.

As formações discursivas em que se inscrevem os lexicógrafos dessas obras apresentam diferentes discursividades na elaboração das imagens que eles constroem sobre a língua, sobre a língua portuguesa e a língua espanhola, sobre seu olhar em relação aos seus possíveis leitores e em relação ao seu próprio dicionário. O sentido de língua que é atribuído pelos lexicógrafos é constituído a partir da formação desses autores, a depender de sua constituição profissional, se transita pelos meios acadêmicos e de quais teorias participa. Da mesma maneira, a imagem que é constituída sobre língua portuguesa e sobre língua espanhola dependerá do que esses lexicógrafos consideram ser português e espanhol, se observam as variedades dessas línguas, suas modalidades e suas diversas aplicações nos mais variados meios sociais.

Observando a circulação de dicionários bilíngues português-espanhol no contexto brasileiro encontramos o *Dicionário Português-Espanhol*, de Hamílcar de García, o *Dicionário de Português-Espanhol*, de Julio Martínez Almoyna e o *Diccionario Portugues-Español*, de David Ortega Cavero, como representantes de uma nova fase de produção de dicionários bilíngues português-espanhol pós a publicação dos primeiros dicionários no século XIX. Sendo respectivamente publicados no Brasil, em Portugal e na Espanha, esses dicionários são apresentados pelos seus lexicógrafos como fundadores de uma nova forma de seleção e organização de novos vocábulos construídos a partir de novas práticas na sociedade brasileira, portuguesa e espanhola.

Como analista de discurso, a partir das considerações apresentadas sobre dicionários, queremos analisar nesses materiais as discursividades construídas pelos lexicógrafos sobre o sentido de língua, língua portuguesa e língua espanhola, analisar a imagem que os autores dos dicionários constroem de seu leitor-virtual e as imagens que eles apresentam de suas próprias obras. Para esse objetivo selecionamos para este trabalho os dicionários português-espanhol de Hamílcar de Garcia, de Julio Martínez

Almoyna e de David Ortega Cavero, a fim de realizarmos uma análise discursiva de dicionários bilíngues.

A escolha de dicionários português-espanhol se deu, além das nossas considerações sobre dicionários, por termos o português como língua nativa, por trabalharmos no campo dos estudos da linguagem e querermos compreender as imagens construídas nesses materiais. A escolha do estudo da relação entre língua portuguesa e língua espanhola se deu por observarmos o aumento da inserção do espanhol na conjuntura social brasileira, dado o processo de globalização e acordos políticos e comerciais, que aproximou os sujeitos falantes de português e de espanhol, proporcionando uma intensa produção acadêmica sobre os aspectos linguísticos e sobre o ensino do espanhol, além do aumento de cursos de idiomas e a oferta no setor público e privado educacional.

No entanto, antes da análise dos dicionários português-espanhol, apresentaremos um breve resumo sobre o processo de inserção e institucionalização da língua espanhola na conjuntura social brasileira para nos ajudar a compreender determinadas imagens construídas no dicionário bilíngue elaborado no Brasil e nos auxiliar na análise da circulação dos outros dois dicionários europeus que constituem nosso corpus.

2.2.3.A língua espanhola no Brasil.

Os estudos de CELADA (2002, 2004, 2005, 2007, 2008), FANJUL (2000), PINO (2006), LEMOS (2008), SOUSA (2007), FERRERO (2009) e RODRIGUÉS (2010) apresentam um panorama sobre a inserção da língua espanhola na sociedade brasileira e a produção e circulação de materiais em espanhol no Brasil.

O estudo de Bruno Ayllón Pino intitulado *As relações Brasil-Espanha na perspectiva da política externa brasileira (1945-2006)*, publicado em 2006 apresenta um viés político sobre a relação entre Brasil e Espanha apontando para algumas características, que para nós, indica circunstâncias sobre condições de produção e circulação de determinados dicionários português-espanhol que estão no país.

Segundo Pino (2006), a partir do término da 2ª Guerra Mundial (1945) é que se iniciam de maneira representativa os primeiros contatos institucionais entre Brasil e Espanha. Entre 1945 e 1979 estes dois países mantiveram-se no que se denomina de “mútua irrelevância” caracterizada não por uma ausência de relações, mas por uma carência de interesses em comum, prevalecendo somente à manutenção de um clima de cordialidade, pautado por debates sobre a imigração espanhola no Brasil e problemas oriundos do intercâmbio comercial, o que viria se estreitar a partir de 1979 com o processo de redemocratização brasileira e a entrada da Espanha no Mercado Comum Europeu (MCE).

Em relação aos contatos entre o Brasil e seus vizinhos sul-americanos, principalmente a Argentina, Adrián Pablo Fanjul em um estudo intitulado *Deslocando a proximidade. Discursividade no contato português-espanhol*, de 2000 afirma que:

“o contato entre Brasil e Argentina e/ou países do MERCOSUL é fragmentário porque não emerge na cultura do outro, socialmente segmentado porque as atividades relacionadas ao MERCOSUL são hoje de gerenciamento econômico, empresarial e institucional, e com fins específicos porque a própria natureza dessas atividades, como de outras tais como música, cinema, turismo, que, em épocas passadas e hoje, têm posto em contato, enunciados e enunciadores da região, faz com que esse contato esteja subordinado à atividade do mesmo”.

Sousa (2007), Lemos (2008) e Ferrero (2009) apresentam em suas pesquisas um histórico sobre o processo de institucionalização do ensino de espanhol no Brasil e sua representatividade nos contextos escolares, econômicos e midiáticos, embasadas, principalmente, no trabalho de María Teresa Celada de 2002. Por meio da leitura de Celada (2002), as autoras remontam historicamente a inserção da língua espanhola nas práticas educativas da sociedade brasileira.

Em relação ao processo de oficialização das leis sobre a educação brasileira, encontramos em Rodriguês (2010) que durante o período colonial, a prática educativa no Brasil era desenvolvida nas casas pelos padres jesuítas por meio do método *Radio Studiorum* criado por Inácio de Loyola. Somente em 1837 com a criação do *Collegio Pedro Segundo* que se

estabeleceu no país um padrão para o ensino secundário que se oficializou na República por meio do Decreto 1075 de 22 de novembro de 1890.

Sobre a institucionalização da língua espanhola no processo de ensino no Brasil, encontramos na leitura que Rodriguês (2010) faz de Celada (2002) que desde o início da criação das primeiras universidades brasileiras na década de 30, o espanhol era considerado uma língua suporte para a tradução das obras clássicas espanholas. A partir da década de 40, o ministro da educação e saúde Gustavo Capanema por meio da Lei 4.244 (Lei Orgânica do Ensino Secundário) de 9 de abril de 1942, dentre várias normas, estabelece o ensino obrigatório da língua espanhola para o ensino secundário brasileiro. Entretanto, Rodriguês (2010) mostra que essa obrigatoriedade do espanhol tem como justificativa as condições geográficas do Brasil e não a capacitação profissional dos estudantes como previa o ensino obrigatório do inglês e do francês, também estipulado pela mesma lei, e que por consequência passou por um processo de desoficialização, resultando em um lugar fora do ambiente escolar como centro de línguas e projetos não oficiais.

Os colégios secundários brasileiros ensinaram espanhol, inglês e francês até o ano de 1964 quando o *Golpe Militar* modificou a estrutura do ensino no Brasil, estipulando apenas o ensino obrigatório de uma única língua estrangeira, que com o passar do tempo se tornou o inglês. Somente a partir dos anos 80 com a criação dos CEL (Centro de Estudos de Línguas) é que o ensino de língua espanhola voltou a ser oferecido em alguns estados do Brasil como Paraná e São Paulo.

Segundo Kulikowski (2005, p.47), se observa na sociedade brasileira, cada vez mais, a presença da língua espanhola, seja por meio das relações do Brasil com os países da América espanhola, como também a inserção de empresas espanholas no mercado brasileiro, possibilitando aos falantes de língua portuguesa maior contato com o idioma espanhol. Tal proximidade proporcionou o surgimento de um público interessado em aprender espanhol, ocasionando um processo de oferta do ensino de língua espanhola em escolas de idioma, abertura de cursos universitários para licenciatura em língua espanhola, a inclusão do espanhol na rede pública de

ensino e o aumento de pesquisas que trabalham os mais variados aspectos do idioma espanhol no contexto brasileiro.

A partir da década de 90 com a criação do MERCOSUL e o Tratado de Educação para integração do Cone Sul de 26 de março de 1991 é que a língua espanhola volta a ter prestígio na e para sociedade brasileira. Inicialmente oferecido nas escolas de idiomas como “souvenir” agregado a curso de inglês, o espanhol assumiu lugar de destaque a partir dos anos 2000 como a aproximação econômica e cultural dada à aquisição de empresas espanhola no mercado nacional, ocasionando nos últimos anos na inserção da língua espanhola na grade das escolas particulares e mais recentemente na lei 11.161 de oferta de espanhol no ensino público aprovada em cinco de agosto de 2005.

Em relação aos materiais de língua espanhola utilizados ao longo dessa institucionalização do espanhol na educação brasileira, observamos que o *Manual de Espanhol* de Idel Becker, publicado pela Companhia Editora nacional em 1945 viria a se tornar a obra mais conhecida no ensino dessa língua, principalmente no que se refere ao estudo normativo da gramática espanhola e da tradução de textos em português para o espanhol.

No entanto, Celada (2002) mostra por meio de uma análise realizada sobre a *Gramática da Língua Espanhola para uso dos brasileiros* de 1920, que o autor desta obra, Antenor Nascentes, instaura um discurso fundador sobre o modo de estudar a relação entre língua espanhola e língua portuguesa no Brasil, e que posteriormente então é revisado e disseminado por Idel Becker em seu manual.

Segundo Celada (2002), Antenor Nascentes apresenta a semelhança nas formas e na sintaxe como características entre a língua portuguesa e a língua espanhola, até então um discurso recorrente entre os estudiosos da linguagem. Porém, o que distingue o discurso de Nascentes é a percepção de que essa semelhança entre as línguas que poderia proporcionar um efeito de facilidade para entender a língua do outro, é o que exige segundo ele, um estudo não perfecuntório, ou seja, um estudo em que haja a necessidade de se observar mais atentamente a relação comparativa entre o português e o espanhol. Ainda segundo Celada (2002), Antenor Nascentes

apresenta em outros textos esse discurso sobre o estudo do espanhol, e assim como em outras discursividades sobre a necessidade de compreender a língua espanhola pela posição geográfica do Brasil, o estudioso apresenta também a necessidade de se observar certos aspectos da modalidade oral.

Diante das características apresentadas, observamos que a imagem de semelhança construída pelos estudiosos e lexicógrafos do século XIX sobre língua portuguesa e língua espanhola ressoa na inserção do espanhol na institucionalização educacional brasileira, mas com a necessidade de instaurar um ensino capaz de compreender esta língua diante desta similitude. Esta imagem permanece e justifica posteriormente a elaboração do dicionário português-espanhol produzido no Brasil e por nós selecionado para este estudo. Assim, o discurso da dificuldade de apreender espanhol dado sua semelhança e as relações de desenvolvimento do Brasil e da América Espanhola atravessam o discurso da equipe lexicográfica que elabora o dicionário de Hamílcar de Garcia. Da mesma maneira ao observarmos as outras duas obras de nosso corpus, constataremos que a imagem de semelhança entre a língua portuguesa e a língua espanhola também é mostrada pelos lexicógrafos europeus em suas obras.

3.CONSTITUIÇÃO DO COPUS E MÉTODO

3.1 Materiais de análise

Este trabalho tem por objetivo analisar discursivamente três dicionários bilíngues português-espanhol a fim de observar as imagens construídas pelos lexicógrafos sobre língua, língua portuguesa, língua espanhola, leitor-virtual e o próprio dicionário.

Nosso material de análise é composto pelas edições dos seguintes dicionários:

- i. GARCIA, H. *Dicionário Português-Espanhol*. 2ª ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1958

O *Dicionário Português-Espanhol*, de Hamílcar de García é um dicionário bilíngue (língua portuguesa e língua espanhola), publicado pela

Editora Globo em Porto Alegre, tendo sua primeira edição datada em 1947. O exemplar analisado é da primeira edição e está em sua segunda impressão, datado no ano de 1958.

Hamílcar de Garcia começou sua carreira na Editora Globo na década de trinta ao substituir Érico Veríssimo como secretário geral. Garcia publicou, além do *Dicionário Português-Espanhol*, várias obras, como *O Rei do Mundo Perdido* (1944), o *Dicionário Espanhol-Português* (1943), o *Dicionário Prático de Coletivos e Correlatos* (1980) e o *Grande Dicionário Enciclopédico Brasileiro* (1978). Além disso, foi um dos responsáveis pela edição do *Dicionário Contemporâneo de Língua Portuguesa* de Caldas Aulete, de 1958 e traduziu várias obras entre elas *O Signo dos Quatros* (1992) de Arthur Conan Doyle.

- ii. ALMOYNA, J. M. *Dicionário Português-Espanhol*. Porto: Porto Editora, s.d.

O *Dicionário de Português-Espanhol*, de Julio Martínez Almoyna é um dicionário bilíngue (de língua portuguesa e de língua espanhola), publicado pela Editora Porto na cidade do Porto, em Portugal. Um relato presente no prefácio do *Dicionário Español-Portugués*, do mesmo autor, datado em 1959, faz referência ao *Dicionário de Português-Espanhol*, em que o lexicógrafo afirma também ter concluído-o, o que nos indica que este dicionário foi elaborado em meados da década de sessenta, já que não foram encontrados exemplares datados da obra

Julio Martínez Almoyna foi membro da Real Academia Gallega e diretor do Colégio Oficial Español do Porto em Portugal, casado com Blanca Domínguez Catá de Martínez Almoyna a qual pertencia ao mesmo colégio e fez parte da equipe que o ajudou a escrever seus dois dicionários *Español-Portugués* e o *Português-Espanhol*, os quais posteriormente foram unidos em uma só obra. Além disso, publicou a *Gramática Espanhola para Portugueses*.

- iii. CAVERO, D. O. *Diccionario Portugués-español*. Barcelona: Ramon Sopena, 1966.

O *Diccionario Portugues-Español*, de David Ortega Caveró é um dicionário bilíngue (língua portuguesa e língua espanhola), publicado pela editora Ramón Sopena, em Barcelona, na Espanha.

David Ortega Caveró nasceu em 1916 na cidade de Cuenca, na Espanha e morreu em 1999 na cidade espanhola de Madrid. Casado com Pilar García Valenzuela, Caveró foi intendente mercantil no *Instituto Nacional de Previsión*, e trabalhou no *Departamento de Interpretación de Lenguas del Ministerio de Asuntos Exteriores* a partir de 1950. Após seu ingresso ao Departamento, seu primeiro trabalho lexicográfico foi assumir a revisão e o término do *Diccionario español-italiano e italiano - español*, no ano de 1955, devido à morte de Martínez Amador, seu autor. Dicionário este, que apresenta na capa o nome dos dois autores até o ano de 1988, quando o nome de Caveró é retirado. Em 1965, David Ortega Caveró elabora o *Diccionario português-español* para a editora Ramon Sopena, (nosso exemplar é de 1966), e em 1985 publica seu último trabalho lexicográfico intitulado de *Diccionario de sinónimos y asociacion de ideas*, também para esta editora.

A escolha desses dicionários se deu primeiramente por serem publicados em diferentes países e por queremos observar como as imagens acima apresentadas são construídas na conjuntura social brasileira, assim também, por queremos compreender como essas imagens são construídas em uma conjuntura europeia que apresenta o português como língua oficial e outra conjuntura que apresenta o espanhol como língua oficial.

Em seguida, as condições de produção mostradas nos prefácios dessas obras, foram mais um fator que contribuiu para nossa escolha, pois, segundo os textos referentes a cada dicionário, essas obras apresentam como característica em comum a responsabilidade de preencher uma ausência de publicações de dicionários português-espanhol estabelecida por mais de quarenta anos.

Finalmente, mais um fator que nos motivou na escolha desses materiais foi a constatação de que esses três dicionários compõem em maior

número os acervos das bibliotecas das universidades públicas paulistas, a saber: Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual Paulista (UNESP) e Universidade de Campinas (Unicamp).

Após realizarmos pesquisa nos acervos digitais de todas as bibliotecas da Universidade de São Paulo (USP), da Universidade Estadual Paulista (UNESP) e da Universidade de Campinas (UNICAMP), buscamos fisicamente encontrar estes exemplares nos prédios de algumas bibliotecas das universidades já citadas, e confirmou-se nossa primeira pesquisa de serem estas obras as mais disponíveis. Isso foi um dos motivos que consideramos como analista de discurso a querermos compreender quais as discursividades que há nestas obras que ocupam tão representativamente uma posição de destaque nestas universidades, local onde há a formação e a circulação de discursos sobre as especificidades das línguas com mais intensidade.

Escolhemos o acervo das bibliotecas de universidades públicas paulistas por entendermos que nestes ambientes estão circulando sujeitos que se filiam à língua espanhola no contexto brasileiro (no estudo do idioma em cursos de Letras, na produção acadêmica de pesquisadores sobre esta língua no Brasil e nos projetos de extensão para o público externo das universidades) e que utilizam estes materiais para adquirirem significados sobre certos aspectos do espanhol.

3.2. Metodologia

Para a Análise de Discurso, “todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação” (PÊCHEUX, 1990, p.53). Na perspectiva teórica da Análise de Discurso, “o que importa é destacar o modo de funcionamento da linguagem... que não é integralmente linguístico, uma vez que dele fazem parte as condições de produção, que representam o mecanismo de situar os protagonistas o objeto do discurso” (ORLANDI, 1996, p117).

Para o nosso trabalho, utilizaremos como base o dispositivo analítico formado por Nunes (2006) para a análise de prefácios no que se refere aos estudos das condições de produção, das imagens construídas pelo sujeito lexicógrafo no que diz respeito a sua obra, seu público leitor e sobre a

língua. Em seguida estudaremos um conjunto de verbetes de cada dicionário para observarmos se os discursos dos lexicógrafos em dois dos três prefácios ressoam na escrita dos verbetes e se as imagens construídas no prefácio elaborado pela equipe editorial de Hamílcar de Garcia estão na escrita do lexicógrafo.

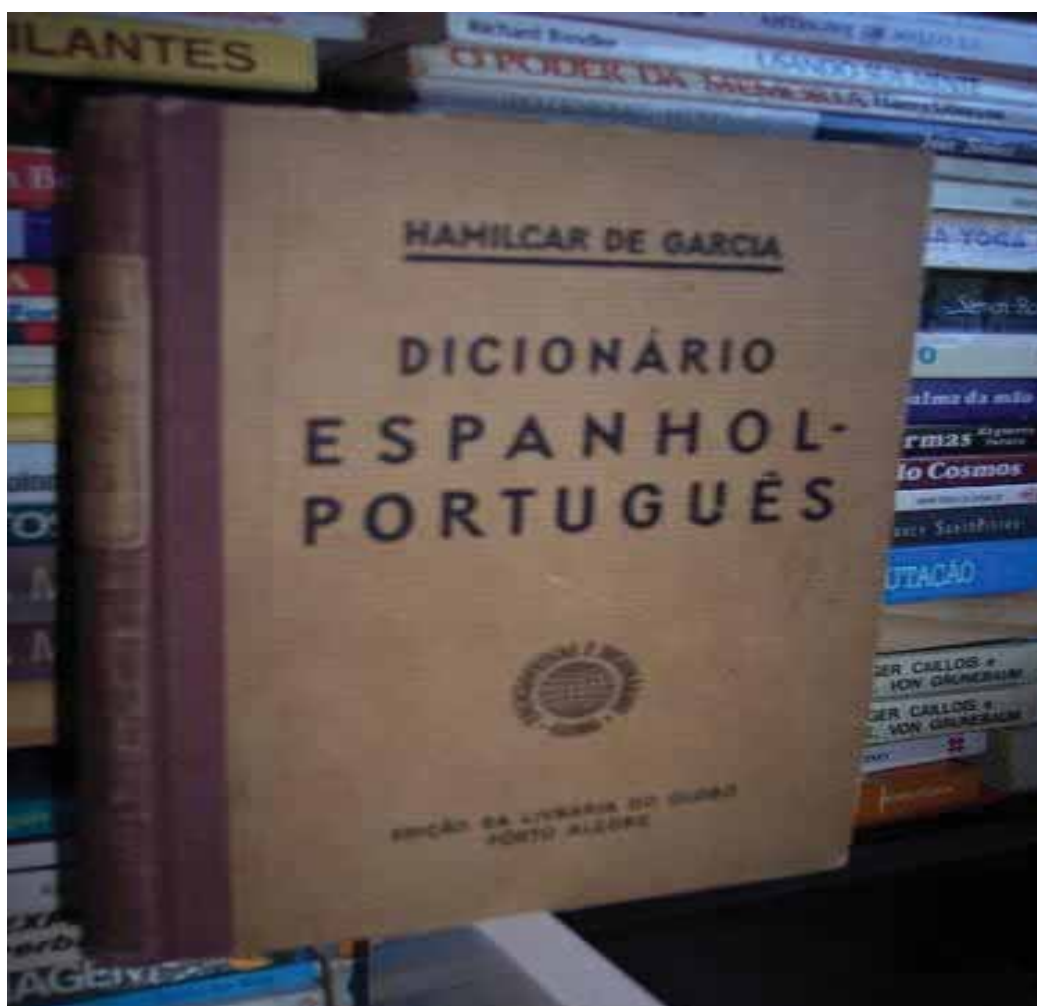
Analisaremos cada dicionário separadamente por meio da observação dos enunciados presentes nos prefácios e na seleção e escrita dos verbetes. Posteriormente, faremos algumas considerações comparativas em um capítulo separado.

Para a análise dos prefácios apresentaremos por primeiro, o texto completo na língua original (espanhol), e observaremos no decorrer de nossa escrita, algumas sequencias enunciativas retiradas do texto original a fim de compreendermos as condições de produção de cada obra e as perspectivas geradas pelos lexicógrafos, realizando um estudo interdiscursivo e por algumas vezes, buscando alguns fragmentos intertextuais. Há no final deste trabalho o mesmo texto traduzido livremente para o auxílio na leitura desta pesquisa.

Para a análise dos verbetes apresentaremos no início de cada análise uma lista com os cinquenta primeiros verbetes da letra M do dicionário analisado. No decorrer da análise exporemos alguns verbetes dessa lista para exemplificarmos as observações feitas por nós. Não exporemos todos os verbetes das listas por acreditarmos que há certas regularidades que subdividem esses verbetes em grupos menores, em que a exposição de alguns exemplos já se faz suficiente para mostrar nossos objetivos propostos. Há no final desta pesquisa um quadro geral sobre todos os verbetes pertencentes do nosso corpus.

A escolha de selecionarmos uma letra do alfabeto para analisarmos os verbetes, se dá por optarmos em não fazer um estudo temático, e sim, uma análise que se proponha observar todo e qualquer aspecto dos verbetes. A seleção da letra M foi realizada por acreditarmos estar mais estabilizada a escrita do lexicógrafo na elaboração do dicionário, já que a produção da obra provavelmente atingiu mais da metade do projeto do autor.

4. ANÁLISE DISCURIVA DE DICIONÁRIOS BILÍNGUES PORTUGUÊS-ESPANHOL



4.1. ANALISE DO *DICIONÁRIO PORTUGUÊS-ESAPANHOL* DE HAMÍCAR DE GARCIA

4.1.1. Análise do Prefácio

Prefacio

Hace más de cuarenta años que no se publicaba un diccionario portugués-español. Cuantos lo fueron en este siglo, no son más que meras copias o reimpressiones de los trabajos compilados en el siglo XIX. En tanto, el progreso de la ciencia y de la técnica, y el paulatino cambio de conceptos sociales, han dado lugar al nacimiento de innúmeras voces y a nuevas acepciones de viejos vocablos. De aquí la necesidad de compilar un diccionario bilingüe enteramente actual, trazado sobre un patrón moderno y totalmente de acuerdo con el léxico contemporáneo de ambas lenguas. La presente obra ha sido ajustada a este propósito y ofrece a las personas de habla española el más nutrido, completo y correcto vocabulario del idioma portugués, tal como hoy se habla y escribe en Portugal y Brasil.

He aquí los puntos principales en plan de la obra:

AUTORIDADES. Para que este diccionario resultase un trabajo práctico y moderno que incluyera los más recientes y autorizados neologismos del idioma portugués, además de ciertas peculiaridades brasileñas y lusitanas, el autor ha adoptado como base y punto de partida la última edición del *Pequeño Dicionário Brasileiro da Lengua Portuguesa*, de Lima Barroso, transcribiendo palabra por palabra cuantos vocablos contiene aquel léxico como así también todos los modismos y expresiones más usuales con la sola excepción de algunas voces anticuadas, provincialismos de Portugal y palabras de doble ortografía.

La traducción y definición de los vocablos portugueses está basadas en el vocabulario de la última edición del Diccionario de la Academia Española, elegido por el autor como punto de coordinación y control de los matices que van tomando las voces españolas en los distintos países de Hispano-América.

Aún cuando se han evitado neologismos, galicismos, anglicismos, provincialismos y americanismos inútiles, no se ha vacilado en emplear términos que, si bien la Academia nos los trae, están sancionados por otras autoridades y por el uso general.

BRASILEÑISMOS Y AMERICANISMOS. Las peculiaridades locales que toma el idioma de España en los distintos países y regiones donde se habla y escribe el castellano, especialmente entre el pueblo, pertenecen al mismo orden de peculiaridades asumidas por la lengua de Portugal en distintas regiones y provincias del vasto territorio del Brasil. Estas peculiaridades, y hasta ligeras diferencias, aunque no tengan un carácter dialectal, son lo suficientemente importantes como para señalarlas en un buen diccionario.

En las Américas, cuatro siglos de vida particular y el subsiguiente desarrollo de una literatura y una economía propias, han modificado, tanto en el Brasil como en los dieciocho países hispanoamericanos y en extensión razonable, el vocabulario del castellano y del portugués peninsulares, ya por una selección típica, ya por alteraciones semánticas, y, sobre todo, por la formación de nuevas palabras. Cada uno de estos casos se encuentran debidamente registrados en la presente obra.

Los brasileñismos del idioma portugués son, por esto, traducidos por americanismos de la lengua castellana, siempre que los primeros se refieran a actividades o conceptos comunes al Brasil y a uno o más de los países hispanoamericanos con los cuales la República brasileña mantiene un directo contacto económico o geográfico. Así ciertos términos brasileños, como por ejemplo los empleados entre los ganaderos de Rio Grande del Sur, provincia que linda con Argentina Y Uruguay, países también dedicados a la cría del ganado, son traducidos por argentinismos o modismos uruguayos y, además, claramente definidos en castellano.

TÉRMINOS TÉCNICOS. El mayor aporte de términos técnicos, sobre todo relativos a automovilismo, aeronáutica, radiocomunicación y arte militar, ha resultado del adelanto científico y técnico de los últimos cuarenta años, precisamente las cuatro décadas en que no se ha publicado ningún nuevo diccionario portugués-español. Por lo tanto, todo estaba por hacerse en este particular.

La compilación de estos términos, como asé también multitud de otros vocablos usados en el comercio y en distintos oficios, ha sido un trabajo enteramente nuevo y especialmente difícil, visto que muchas de estas voces no ingresaron todavía ni a los diccionarios portugueses y castellanos más prolijos. No obstante estas dificultades, la presente obra contiene no solo mayor número de términos técnicos que cualquier otro diccionario bilingüe de ambos idiomas, sino que es el único que les da su acepción moderna y corriente.

IDIOTISMOS Y LOCUCIONES. Objeto muy principal de esta obra ha sido el de incluir en el texto toda clase de frases, expresiones, modismos, idiotismos y locuciones. Si bien tengan uso frecuente y constituyan masas elocutivas que completan el vocabulario de una lengua, dichos conjuntos de palabras no suelen encontrarse de manera sistemática en los diccionarios de esta clase, lo que evidencia un error. Este léxico ha registrado millares de ellos.

Para la inclusión de estas frases, modismos, idiotismos, etc., se ha adoptado el orden alfabético en cuanto a los elementos que siguen al vocablo principal. En las frases donde entran dos vocablos y pueda haber duda sobre cual es el principal, se da también en orden alfabético, los idiotismos y locuciones en que ella entra, siempre no se repite en cada frase, poniéndose solamente un guión que la representa.

ARCAÍSMOS. No son muy escasos los términos anticuados que todavía emplean los escritores contemporáneos en estilo poético o irónico, o aún en giros alusivos a hechos o ambientes históricos. Dichos vocablos, por otra parte, se encuentran con lógica frecuencia en los clásicos. El autor los ha insertado con moderación con el texto de esta obra, aprovechando parte del espacio que se ahorró al descartar un sinnúmero de vocablos enteramente desusados y palabras de incorrecta ortografía, de que suelen estar plagados otros diccionarios. Igualmente se incluyen todos los arcaísmos que subsisten como *legua viva* tanto en Portugal como en el Brasil.

JERGA Y LENGUAJE POPULAR. Ciertos términos de usos muy corriente en el lenguaje ordinario, en diarios, revistas y libros, que reflejan literalmente el habla personal del pueblo, tienen origen en necesidades psicofilológicas, que el lexicógrafo no puede menospreciar so pena de quedarse fuera de su época, es decir, de la realidad que debe comprender.

Desde este punto de vista, el autor ha incluido dichos términos, sin apresurarse a propiciar neologismos artificiales o vocablos de vida precaria, pero aceptando, en cambio, los que presentan caracteres útiles y, por ello, perdurables.

DEFINICIONES INDISPENSABLES. Las grandes afinidades entre las dos lenguas resultan otros tantos obstáculos, porque la tendencia a considerar identidad lo que es mera semejanza, acarrea graves errores en cuanto a la exacta acepción de un sinnúmero de vocablos, destruyendo matices importantes y hasta llevando a significaciones contraías. En los idiomas, como en los seres humanos, las diferencias entre parientes más próximos dan motivo para un mayor número de pequeños, frecuentes y enojosos conflictos que en parientes lejanos o desvinculados.

Con el fin de evitar errores, y para señalar grandes diferencias de acepciones entre vocablos semejantes, este diccionario da breves y claras definiciones en todos los casos que pudieran inducir a esta clase de engaños.

GRAMÁTICA. Punto esencialísimo en la preparación de esta obra ha sido la materia gramatical, debidamente tratada en los tópicos correspondientes. Además de las generalidades del lenguaje, innumerables accidentes que resultan del genio del idioma portugués se verán explicados donde su conocimiento se haga indispensable. La abundancia de ejemplos compensa la brevedad y concisión que un trabajo de esta índole exige.

Por considerar artificiales los rigurosos límites que la rutina establece entre materia gramatical y materia lexicográfica, el autor los supo olvidar en beneficio de sus lectores, quienes tendrán a su disposición una obra de plan verdaderamente práctico: mecanismo del lenguaje en acción y no una simple e inútil nomenclatura de piezas aisladas. Para esto, en cada vocablo cuyo empleo dependa del conocimiento gramatical o se sirva de él como indicación, se tendrá la explicación a esta obra, se encontrará una exposición sistemática de la materia.

NÚMERO Y GÉNERO. En el texto va indicado el plural de los vocablos portugueses que en número singular tienen la misma ortografía que en castellano y cuyos plurales son distintos en cada uno de los idiomas. Lo mismo se hace en cuanto al género femenino.

PRONUNCIACIÓN. Es imposible figurar de modo exacto sencillo las diversas graduaciones de los sonidos portugueses, como lo es también representar las delicadas diferencias entre la pronunciación brasileña y la lusitana, y, por este motivo, el autor creyó preferible evitar la confusión que podía presentar una clave excesivamente complicada.

Esta obra se limita a dar una figuración aproximada de la pronunciación de las letras o sílabas que más se diferencian del castellano, lo que se hace por medio de las letras del abecedario que mejor la indiquen, sin usar caracteres especiales. La dificultad de una pronunciación figurada sube de punto en las lenguas como la portuguesa y castellana, por los muy numerosos vocablos, de ortografía igual o casi idéntica, cuyo sonido, semejante en ambas lenguas, apenas tiene su diferenciación en ligeras inflexiones de voz que constituyen el acento peculiar a uno u otro de los dos idiomas. En esto se ha visto otro motivo para sólo representar la pronunciación de aquellas sílabas o letras que suenan distintamente en ambas lenguas.

SINOPSIS DE LA LENGUA PORTUGUESA. Sirve de introducción a esta obra una sinopsis de la lengua portuguesa que es, al mismo tiempo, una exposición sistemática de la materia gramatical y un breve estudio comparativo de ambas lenguas. Claro está que, en en la necesaria brevedad del presente trabajo, no se puede pretender un minucioso examen del tema, pero si facilitar al lector una rápida comprensión de la analogía y sintaxis de la lengua portuguesa.

VOCABULARIO DE NOMBRES PROPIOS. La lista de nombres propios es varias veces mayor que la que suelen ofrecer los diccionarios de su clase, y en ella se incluyen los más importantes nombres de la Historia, la Biblia, la Geografía y en el vocabulario onomástico de la lengua. La pronunciación es representada según el método arriba explicado.

LISTA DE ABREVIATURAS. Se han insertado más de mil abreviaturas de valor práctico y suprimido muchas carentes de utilidad.

VERBOS Y REGÍMENES. De las palabras que se construyen con preposición el verbo es sin duda la más importante. Hasta los mismos portugueses y brasileños suelen encontrar dificultad en el régimen de ciertos verbos. Hace muy pocos años que se publicó el primer trabajo sobre el asunto,

el notable *Dicionário de Verbos e Regimes*, del profesor Francisco Fernandes. Tomando este trabajo como base y punto de partida el autor ha organizado una lista de más de cinco mil regímenes. Al final del volumen se encontrará una lista alfabética de verbos y, debidamente ejemplificados, los regímenes que les corresponden.

CONJUGACIÓN. También al final del volumen, van las tablas completas de conjugación de los verbos portugueses. Sesenta y cinco modelos para verbos regulares, irregulares y defectivos, preceden la lista de todos los verbos incluidos en este diccionario y otros muchos que fueron descartados del texto por tener escaso uso. Todos ellos ven con indicación del modelo a que en su conjugación se ajustan.

ORDEM ALFABÉTICO. Se advierte al lector que el orden alfabético seguido en esta obra es necesariamente el orden del abecedario portugués. Así las sílabas formadas por la ch y la lh vienen después de ce y le respectivamente, puesto que estas consonantes, a pesar de indivisibles en la escritura, como la ch y la ll castellanas, no constituyen letras independientes. Lo mismo ocurre con nh (ñ), que viene después de ne y antes ni.

ANÁLISE

Há no dicionário de Garcia (1958), nos textos introdutórios um prefácio, uma descrição dos aspectos gramaticais da língua portuguesa e uma lista de nomes próprios usados nesta obra. O prefácio é escrito em língua espanhola e direcionado aos leitores de espanhol como podemos observar no seguinte enunciado: “La presente obra ha sido ajustada a este propósito y ofrece a las personas de habla española el más nutrido, completo y correcto vocabulario del idioma portugués, tal como hoy se habla y escribe en Portugal y Brasil.” (GARCIA, 1958)., em que estas marcas evocam uma memória de completude e certitude do dicionário, assim como em outros enunciados deste texto como: “un diccionario bilingüe enteramente actual, trazado sobre un patrón moderno y totalmente de acuerdo con el léxico contemporáneo de ambas lenguas.” (GARCIA, 1958), que constrói inicialmente a imagem do prefácio como texto de divulgação e de propaganda.

O autor do prefácio mostra em seu enunciado que a língua é constituída de uma história nas seguintes marcas:

“han dado lugar al nacimiento de innúmeras voces y a nuevas acepciones de viejos vocablos”, “Igualmente se incluyen todos los arcaísmos que subsisten como legua viva tanto en Portugal como en el Brasil.”, “tienen origen en necesidades psicofilológicas, que el lexicógrafo no puede menospreciar so pena de quedarse fuera de su época” (GARCIA, 1958)

evocando uma memória discursiva da Linguística Histórica, e construindo imagens de familiaridades de línguas quando anuncia que: “En los idiomas, como en los seres humanos, las diferencias entre parientes más próximos dan motivo para un mayor número de pequeños, frecuentes y enojosos conflictos que en parientes lejanos o desvinculados.” (GARCIA, 1958).

No entanto, ao observarmos outras sequências enunciativas deste prefácio e fazermos uma relação interdiscursiva por meio das condições de produção deste dicionário e olharmos outros textos como o prefácio do *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, de Caldas Aulete (1974), constataremos que a imagem de que a língua possui uma história não é o sentido mais evidenciado sobre a linguagem para a elaboração do dicionário de Garcia (1958).

Uma leitura intertextual do prefácio do *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa* nos mostra que a obra é publicada em sua terceira edição no ano de 1958 por Antenor Nascentes e apresentada por Hamílcar de Garcia no mesmo ano de publicação da segunda reimpressão de nosso recorte, o *Dicionário Português-Espanhol*, onde não há assinatura de seu prefácio e o lexicógrafo é tratado em terceira pessoa do singular, o que indica a possibilidade deste dicionário ter sido apresentado por Antenor Nascentes, pois há marcas nestes trabalhos de contribuições mútuas entres estes autores.

A possibilidade de ser Antenor Nascentes o autor do prefácio do dicionário de Garcia (1958) mostra-se considerável quando observamos que

alguns estudos sobre o dicionário de Lima Barroso mostram que esta obra apresenta como uma das principais características o estudo reduzido do léxico em relação aos falares da sociedade brasileira, assim como em Caudas Aulete (1974) onde é construída a imagem da língua em uso, tal qual encontramos no prefácio do dicionário de Garcia (1958). As Condições de Produção Garcia (1958) mostram que esta obra é revisada por Antenor Nascentes e apresenta como única referência para a escrita dos verbetes o *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, de Lima Barroso.

No prefácio do dicionário de Garcia há um discurso que admite a língua possuir uma história, porém não é a principal imagem que determina a produção da obra, e sim o estudo da língua contemporânea, reduzida ao seu uso atual da sociedade e inclusive nas particularidades de sua pronúncia, tal qual a imagem de língua em Lima Barroso e em Caudas Aulete.

Desta maneira, enunciados como: “En tanto, el progreso de la ciencia y de la técnica, y el paulatino cambio de conceptos sociales, han dado lugar al nacimiento de innúmeras voces y a nuevas acepciones de viejos vocablos.” (GARCIA, 1958), mostram que há marcas em que a língua apresenta uma história, evocando uma memória da Linguística Histórica, mas apresenta também marcas como: “diccionario bilingüe enteramente actual, trazado sobre un patrón moderno y totalmente de acuerdo con el léxico contemporáneo de ambas lenguas.” (GARCIA, 1958), em que há a construção da imagem da língua em uso.

O autor enuncia que o lexicógrafo optou em “dar una figuración aproximada de la pronunciación de las letras o sílabas que más se diferencian del castellano... cuyo sonido, semejante en ambas lenguas, apenas tiene su diferenciación en ligeras inflexiones de voz que constituyen el acento peculiar a uno u otro de los dos idiomas.” (GARCIA, 1958), mostrando que a imagem construída deste dicionário é o de considerar a língua em uso em suas particularidades tanto na escrita como em alguns aspectos da fala, mesmo que escolhendo em “sólo representar la pronunciación de aquellas sílabas o letras que suenan distintamente en ambas lenguas.” (GARCIA, 1958).

Os estudos sobre Fonética e Fonologia ainda estavam em fase de início nas práticas científicas brasileira, ressoando discursividades do

naturalismo da Línguística Histórica, como por exemplo: “En los idiomas, como en los seres humanos, las diferencias entre parientes más próximos dan motivo para un mayor número de pequeños, frecuentes y enojosos conflictos que en parientes lejanos o desvinculados.” (GARCIA, 1958)”, mas que considera a gramática como: “mecanismo del lenguaje en acción y no una simple e inútil nomenclatura de piezas aisladas” (GARCIA, 1958).

Por meio das condições de produção deste dicionário, observamos que esta obra tem sua primeira publicação datada em 1947, próxima ao período político conhecido como Era Vargas (1930-1945), em que a valorização do Estado Nacional e a imagem do Brasil como um país em industrialização estavam em evidência e possibilitava o surgimento de marcas do discurso do progresso oriundas das novas práticas sociais nas relações de trabalho. Tal imaginário segundo o autor do prefácio sucitava a publicação de um novo dicionário já que : “ El mayor aporte de términos técnicos, sobre todo relativos a automovilismo, aeronáutica, radiocomunicación y arte militar, ha resultado del adelanto científico y técnico de los últimos cuarenta años, precisamente las cuatro décadas en que no se ha publicado ningún nuevo diccionario portugués-español.” (GARCIA, 1958).

Para o autor do prefácio há diferenças entre a língua portuguesa de Portugal e a língua portuguesa do Brasil, pois segundo ele: “hasta ligeras diferencias, aunque no tengan un carácter dialectal, son lo suficientemente importantes como para señalarlas en un buen diccionario.” (GARCIA, 1958), já que há uma “pronunciacion brasilenã” (GARCIA, 1958) e uma “pronunciación lusitana” (GARCIA, 1958).

Em Garcia (1958) encontramos que:

“Las peculiaridades locales que toma el idioma de España en los distintos países y regiones donde se habla y escribe el castellano, especialmente entre el pueblo, pertenecen al mismo orden de peculiaridades asumidas por la lengua de Portugal en distintas regiones y provincias del vasto territorio del Brasil.” Porque “En las Américas, cuatro siglos de vida particular y el subsiguiente desarrollo de una literatura y una economía propias, han modificado, tanto en el Brasil como en los dieciocho países hispanoamericanos y en extensión razonable, el vocabulario del castellano y del portugués peninsulares, ya por una selección típica, ya por alteraciones semánticas, y, sobre todo, por la formación de nuevas palabras.” (GARCIA, 1958)

Sobre estas sequências enunciativas observamos uma memória de valorização dos países da América espanhola, assim como o Brasil, o que pode ser explicado por ser este dicionário publicado por uma editora brasileira e elaborado por uma equipe lexicográfica também brasileira. Entretanto, as diferenças existentes entre o português de Portugal e o português do Brasil não constitui segundo o autor, duas línguas diferentes, já estas distinções para ele são “brasileñismos del idioma português” (GARCIA, 1958), enquanto que o português de Portugal é tratado como “lengua” (GARCIA, 1958), assim como o castelhano é o “idioma da España” (GARCIA, 1958).

Estas marcas evocam uma memória do discurso da colonização e constitui uma contradição na elaboração da obra, já que ocorre uma distinção estabelecida por parte do autor do prefácio entre a língua portuguesa falada em Portugal e em variadas regiões do Brasil, entretanto, o dicionário tem como referência apenas uma obra de língua portuguesa o *Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa*, de Lima Barroso, o que nos indica a princípio, a imagem de homogeneização dos falantes de português de todo território brasileiro. Do mesmo modo, tal característica se repete em relação à língua espanhola falada na América Latina, que embora o autor se refira a este conjunto de países como sociedades imergidas em um processo de desenvolvimento científico e cultural ao longo dos séculos, proporcionando-lhes distintas características, há como referência em língua espanhola somente, uma obra, o *Diccionario de la Academia Española*.

Segundo o autor do prefácio:

“Los brasileñismos del idioma portugués son, por esto, traducidos por americanismos de la lengua castellana, siempre que los primeros se refieran a actividades o conceptos comunes al Brasil y a uno o más de los países hispanoamericanos con los cuales la República brasileña mantiene un directo contacto económico o geográfico.” (GARCIA, 1958).

Há neste enunciado marcas que evocam uma memória de unidade nas relações comerciais entre o Brasil e seus vizinhos, ultrapassando

os limites da fronteira, dada sua conjuntura económica da época, pois: “términos brasileños, como por ejemplo los empleados entre los ganaderos de Rio Grande del Sur, provincia que linda con Argentina Y Uruguay, países también dedicados a la cría del ganado, son traducidos por argentinismos o modismos uruguayos” (GARCIA, 1958).

No prefacio hay marcas sobre o discurso literario como único lugar en que sea posible utilizar termos em desuso como os arcaísmos, como observamos em : “ARCAÍSMOS. No son muy escasos los términos anticuados que todavía emplean los escritores contemporáneos en estilo poético o irónico, o aún en giros alusivos a hechos o ambientes históricos. Dichos vocablos, por otra parte, se encuentran con lógica frecuencia en los clásicos.” (GARCIA, 1958).

O autor do prefacio mostra que os procedimentos lexicográficos realizados para a elaboração desta obra, foram feitos com o objetivo de apresentar uma explanação “correta” e “moderna” de ambas as línguas. Há neste discurso a constituição do especialista para se produzir um dicionário que possa compilar esta imagem de certitude e contemporaneidade do léxico, no tratamento das acepções normativas da língua e sua aplicabilidade nas práticas cotidianas, pois, segundo ele, “matéria gramatical y matéria lexicográfica” são distinguida por “los rigurosos limites artificiales que la rutina establece”, mostrando a imagem do especialista, pois “há sido um trabajo enteramente nuevo y especialmente difícil, visto que muchas de estas voces no ingresaron todavía ni a los diccionarios portugueses y castellanos más prolijos” (GARCIA, 1958).

Por final, ao encerrar seu texto, o autor deste prefácio faz algumas considerações sobre as próximas partes que compõem os textos introdutórios deste dicionário. Segundo ele, haverá uma sinopse da língua portuguesa que tem por objetivo apresentar ao leitor de língua espanhola uma exposição comparativa das principais diferenças entre o idioma português e o idioma espanhol. Haverá uma lista de nomes próprios que mais aparecem na obra, retirados dos principais assuntos da História, da Geografia e da Bíblia, e em seguida, uma lista de mais de mil abreviaturas que são usadas na língua portuguesa.

O autor informa que após os verbetes há uma lista de verbos e uma tabela de conjugação verbal, já que segundo ele, dos componentes gramaticais, os verbos são os mais importantes e causam muita dificuldade de compreensão, inclusive, para os falantes de língua portuguesa. Há como referência à formação desta lista o “notable” *Dicionário de Verbos e Regimes*, do professor Francisco Fernandes. Observamos que tais textos que completam este dicionário foram elaborados a fim de apresentar de maneira “clara”, “todas” as especificidades do português e “facilitar al lector una rápida comprensión de la analogia y sintaxis de la lengua portuguesa”. (GARCIA, 1958).

Há na elaboração da lista de nomes próprios uma imagem de relevância do conteúdo religioso, que influencia nas práticas sociais da sociedade portuguesa e espanhola, no que se refere às escolhas de nomes para os sujeitos e às instituições, ressonado ao longo do tempo. Sobre a lista de verbos e suas conjugações, observamos a imagem da normatização da língua portuguesa, evidenciando a necessidade do bem falar e escrever àqueles que desejam compreender a língua portuguesa.

Por meio da análise deste prefácio observamos que há uma heterogeneidade discursiva que apresenta marcas da Linguística Histórica sobre uma primeira imagem de língua, mas que não é a principal, já que para o autor do prefácio, o dicionário de Garcia (1958) contempla um estudo da língua em uso, onde constatamos haver marcas do discurso sincrônico sobre a linguagem. Há neste prefácio a imagem de distinção entre Portugal e Brasil, assim como Espanha e América espanhola, dado quatro séculos de desenvolvimento linguístico e cultural no continente americano, mas que não é o suficiente para diferenciar duas línguas distintas em relação às línguas portuguesa e espanhola peninsulares, o que evoca uma memória de colonização linguística. Observamos que há um discurso de progresso sobre a conjuntura social da época da elaboração deste dicionário, assim como uma mudança na prática lexicográfica no que se refere ao modo de constituir a linguagem e ao modo de elaborar um dicionário, em que a figura do lexicógrafo posiciona-se como participante de uma equipe lexicográfica.

4.1.2. Análise dos verbetes

O objetivo desta análise é mostrar o discurso do lexicógrafo no uso das marcações e na escrita das definições para analisarmos suas imagens sobre a língua, a língua portuguesa, a língua espanhola, o fazer lexicográfico, seu próprio dicionário e a imagem de seu leitor virtual. Queremos observar se os verbetes de nossa série apresentam as mesmas discursividades mostradas no prefácio.

VERBETES

MACACA f. Mona/Macaca.

MACACO m. Zool. Mono/ Macaco/ Marinete (máquina para clavar estacas)/ Gatos, cric (máquina compuesta de um engruaje de Piñon y cremallera para levantar pesos/ fig. Mono (persona que gesticula de um modo semejante al de los monos)/ Fig. Mono (Amer.), persona que remeda outra o que la imita em sus acciones o dichos/ adj. Bras. Pícaro, taimado/ adj. Bras.Zorro (hombre muy taimado y astuto).

MACACARIA (ría) f. Multitud de monos/ lo mismo que MACAQUICE.

MACAQUICE f. Monería, monada/ acción y efecto de macaquear/ Lisonja/ Monerías.

MACAQUINHO-DE BAMBÁ (ño) m. Bras. Caballito del diablo.

MAÇÃ (san)f. Manzana (fruto)/ Manzana (pomo de la espalda)/ - do rosto. Pômulo.

MACEGA (ce) f. Maleza (copia de malas hierbas nacidas em um sembrado).

MACELA (ce) f. Manzanilha (hierba compuesta).

MAÇAROCA (saro) f. Mazorca, husada./ Mazorca del maíz./ Panoja/ Haz/ Bras. Maraña (enredo de los hilos o del cabello).

MACA f. Hamaca/ Camilla (para conducir enfermos y heridos).

MAÇA (sa) f. Maza (arma antigua). / Clava/ Maza (para machacar el lino)/ Mazo/ maza, pisón.

MAÇADA (sa) f. Mazada (golpe de maza o mazo)/ Paliza/ Trapaza./ Lata, tabarra (discurso fastidioso, charla prolija e impertinente)/ Trabajo fastidioso/ Machaquería.

MACADAMIZAÇÃO (zasáum) f. acción de macadamizar.

MAÇAGEM (sajem) f. Maceración (del lino)

MAÇANETA (sa) f. Botón, gorrón (manecilla o bola para tirar de una puerta y cerrarla).

MAÇARICO (sa) m. Soplete (instrumento. / Bras. Nombre común de varias aves/ Alción/ Chorlito.

MACETA f. Mazo (martillo de madera/ maceta /especie de mazo)/ adj. Maceta (dícese de caballo o yegua que tiene nudos en las rodillas y pies) Amer.

MAXARÉU (réu) m. Bras. Amaz. Lo mismo que POROROCA.

MACAXEIRA (chei) f. Bras. Nort. Lo mismo que AIPIM.

MACEGAL m. Bras.. malezal (Amer.)

MACADAME m. Macadán, macadam.

MAÇÃO (sáum) m. Mazo grande; machote/ Francmasón.

MAÇAPÃO (sapáum) m. Mazapán.

MACERAMENTO m. Maceramiento, maceración.

MACARRÃO (rráum) m. Macarrón (pasta alimentícia de harina de trigo) Mar. Macarrón.

MACERAÇÃO (sáum) f. Maceración.

M (EME) m. Déciomotercera letra y novena consonante del abecedário português/ M (mil em la numeración romana)

MA contrac. Me la (Gram. Contracción de los pronombres me y a).

MACAQUEADOR, RA adj. Imitador. Remedador Utcs / Macaco (Amer.)

MACAQUEIRO, RA adj. Monesco/ m. Bras. Bot. Guarea, yamo.

MACEGOSO, SA (gozo, òza) adj. Lleno de maleza.

MAÇADOR, RA (as) adj. Que trabaja con el mazo/ Machacador, marceador/ fig. Machacón; importuno, pesado, molesto, impertinente, fastidiosos, gravoso, cargoso (Amer.)Utcs.

MACAIO, IA adj. Bras. São Paulo. Malo, inservible, gastado, echado a perder por el uso.

MACANJO, JÁ, (Jô) adj. Germ. Bellaco utcsm.

MACANUDO, DA adj, Bras. Rio grande del Sur. Extraordinário, excelente, superior; macanudo.

MÁ, adj. Mala/ --- criação. Mala crianza; malcriadez(Amer.)/ Grosería.

MACABRO, BRA adj. Macabro.

MAÇADURA (sa) f. Maceo/ Contusión/ Presión, frotación.

MACAMBUZIO , ZIA (zio, zio) adj. Triste, taciturno, apesadumbrado.

MACARRONICO , CA (rró) adj. Macarrónico./ Latim ----. Macarronea.

MACEDONICO, CA (dó) adj. Macedónico, macedônio (pertencente o relativo a Macedonia).

MACEDONIO, NIA (dó) adj. Y s. macedônio (natural de Macedonia).

MACERADO, DA adj, fig. Macilento, flaco, descolorido.

MACAQUEAR v. tr. Remedar, imitar ridículamente.

MACADAMIZAR (zar) v. tr. Pavimentar con macadán; macadamizar (Amer.).

MAÇAR (sar) **v. tr.** Macear/ machacar/ moler (en un almirez)/ Fig. Macear, machacar, majar, fastidiar, aburrir, importunar, molestar, cansar, cargar, incomodar, enfadar./ **v. intr.** Ser fastidiosa y pesada una persona.

MACETAR v. tr. Macear (golpear con el mazo)

MACERAR v. tr. Macerar (ablandar una cosa estrujándola, golpeándola o mantienen

éndola sumergida en un líquido/ fig. Macerar (martificar la carne con penitencias). Utc.

ANÁLISE

Os verbetes são escritos inicialmente pela palavra entrada em língua portuguesa; desinência de gênero feminino quando necessário; marcação de gênero; marcação de diferenças fonéticas sobre a grafia das sílabas que possuem sonoridade distinta entre a língua espanhola e a língua portuguesa; na maior parte dos casos, uma palavra equivalente do espanhol; em alguns verbetes, breves definições e na maioria dos verbetes, grande número de sinônimos, como por exemplo, o verbete *maçada*: “**MAÇADA** (sa) f. Mazada (golpe de maza o mazo)/ Paliza/ Trapaza./ Lata, tabarra (discurso fastidioso, charla prolija e impertinente)/ Trabajo fastidioso/ Machaquería.” (GARCIA, 1958).

Nossa série apresenta verbetes escritos com termos do senso comum, como por exemplo, “**MACEGA** (ce) f. Maleza (copia de malas hierbas nacidas em um sembrado).” (GARCIA, 1958), mostrando marcas do discurso da observação e a ausência de muitos termos científico, além de apresentar

pequenas definições e muitos sinônimos. Observamos que este recorte ressoa as mesmas discursividades mostradas no prefácio deste dicionário no que se refere ao estudo reduzido da linguagem e na prática de elaborar esta obra a fim de que seu consulente não encontre dificuldades para a leitura dos termos presentes. Há a presença da linguagem figurada, como em: “**MAÇÃ** (san)f. Manzana (fruto)/ Manzana (pomo de la espalda)/ - do rosto. Pômulo”. (GARCIA, 1958).

No estudo do prefácio encontramos essa imagem de diversidade regional no uso dos vocábulos como encontramos no seguinte recorte: “**MAXARÉU** (réu) m. Bras. Amaz. Lo mismo que POROROCA.” (GARCIA, 1958), “**MACAXEIRA** (chei) f. Bras. Nort. Lo mismo que AIPIM.” (GARCIA, 1958), “**MACAIO, IA** adj. Bras. São Paulo. Malo, inservible, gastado, echado a perder por el uso.” (GARCIA, 1958) e “**MACANUDO, DA** adj, Bras. Rio grande del Sur. Extraordinário, excelente, superior; macanudo.” (GARCIA, 1958).

Nosso recorte apresenta apenas o verbete *Macaco*:

“**MACACO** m. Zool. Mono/ Macaco/ Marinete (máquina para clavar estacas)/ Gatos, cric (máquina compuesta de un engruaje de Piñon y cremallera para levantar pesos/ fig. Mono (persona que gesticula de un modo semejante al de los monos)/ Fig. Mono (Amer.), persona que remeda outra o que la imita en sus acciones o dichos/ adj. Bras. Pícaro, taimado/ adj. Bras.Zorro (hombre muy taimado y astuto).” (GARCIA, 1958),

que se diferencia na extensão de sua escrita em relação aos demais como os verbetes: “**MACACA** f. Mona/Macaca”. (GARCIA, 1958), “**MACACARIA** (ría) f. Multitud de monos/ lo mismo que MACAQUICE” (GARCIA, 1958), “**MACAQUICE** f. Monería, monada/ acción y efecto de macaquear/ Lisonja/ Monerías.” (GARCIA, 1958), “**MACAQUEADOR, RA** adj. Imitador. Remedador Utcs / Macaco (Amer.)” (GARCIA, 1958) e “**MACAQUEIRO, RA** adj. Monesco/ m. Bras. Bot. Guarea, yamo.” (GARCIA, 1958).

Este grupo apresenta marcas de um discurso heterogêneo em que é mostrado além do discurso biológico, um discurso figurativo sobre os vocábulos referentes ao animal macaco. Há a construção da imagem de semelhança entre ações e características humanas como *imitar*, *gesticular* e *mostrar esperteza* como o comportamento do animal, porém não encontramos

na escrita destes verbetes referencias depreciativas à comparação ao homem, o que pode ser justificado interdiscursivamente por ser este dicionário elaborado e publicado no Brasil, onde a imagem do animal macaco não se constitui tão depreciativamente em relação às comparações estrangeira entre o homem e este animal, ou procura-se esconder tal comparação.

O prefácio deste dicionário apresenta enunciados que mostram haver diferenças culturais e linguísticas entre os povos peninsulares português e espanhol e os povos do continente americano devido a quatro séculos de desenvolvimento econômico e literário nas Américas. Encontramos em nossa série, verbetes que apresentam marcas em que há esta distinção, como por exemplo o verbete : “**MACAQUEADOR, RA** adj. Imitador. Remedador Utc / Macaco (Amer.)” (GARCIA, 1958), onde a marcação (*Amer.*) mostra uma particularidade da língua falada na América, assim como o verbete “**MAÇAROCA** (saro) f. Mazaroca, husada./ Mazorca del maíz./ Panoja/ Haz/ Bras. Maraña (enredo de los hilos o del cabello).” (GARCIA, 1958), onde a marcação (*Bras.*) mostra duas definições usada na língua falada no Brasil.

Há outras particularidades da língua falada no Brasil que aparecem em verbetes como: “**MACAQUINHO-DE BAMBÁ** (ño) m. Bras. Caballito del diablo” e “**MAÇARICO** (sa) m. Soplete (instrumento. / Bras. Nombre común de varias aves/ Alción/ Chorlito.” (GARCIA, 1958), em que é apresentado uma espécie peculiar da fauna brasileira e um nome particular para uma ave comum na fauna americana, o que diferencia-se por exemplos das outras série de verbetes deste trabalho em que há somente a referência geral para animais como *Macaco*. Por meio das condições de produção do dicionário de Garcia (1958), observamos que tais particularidades tem como possibilidade discursiva a característica de esta obra ser elaborada e publicada em terras brasileiras.

Encontramos nos verbetes “**MACAQUEAR** v.tr. Remedar, imitar ridículamente.” (GARCIA, 1958), e “**MACADAMIZAR** (zar) v. tr. Pavimentar com macadán; macadamizar (Amer.)” (GARCIA, 1958), marcas sobre a transitividade verbal da língua portuguesa, que evocam uma memória de normatividade da língua, que embora o autor do prefácio tenha dito que a gramática é “*language em acción*” (GARCIA, 1958), há padrões de correto e

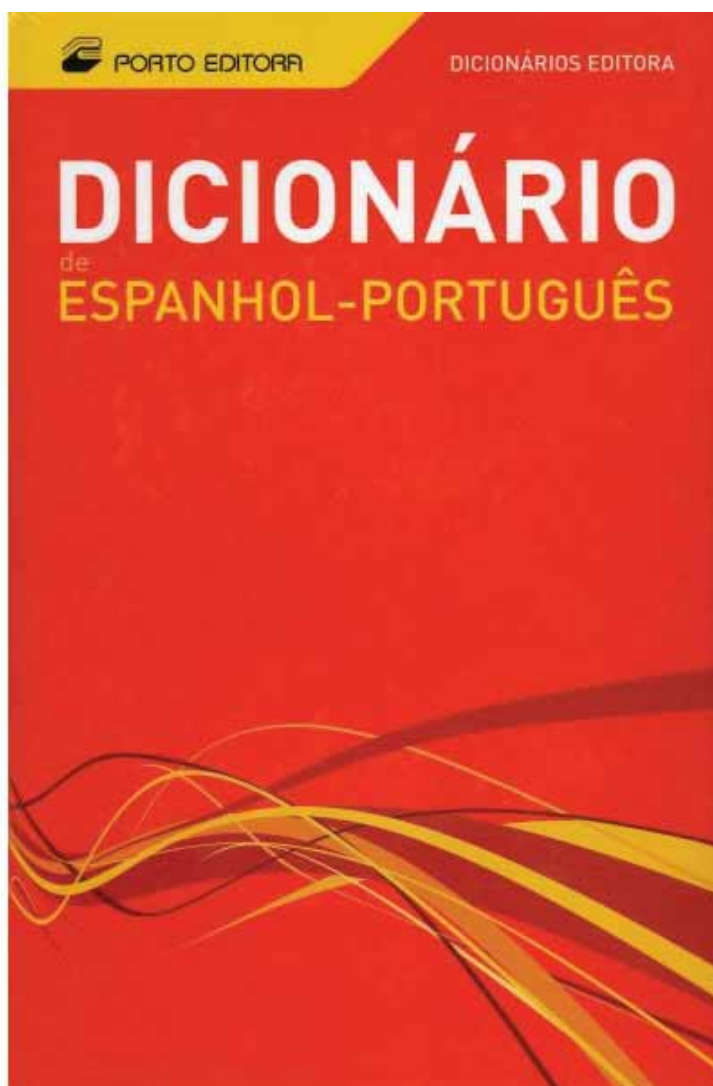
incorreto sobre o uso dos verbos em português, assim como também a formação de significados a depender da transitividade, como no verbo “**MAÇAR** (sar) **v. tr.** Macear/ machacar/ moler (en un almirez)./ Fig. Macear, machacar, majar, fastidiar, aburrir, importunar, molestar, cansar, cargar, incomodar, enfadar./ **v. intr.** Ser fastidiosa y pesada una persona.” (GARCIA, 1958). Observamos no verbete *Macadamizar* marcas do discurso do progresso e da urbanização, antecipadas no prefácio deste dicionário, justificando uma das possibilidades que propiciam o surgimento de novos termos na língua.

Observamos por meio da análise das marcas nos enunciados do prefácio e na escrita dos verbetes que o dicionário de Garcia (1958) apresenta um discurso sobre a língua em uso, em que há pequenas considerações sobre os aspectos fonológicos da língua portuguesa em relação às diferenças sonoras com a língua espanhola, já que segundo o prefácio, esta obra é direcionada aos falantes de espanhol.

Este dicionário é caracterizado pelo autor do prefácio como moderno e atual, o que se verifica na escrita dos verbetes, pois há poucas definições e ausência do discurso acadêmico, já que a língua deve ser apresentada de uma maneira rápida, prática e reduzida segundo o autor do prefácio. Observamos nos verbetes selecionados a presença de termos que apresentam a diversidade cultural do Brasil, em que alguns vocábulos são marcados como próprio de uma região específica do país, assim também como é apresentada pelo autor do prefácio, como característica a multiplicidade cultural brasileira.

Entretanto, as diferenças apresentadas entre o português de Portugal e do Brasil assim como o espanhol da Espanha e da América espanhola não caracterizam as línguas faladas no continente americano como línguas distintas em relação às línguas peninsulares, o que evoca uma memória de colonização linguística, mesmo sendo enunciado um grande desenvolvimento no Brasil e na América, pois como verificamos há somente uma obra de referência portuguesa para a escolha dos verbetes, assim como também há apenas uma obra de referência para a tradução à língua espanhola, mostrando um olhar homogeneizado sobre o continente americano.

**4.2. ANÁLISE DISCURSIVA DO *DICIONÁRIO DE PORTUGUÊS-ESPANHOL*,
JULIO MARTÍNEZ ALMOYNA**



4.2.1. Análise do Prefácio

O *Dicionário de Português- Espanhol*, de Julio Martínez Almoyna apresenta um prefácio e uma lista de abreviaturas usadas na obra como textos introdutórios, e os verbetes. O prefácio não é muito extenso, escrito em língua espanhola, ocupa apenas uma página e meia do dicionário, e é assinado pelo lexicógrafo, onde são mostradas suas considerações sobre o fazer lexicográfico, sobre a língua, língua portuguesa e língua espanhola e sobre a imagem de seu leitor-virtual. Observamos, primeiramente, que por se tratar de um dicionário bilíngue, o prefácio está escrito em uma língua sugere uma homogeneização por parte do lexicógrafo em relação a seus leitores, ou seja, este prefácio, a princípio é para pessoas que compreendem língua espanhola.

Prefacio

Podrían decirse aquí análogas palabras a las que figuran en el prólogo del Diccionario Español-Portugués que, con este Portugués-Español, constituye, por decirlo así, una sola obra en obra en dos tomos, con semejanza de contenido y de presentación.

Las mismas dificultades tuvimos para dar cima a este Diccionario que acaba el anterior. Millares de horas, a través de varios años de paciente, de benedictino trabajo, hemos empleado, con nuestros colaboradores, para la redacción del incontable número de fichas que fue preciso acumular no sólo de términos, sino también de diversidad de acepciones, giros idiomáticos, referencias, americanismos, provincialismos, etc., con una carencia casi absoluta de información.

Hicimos figurar en el mismo, no sólo los vocablos de uso constante que emplea cualquier persona de mediana cultura literaria y que constituye el acervo de los diccionarios manuales, sino también numerosísimos neologismos y términos científicos que en estos últimos años debido a los incesantes progresos de las ciencias aplicadas, ganaron carta de naturaleza en las lenguas vivas. Es obvio decir que muchos de estos términos serán de utilísimo interés para aquellos lectores que necesiten valerse del diccionario en sus traducciones de libros o trabajos técnicos y científicos.

En cuanto a la inclusión de los verbos irregulares, en los que tan copiosos son el portugués y el castellano, se adoptó el criterio de intercalarlos en el lugar que por orden alfabético les corresponde, con la conjugación completa de las correspondientes formas irregulares evitando así incluirlos en inútiles apéndices finales de difícil o enojosa consulta. De esta suerte, es más asequible el rápido conocimiento no sólo de la irregularidad verbal, sino también de cada una de tales formas.

Particular interés pusimos en la traducción de infinidad de brasilismos que tanto enriquecen la lengua de Camões, y cuando por sus especialísimas características o por tratarse de nombres de la peculiar fauna o flora brasileña, no tienen correspondencia en idioma de Cervantes, determinamos su concepto con una explicación de los mismos, lo que permite hacer llegar a conocimiento del lector el alcance de aquellos nombres.

Sírvenos en parte como compensación a este abrumador trabajo, el tener la satisfacción de poder testimoniar públicamente nuestra más rendida gratitud a nuestras dos competentísimas y devotas colaboradoras, ambas profesoras del Colegio Oficial español de Oporto, Doña Ana María Paredes de Stuart Torrie, y mi esposa Doña Blanca Domínguez Catá de Martínez Almoyna, con cuya eficiente ayuda hemos contado siempre en las diversas fases de la redacción de este Diccionario.

Siendo la lengua el principal vehículo e instrumento de la vida y de la cultura de los pueblos, estamos sinceramente convencidos de que con la publicación de los Diccionario Español-Portugués y Portugués-Español, al venir a llenar una laguna existente entre ambas lenguas, prestamos un auténtico y señalado servicio a los altos ideales de afianzar y estrechar por el mutuo conocimiento de las mismas, los entrañables vínculos fraternales existentes entre España y Portugal y todos los pueblos de su noble estirpe que se extienden por los cinco continentes del mundo.

Julio Martínez Almoyna

ANÁLISE

O *Dicionário de Português- Espanhol*, de Julio Martínez Almoyna apresenta um prefácio e uma lista de abreviaturas usadas na obra como textos introdutórios, e os verbetes. O prefácio é breve, assinado pelo lexicógrafo, que escreve em língua espanhola, em que mostra em seu enunciado um discurso sobre o fazer lexicográfico, a língua e as imagens que constrói sobre língua portuguesa, língua espanhola e seu leitor-virtual.

Observamos que este prefácio ao estar escrito somente em uma língua, pode evocar a construção de um imaginário de unidade dos povos falantes de espanhol e os lusofônicos, em que o leitor deste dicionário é imaginado que independentemente de ter nascido na Espanha ou em Portugal, consegue ler em língua espanhola.

Segundo o lexicógrafo em seu prefácio, a língua é “el principal vehículo e instrumento de la vida y de la cultura de los pueblos” (ALMOYNA, s/d), o que nos mostra a evocação de uma memória de possibilidades discursivas sobre a língua pelas marcas como “a língua é um veículo e um instrumento” , em que remete à imagem sobre a língua da Teoria da Comunicação da primeira metade do século XX, pelas marcas “a língua é um instrumento de vida”, que nos evoca o discurso do Naturalismo da Linguística Histórica do final do século XIX e pelas marcas “ a língua é um instrumento de cultura”, que nos mostra o enunciado dos estudos do Estruturalismo de Sapir em que trabalha na língua os aspectos culturais.

Por meio das Condições de Produção deste dicionário, observamos que foi publicado na década de cinquenta, em Portugal, época em que já havia discussões teóricas, principalmente na Europa, sobre a imagem da língua como instrumento de informação, como também discussões sobre os aspectos culturais da linguagem. No entanto, havia um discurso histórico comparativo sobre o estudo das línguas desde o final do século XIX, o que pode justificar esta memória de possibilidades sobre a língua construída por este lexicógrafo.

Pelo seguinte enunciado sobre a publicação da obra, Almoyna(s/d) mostra que ele e sua equipe prestaram “un auténtico y señalado

servicio a los altos ideales de afianzar y estrechar por el mutuo conocimiento de las mismas, los entrañables vínculos fraternales existentes entre España y Portugal y todos los pueblos de su noble estirpe que se extienden por los cinco continentes del mundo”. Há nestas marcas novamente a construção de um imaginário de unidade entre Portugal e Espanha que possuem segundo o autor um “vínculo fraternal”, em que podemos observar uma memória da unificação dos reinos ibéricos do final do século XVI.

Há neste mesmo enunciado marcas da memória da colonização europeia do século XV, quando o autor do dicionário mostra que sua obra estreitará vínculos não só entre os dois países europeus como também em relação a seus povos que se estenderam pelo mundo. Povos estes que são constituídos segundo o lexicógrafo de “una noble estirpe” em que observamos a evocação do discurso da nobreza que em relação à língua pode mostrar a imagem do bem falar e bem escrever segundo a tradição normativa.

Para o lexicógrafo, sua obra será responsável por reaproximar está união português-espanhola, e “llenar una laguna existente entre ambas lenguas” (ALMOYNA, s/d). Há no discurso do lexicógrafo a construção da imagem de seu dicionário como uma relíquia tal quais as imagens dos tesouros monolíngues, em que se propunha por parte dos lexicógrafos a contenção e manutenção de todos os sentidos possíveis de uma língua, por meio da elaboração de listas de verbetes e definições semelhantes aos escritos enciclopédicos.

Há na nomeação da língua portuguesa como “lengua de Camões” e da língua espanhola como “lengua de Cervantes” uma filiação à memória do discurso literário clássico, exemplificados pelos nomes destes dois escritores, em que, de forma mais geral, se estabelecia uma linguagem atenta às regras gramaticais da norma culta, ao rebuscamento e complexidade de compreensão dos sentidos nas construções de vocabulário e sintática.

Novas marcas de colonização são construídas por uma rede de paráfrases no discurso do lexicógrafo. Ao construir a imagem das duas línguas, exemplificando-as pelos dois autores clássicos, o autor do dicionário evoca sentidos colonialistas em que tanto a língua espanhola falada além da Espanha, quanto à língua portuguesa falada em outros países lusofônicos

ressoam em seu discurso como dependentes das deliberações de seus países de origem – Portugal e Espanha- no que se refere às regras e construções de sintaxe, noções de culto ou coloquial, considerando o que é correto ou incorreto linguisticamente a depender da gramática europeia e desconsiderando as características particulares de cada país que tem por herança o português ou o espanhol.

Em relação à língua espanhola, não há referências no prefácio sobre os países da América espanhola ou de países da Ásia que falam espanhol ou de suas diferenças do espanhol peninsular. Do mesmo modo, não há referências no prefácio, de países africanos e asiáticos que falam português. O autor menciona sobre as peculiaridades da fauna e flora brasileira que apresentam nomes que não possuem equivalentes na língua portuguesa de Portugal, e que por isso são classificados como brasilismos e não traduzidos para o espanhol, mas definidos por comparações a espécies da flora e fauna espanhola, mostrando marcas do discurso do exotismo e construção da imagem do europeu sobre os países por eles colonizados.

Segundo Almoyna, ao dizer de seu trabalho lexicográfico nesta obra, mostra que: “Las mismas dificultades tuvimos para dar cima a este Dicionario que acaba el anterior.” (ALMOYNA, s/d), referindo-se à publicação do *Diccionario Espanhol-Português de 1947*. Sobre as dificuldades de produzir este *Diccionario Portuguêso-Espanhol*, justifica em seu enunciado que “Millares de horas, a través de varios años de paciente, de benedictino trabajo, hemos empleado, con nuestros colaboradores, para la redacción del incontable número de fichas... (ALMOYNA, s/d).”, em que observamos marcas do discurso religioso como “benedictino trabajo” (ALMOYNA, s/d), e também como em outra sequência no prefácio ser um “abrumador trabajo” (ALMOYNA, s/d).. Para producir esta obra, Almoyna diz que “fue preciso acumular no sólo de términos, sino también de diversidad de acepciones, giros idiomáticos, referencias, americanismos, provincialismos, etc., con una carencia casi absoluta de información.” (ALMOYNA, s/d).

Há no discurso deste lexicógrafo a construção do imaginário do especialista para elaborar um dicionário, que como tal deve possuir formação e colaboração especializada para este empreendimento. Encontramos na folha

de rosto do dicionário que Julio Martinez Almoyna é membro da Academia Galega e diretor do colégio de Oporto em Portugal, o que evoca o discurso da autoridade, em que o autor se posiciona como alguém capacitado a escrever um dicionário.

Sobre suas colaboradoras encontramos em outra sequência do prefácio que são “dos competentísimas y devotas colaboradoras, ambas profesoras del Colegio Oficial español de Oporto, Doña Ana María Paredes de Stuart Torrie, y mi esposa Doña Blanca Domínguez Catá de Martínez Almoyna” (ALMOYNA s/d), mostrando novamente o discurso de autoridade e da escola, por ser tratar de duas professoras, uma marca do discurso religioso, por estas professoras serem devotas ao trabalho, e também uma marca do discurso familiar , já que mostra que uma das professora é sua esposa.

O lexicógrafo diz o seu discurso da posição de cientista da academia, usando marcas que remetem à memória discursiva de determinados estudos da linguagem e constitui a língua portuguesa e a língua espanhola como línguas clássicas e constrói a imagem do povo português e espanhol como nobres. No entanto, o lexicógrafo ao longo de seu prefácio evoca marcas do discurso religioso, do discurso familiar, do discurso escolar que não constituem o discurso acadêmico ao qual se posiciona. Além disso, a ausência de teorias sobre a linguagem, citações sobre teóricos e sobre outros lexicógrafos compõem um não-dito que evoca um discurso sem a rigurosidade ou sistematicidade da Academia.

A função autor em que se posiciona Almoyna, mostra algumas figuras de autoria como a figura do organizador, a figura do linguísta e a figura do professor, enquanto que as professoras que participam de sua obra constituem a figura dos colaboradores na autoria.

Para Almoyna, seu público é de leitores que “que necesiten valerse del diccionario en sus traducciones de libros o trabajos técnicos y científicos” (ALMOYNA, s/d). Sua obra apresenta, segundo ele, “vocablos de uso constante que emplea cualquier persona de mediana cultura literaria y que constituye el acervo de los diccionarios manuales”, (ALMOYNA, s/d), mas será melhor utilizada por leitores que precisam dos significados dos “numerosísimos neologismos y términos científicos que en estos últimos años debido a los

incesantes progresos de las ciencias aplicadas, ganaron carta de naturaleza en las lenguas vivas.” (ALMOYNA, s/d).

Observamos no discurso do lexicógrafo a construção da imagem de seu leitor virtual como alguém que apresenta uma prática de leitura mais recorrente, em que é classificado pelo autor com um nível maior que mediano, já que assim considera àqueles leitores que usam somente dicionários manuais. Do mesmo modo, a obra é direcionada aos consulentes que estão inseridos em práticas de escrita acadêmica, provavelmente, recorrente de pesquisas e uso de um vocabulário menos utilizado no senso comum. Há no direcionamento da obra uma elitização dos leitores por parte do lexicógrafo, assim como na construção da imagem de dicionários manuais há uma exclusão de sua utilidade nas práticas dos consulentes imaginados por Almoyna na elaboração de sua obra.

No prefácio deste dicionário encontramos marcas que nos auxiliam na construção das condições de produção da obra, e, por conseguinte, as conjunturas sociais e econômicas, em que o lexicógrafo se encontra. Ao referir-se ao surgimento de neologismos científicos e termos técnicos e que estes são cada vez mais comuns na sociedade, o autor nos mostra que o período ao qual se inscreve, está em um processo de desenvolvimento nas ciências e especialização nas práticas profissionais, como por exemplo, seu próprio fazer dicionarístico, que é apresentado e resulta de procedimentos metodológicos e considerações técnicas.

A conjuntura social que se apresenta como Condições de Produção desta obra apontam para determinadas características que compõe o discurso do lexicógrafo. No contexto em que é elaborado e publicado esta obra – Europa, década de 60- há um período de reconstrução urbana e instrumental pós 2ª Guerra e planos de desenvolvimento econômico que propicia um discurso progressista que ecoa no prefácio, como a apuração das técnicas para compor um dicionário e a seleção de leitores especializados.

No campo dos estudos da linguagem, a Linguística definida por Saussure está em fase de consolidação mediante enquanto isso as efervescências dos debates Chomskyanos. No entanto, observamos no discurso do lexicógrafo imagens que ecoam de correntes anteriores como a

Linguística Histórica Comparativa, com sentidos como paralelismo, origem, famílias de línguas.

Podemos observar nas palavras do lexicógrafo no trecho a seguir do prefácio, seu posicionamento em relação a elaborar uma obra de fácil consulta:

“En cuanto a la inclusión de los verbos irregulares, en los que tan copiosos son el portugués y el castellano, se adoptó el criterio de intercalarlos en el lugar que por orden alfabético les corresponde, con la conjugación completa de las correspondientes formas irregulares evitando así incluirlos en inútiles apéndices finales de difícil o enojosa consulta. De esta suerte, es más asequible el rápido conocimiento no sólo de la irregularidad verbal, sino también de cada una de tales formas.” (ALMOYNA, s/d),

em que se constata que verbos são de difícil compreensão e que esta obra apresentará maneiras mais fáceis de compreendê-los.

A formação do especialista descrito no discurso de Almoyna possibilita a elaboração de obras como esta que se propõe a finalidade de ser um instrumento de trabalho àqueles cujas práticas necessitem, convergindo o dicionário a um produto de mercado, já que é possibilitado devido ao trabalho de profissionais amparados por uma editora, e como tal fim, promove ao seu leitor satisfação em seu uso.

Embora fale da posição de cientista, o lexicógrafo usa marcas do discurso não acadêmico, como o discurso religioso, descritivo e familiar mostrando enunciados de agradecimento, queixas que não se verifica em discursos técnicos. A constituição do discurso deste autor evoca uma memória de possibilidades sobre como constrói sua imagem de lexicógrafo, da língua e do seu dicionário.

4.2.2. Análise dos verbetes

VERBETES

Maba, *s. f. Bot.* Maba, gênero de ebenáceas, propia de Asia y Australia. Da una madera muy útil, siendo comestible sus frutas aovadas que, a veces, alcanzan hasta 5 cm de largo.

Mabeia, *s. m. Bot.* Mabea, planta euforbiácea de climas tropicales.

Mabela, *s. f. Bot.* Árbol africano, de madera apreciada en la construcción y de cuyas hojas los indígenas hacen especies de birretes para cubrir la cabeza en casa.

Mabu, *s. f.* Especie de palmera africana de hojas textiles.

Macacaúba, *s. f. Bot.* Nombre de una planta faseolácea del Brasil, de Madera rojiza muy apreciada; Granadillo.

Maçacuca, *s. f. Prov.* Fruto del roble cultivado, semejante a una manzana. *Bot.* Nombre vulgar de una planta de la familia de las plumbagináceas.

Maçanilha, *s. f.* Manzanita, manzanilla, manzana pequeña; *prov.* manzanilla, especie de aceituna.

Maçã, *s. f.* Manzana, fruto Del manzano; todo lo que imita ese fruto; manzana, pomo de La espada. *Maçã do rosto*: pômulos; *maçã-de-adão*: nuez de Adán, prominencia que forma la laringe en el cuello de los hombres.

Mabeco, *s. m.* Nombre dado en Angola a un animal carnicero salvaje, parecido al perro.

Mabounga, *s. f.* Nombre vulgar de un díptero muy grande de África, de reflejos verde, semejante a una mosca

Macaca, *s. f.* Macaca, hembra del macaco, parecida a la mona; *pop.* Mala suerte; mujer fea; especie de lenguado. *Morte macaca*: muerte desastrosa y poco gloriosa.

Macacada, *s. f.* Cantidad de macacos; *fig.* Grupo de personas grotescas; monadas, monerías, gestos grotescos.

Macacão, *s. m. Aument.* De macaco; *pop.* Zorro, raposa, matrero, artero, individuo astuto.

Macacaria, *s. f.* Multitud de monos o de macacos; monada, monería.

Macaco, *s. m. Zool.* Macaco, cuadrúpedo muy parecido a la mona, pero algo más pequeño; vara vieja de vid; mono; pl. garabatos, garrapatos, letras o dibujos mal hechos, generalmente por niños; gatos, maquina compuesta de un engranaje de Piñón para levantar pesos; mono; traje enterizo de tela fuerte de mahón para proteger que está vestido; adj. Listo, vivo; Traicionero. Mandar pentear macaco: despedir a alguien con desprecio.

Maca, *s. f.* Maza (arma), clava; camilla para conducir enfermos o heridos; nombre de una ave del Perú.

Maça, *s. f.* Maza (arma), clava; maza, para machacar el Lino, mazo; maza, pisón; pupa de la nuez moscada.

Maçacote, *s. m. V.* Maçaçoto.

Maçacoto, *s. m.* Maza, pieza de hierro en que se apoya el clavo cuando este se tuerce. *V. Soda y Barrilheira (planta):* mazacote, barrilla, cenizas que contienen sosa. Maçada.

Macadame, *s. m.* Macadán. Pavimento de piedra manchada que una vez tendida se comprime con el rodillo.

Macadamização, *s. f.* Macadamización, acción y efecto de macadamizar.

Maçadeiro, *s. m.* Piedra sobre la cual se machaca el lino.

Maçadoiro, *s.m.* Maçadouro.

Maçadouro, *s. m.* Piedra en que se machaca el lino.

Maçadoria, *s. f.* Latón, pelmez, tostón, conversación larga fastidiosa, gran molestia e impertinencia.

Maçadura, *s. f.* Mazazo, mazada, contusión producida por un mazo; presión, frotación, maceración de lino.

Maçagem, *s. f.* Machaque de lino; masaje., amasamiento, procedimiento terapéutico que consiste en comprimir la parte enferma de cuerpo o la aplicación de pequeños golpes sobre la misma.

Maçal, *s. m.* Suero de la leche que resulta de batir el queso.

Macaná, *s. m. Bras.* Macana, arma defensiva usada por los salvajes, especie de clava o maza.

Maçaneta, *s. f.* Manzanilla, remate de forma esférica o piramidal para adorno; la parte más alta del frente de la silla de montar; *prov.* Baqueta de tambor; maza de tocar tambor.

Macaio, s. m. Antiguo tejido de lana y seda.

M, s. m. M, décima segunda letra y novena consonante del abecedario portugués; M, mil en numeración romana. La letra M en documentos oficiales equivale a Majestad; M. R. Majestad Real; M. V. de Marie Virginis; y de mes en los números complejos; minúscula es abreviatura de masculino, metro, minuto; adj. Dícese del 12º en una serie indicada por letras.

Ma, *Gram.* Contracción de los pronombres me y a; me la

Macanjice, s. f. Acción de macanjo, bellaquería, maldad, rufianada, perversidad, ruindad, canallada.

Macambuzice, s. f. Calidad de triste, taciturno; hosco; cariacontecido.

Macabrisimo, s. m. Calidad de lo que es macabro; diversión macabra.

Macabeu, s. m. Macabeo, individuo ilustre de una familia judía que se destacó dos siglos antes de Jesucristo; adj. Relativo a los macabeos.

Macacório, *adj.* Tracionero, astuto, sagaz, mañoso, matrero.

Maçador, *adj.* y s. m. Maceador, que o el que trabaja con el mazo; maza, con que se machaca el lino; *fig.* machacón, importuno, pesado, molesto, fastidioso, chinche, latosos, pelmazo; gravoso.

Maçadiço, *adj.* V. Malhadiço; que se maza con frecuencia o facilidad.

Má, *adj.* Mal, cañamo de la India o de Manila; *Vet.* Tumor a que se da también el nombre de *arrieira*; *adj.* mala, *fem. de mau.*

Macabra, *adj.* Macabra, dícese de una danza infernal en que se representa la muerte.

Macabro, *adj.* Macabro, fúnebre, macábrico, mortuario.

Macaense, *adj.* y s. Macaense, perteneciente o relativo a *mação*; macaense, persona natural o habitante de Macao.

Macambúzio, *adj.* Triste, taciturno, apesadumbrado: enfurruñado, ceñudo, torvo, hosco, cariocontecido.

Macaísta, *adj.* Macaísta, macaense, de Macao; s. Persona habitante o natural de Macao.

Macacal, *adj.* Próprio de macaco; relativo a los macacos.

Macadamizar, v. *tr.* Macadamizar, pavimentar, afirmar el suelo de calles y carreteras por el procedimiento de macadán.

ANÁLISE

Os verbetes do *Dicionário de Português- Espanhol*, de Julio Martínez Almoyna, selecionados para a nossa análise são escritos pela palavra-entrada em língua portuguesa; a marcação de gênero; por vezes, a marcação de classe gramatical; em alguns casos; na maioria das vezes, abreviatura de alguma área do saber ao qual o verbete é mais recorrente; na maior parte dos casos, uma palavra equivalente em língua espanhola; em seguida, a definição em espanhol; e em alguns verbetes, sinônimos em língua espanhola e exemplos de sua recorrência em frases como ditados populares, como o caso do verbete Maçaneta:

“**Maçaneta**, s. f. Manzanilla, remate de forma esférica o piramidal para adorno; la parte más alta del frente de la silla de montar; *prov.* Baqueta de tambor; maza de tocar tambor.” (ALMOYNA, s/d)

Nesta série encontramos verbetes com definições extensa escrita com um vocabulário que evoca uma memória de imagens mais complexas no que se refere a sua construção sintática e a sua significação, indicando uma possível constituição do leitor virtual por parte do lexicógrafo, que tenha uma prática de leitura que lhe possibilite conhecer o verbete. Há como exemplo desta prática o verbete *Mabéia* em que marcas do discurso da ciência como euforbiáceas mostram que se o leitor não souber o significado deste vocábulo não consegue ler a definição com clareza.

Ao observarmos o discurso do prefácio desta obra, verificamos que a imagem que o lexicógrafo constrói de seu consulente na escrita deste verbete se equivale à imagem construída por ele no prefácio, em que é antecipada em seu discurso sua preferência por leitores para a sua obra que apresentam como práticas uma leitura mais intensa e diversificada em contextos de pesquisas e acadêmicos.

Em nosso recorte há poucas ocorrências de verbetes que apresentam marcas da linguagem não acadêmica, como a linguagem do senso comum ou do discurso da observação. A maior parte dos verbetes selecionados apresenta como palavra entrada, nomes encontrados com mais recorrências nas espécies naturais e instrumentos usados nas práticas de

pavimentação de vias. Há ainda, em nosso grupo, nomes responsáveis por qualificar em língua portuguesa, uma palavra entrada referentes à ação de pavimentar, além de dois verbetes sobre elementos da língua portuguesa.

Nos verbetes de nossa série que apresentam como palavra entrada nomes de espécies de animais e plantas, observamos uma heterogeneidade discursiva, onde encontramos marcas do discurso científico e do discurso de observação como nos verbetes:

Maba, *s. f. Bot.* Maba, gênero de ebenáceas, propia de Asia y Australia. Da una madera muy útil, siendo comestible sus frutas aovada que, a veces, alcanzan hasta 5 cm de largo.”

Mabela, *s. f. Bot.* Árbol africano, de madera apreciada en la construcción y de cuyas hojas los indígenas hacen especies de birretes para cubrir la cabeza en casa.

em que há duas formas de definição para essas espécies vegetais. Enquanto *Maba* é classificada como pertencentes ao gênero das *ebanáceas*, mostrando por parte do lexicógrafo, marcas de um discurso cientificista, a espécie *Mabela* é descrita somente por marcas de um discurso de observação, que não exige do leitor o conhecimento prévio de outros discursos como ocorre em *Maba*, que excluí da compreensão àquele que não sabe o que é *ebanécea*.

Encontramos os mesmos exemplos sobre estas duas formas de definição com os verbetes:

Macacaúba, *s. f. Bot.* Nombre de una planta faseolácea del Brasil, de Madera rojiza muy apreciada; Granadillo.

Mabeco, *s. m.* Nombre dado en Angola a un animal carnicero salvaje, parecido al perro.

Mabounga, *s. f.* Nombre vulgar de un dípero muy grande de Africa, de reflejos verde, semejante a una mosca.

onde observamos que para o verbe *Macacaúba* há o uso de marcas do discurso da biologia como planta *faseolácea*, enquanto que para a definição dos verbetes *Mabeco* e *Mabounga*, o lexicógrafo propõe ao leitor uma associação de imagens que ele supõe mais conhecidas como perro e mosca, a fim de possibilitar o compreensão destes dois últimos verbetes

Constatamos na análise do prefácio realizada anteriormente que o lexicógrafo mostra um discurso heterogêneo com marcas do discurso familiar, do discurso do colégio em que observamos a mesma heterogeneidade discursiva.

Observamos nas marcas sobre animais e plantas uma memória da colonização europeia do século XV, em que havia um olhar de descoberta e exotismo sobre as novas espécies da colônia, onde se promoviam práticas para defini-las e significá-las por meio da observação e registro.

Nos verbetes sobre animais encontramos também um discurso heterogêneo onde há marcas da caracterização biológica e outros sentidos figurativos, como antecipado no prefácio desta obra em que o lexicógrafo enuncia apresentar em alguns verbetes definições com termos da linguagem popular, mesmo não sendo este o foco de seu trabalho, como nos verbetes: “**Macacão**, *s. m. Aument.* De macaco; pop. Zorro, raposa, matrero, artero, individuo astuto.” (ALMOYNA, s/d) e “**Macacaria**, *s. f.* Multitud de monos o de macacos; monada, monería.” (ALMOYNA, s/d).

Há nos verbetes:

“**Macaco**, *s. m. Zool.* Macaco, cuadrúpedo muy parecido a la mona, pero algo más pequeño; vara vieja de vid; mono; pl. garabatos, garrapatos, letras o dibujos mal hechos, generalmente por niños; gatos, maquina compuesta de un engranaje de Piñón para levantar pesos; mono; traje enterizo de tela fuerte de mahón para proteger que está vestido; adj. Listo, vivo; Traicionero. Mandar pentear macaco: despedir a alguien con desprecio.”

“**Macacada**, *s. f.* Cantidad de macacos; fig. Grupo de personas grotescas; monadas, moneirías, gestos grotescos.”,

a construção de imagens que equiparam pessoas ao animal por caracterização como mulher feia e pessoa grotesca, onde observamos marcas do discurso machista em que apenas mulheres são exemplificadas como feias, além de marcas do discurso elitista em que se definem padrões sociais de grosseria. Podemos observar nestas marcas que evocam uma memória do período escravista do século XV, em que havia um padrão de humanidade e civilidade

que diferenciava humanos de não humanos, que embora não esteja dito nas definições destes verbetes, evocam um não dito discursivo.

Em nosso material de análise há verbetes sobre as atividades e instrumentos relacionados à pavimentação das estradas, como por exemplos os verbetes *Macadame*, *Macadamização* e *Macadamizar* : “**Macadame**, *s. m.* Macadán. Pavimento de piedra manchada que uma vez tendida se comprime com el rodillo.” (ALMOYNA, s/d)., “**Macadamização**, *s. f.* Macadamización, acción y efecto de macadamizar.” (ALMOYNA, s/d). Assim como verbetes referentes a práticas profissionais e à fabricação de produtos a partir de uma atividade, como nos casos dos verbetes *Maçal* e *Maçadura*: “**Maçal**, *s. m.* Suero de la leche que resulta de batir el queso.” (ALMOYNA, s/d) , “**Maçadura**, *s. f.* Mazazo, mazada, contusión producida por um mazo; presión, frotación, maceración de lino.” (ALMOYNA, s/d), em que observamos em tais práticas, as atividades que mostram um discurso desenvolvimentista, em que a sociedades portuguesa e espanhola estavam inseridas, como o progresso das ciências e das técnicas resultando em avanços tecnológicos, já antecipados no prefácio por nós analisado.

A maior parte dos verbetes classificados como qualificadores apresentam definições menos extensas como em *Maçadiço* e *Macaense*: “**Maçadiço**, *adj.* v. Malhadiço; que se maza com frecuencia o facilidad” (ALMOYNA, s/d), “**Macaense**, *adj. y. s.* Macaense, perteneciente o relativo a mação; macaense, persona natural o habitante de Macao” (ALMOYNA, s/d), ou somente palavras equivalentes em sua escrita como nos verbetes *Macacório*, *Macabro* e *Macambúzio*: “**Macacório**, *adj.* Tracioneiro, astuto, sagaz, mañoso, matrero., **Macabro**, *adj.* Macabro, fúnebre, macábrico, mortuorio., **Macambúzio**, *adj.* Triste, taciturno, apesadumbrado: enfurruñado, ceñudo, torvo, hosco, cariocontecido.” (ALMOYNA, s/d), que exigem um acervo de vocabulário, assim como analisamos na fala do lexicógrafo no prefácio desta obra.

Observamos que embora a maior parte do nosso material nos aponte para um discurso que caracteriza os sentidos da língua como sentidos únicos, há em alguns verbetes mais de uma significação, como em *Macaco*, por exemplo, em que há a categorização biológica e em seguida a descrição da

máquina de levantar pesos também conhecida como macaco. Há casos em que o emprego mais popular do verbete é apresentado em sua segunda ou terceira acepção, como em macacão, em que é mostrado o qualificador astuto. Encontramos ainda, o verbete *Maçagem* que mostra em sua primeira acepção o processo de “machacar el lino” e em seguida o processo terapêutico corporal, que nos aponta para o processo de deslizamento dos sentidos ao longo do tempo, em uma concepção de mudança tal qual o olhar da linguística histórica.

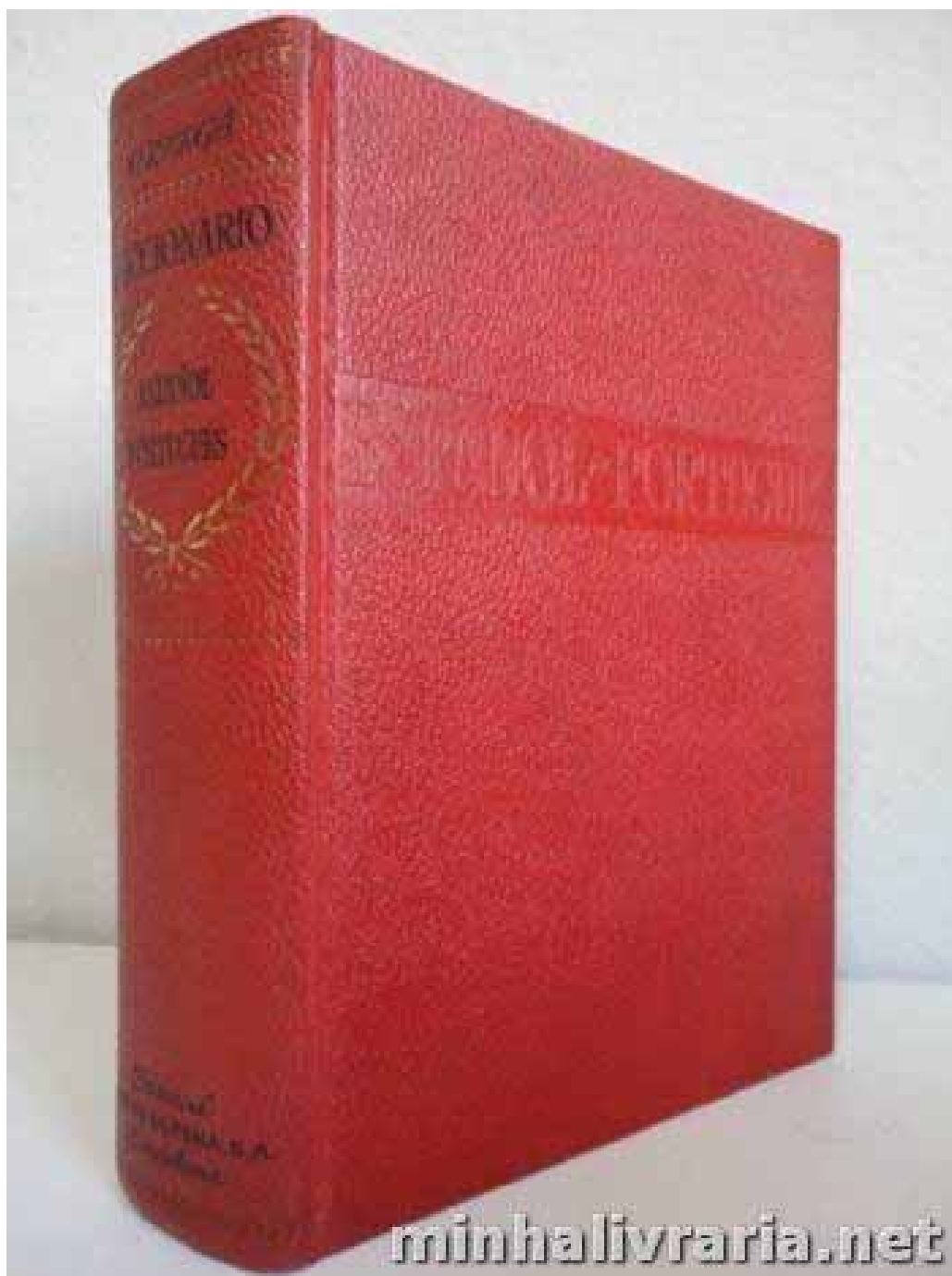
A análise do discurso construído no prefácio e a análise do discurso presente na escrita dos verbetes selecionados do dicionário de José Martínez Almoyna mostram que a maior parte das imagens construída no discurso do lexicógrafo no prefácio ressoa na elaboração dos verbetes.

Por meio da análise do prefácio e da série de verbetes do dicionário de Almoyna, constatamos que esta obra apresenta um discurso onde há marcas do discurso científico e de outras discursividades como o discurso familiar, religiosos, de observação que constituem a imagem de língua como histórica e ao mesmo tempo instrumento de cultura e a imagem de autoridade do especialista em dicionários, mesmo com nenhuma discussão teórica em seu texto e diferenças discursivas não acadêmicas em suas marcas.

A maioria dos verbetes está escrita com uma linguagem formal científicista, referenciada pelas áreas do conhecimento científico desenvolvida pela humanidade ao longo dos tempos, como por exemplo, a Biologia, Zoologia e a Botânica, o que mostra a imagem que o lexicógrafo constrói de seu leitor-virtual, como um consulente que é habituado a ler textos acadêmicos em que se exigem um bom nível de abstração, tal qual ao relato apresentado no prefácio.

Os enunciados de nosso recorte evocam uma memória de unidade entre Portugal e Espanha e de colonização cultural e linguística em que a língua é caracterizada como peninsular e os termos referentes à colônia são construídos por uma imagem de exotismo e dependência.

4.3. ANALISE DISCURSIVA DO *DICCIONARIO PORTUGUÉS-ESPAÑOL* DE DAVID ORTEGA CAVERO



Passemos agora à análise do *Dicionário Português- Español* (Cavero, 1966) publicado na Espanha. Realizamos o mesmo recorte do dicionário de Garcia e Almoyna anteriormente analisados, onde observamos nos textos introdutórios, o prefácio e algumas marcas da gramática que forma nosso material. Na sequência, analisaremos uma série de constituída por cinquenta verbetes que será dividida em grupos para efeito de exemplificação, onde mostraremos regularidade de sua escrita e nos uso das marcações.

4.3.1. Análise do Prefácio

Prólogo

Ante consideraciones de índole histórica tanto como lingüística, acaso se antoje extraña la ausencia, en el anchuroso mundo de habla luso-hispana de un Diccionario de lenguas tan nobles como el castellano y el portugués, a los que tanto debe la literatura universal.

Las estrechas relaciones de toda naturaleza existentes entre Portugal y España, su unidad de destino y la comunidad de sus empresas en el espacio y el tiempo – en la Geografía y la Historia – exigía imperiosamente la publicación de una obra que recogiera el vasto acervo idiomático de los dos pueblos ibéricos. Para colmar tan anómalo vacío se ha compuesto el diccionario que ahora presentamos al estudioso de las lenguas luso brasileña y castellana.

Que no sea posible decir nunca más lo que tanto pudo entristecer a Miguel de Unamuno, cuando, con evidente desconsuelo, escribió:

“Mas, aun siendo los dos países vecinos asilados los dos, en cierto modo, del resto de Europa, yo no sé qué absurdo sino nos ha tenido separados en lo espiritual. En Madrid es más fácil encontrar un libro inglés, alemán o italiano que no portugués, y en Portugal hay facultad de Medicina en que sirven de texto en histología obras de nuestro Ramón y Cajal, pero... en francés.

En cierta ocasión, viajando un amigo mío por Portugal, hubo de acercarse al despacho del administrador del hotel, en el cual despacho había un cartel con recomendaciones a los viajeros, escrito en francés, italiano, alemán e inglés. Mi amigo, viajero infatigable, que chapurreaba algo cada uno de estos idiomas, se acercó al administrador y le dijo: Vous parlez français, nést-ce pas?; a lo cual contestó: Não, não falo francês; entonces: Lei parla italiano?; y el otro: Não , não falo italiano; en seguida: Do you speaking English?, Não,

não falo inglês; y, por último: Sprechen sie Deutsch?, a lo que: Não, não alemán. Y mi amigo entonces: ‘Hombre, ¿ habla usted español?’, y el portugués a esto: ‘ Sí, señor, entiendo el español’ Pues, bueno – agregó mi amigo - , dígame, antes de continuar, una cosa: usted no sabe ni francés, ni italiano, ni alemán, ni inglés, y tiene ahí una recomendación en esas cuatro lenguas, y en la única que usted parece conocer fuera de la suya propia, en castellano, no aparece: ¿ cómo así? A lo que el portugués contestó en castellano correcto: ‘Dígame, señor: ¿ en qué hotel de España ha visto usted recomendaciones o advertencias en portugués?’ Mi amigo se calló.”

Hasta el momento presente – al menos en España – sólo se habían hecho esfuerzos editoriales harto tímidos y modestos, y desde luego insuficientes, en el complejo campo de inventariar el léxico de los dos idiomas. Resulta ocioso subrayar la importancia que ello entraña: más de 270 millones de seres tienen por lengua vernácula el portugués y el español, cifra que representa el 12% de las lenguas indoeuropeas, tan solo superada por la inglesa. Si, en una escala mundial, se tiene en cuenta que el grupo de idiomas formado por el castellano (más de 180 millones) y el portugués (90 millones incluyendo Brasil) ocupa el 4º lugar, después del chino – 635 millones -; de lenguas hindúes – 370 millones - y del inglés con sus 295 millones; queda evidenciada en toda su fuerza y alcance la influencia que, en terreno idiomático, supone la posesión de ambas lenguas. Dicha importancia sube de punto al tener presente las inmensas posibilidades de crecimiento demográfico que se abren ante los Estados Unidos del Brasil, verdadero ‘Continente del futuro’, como ha sido calificado por plumas ilustres y 4º país del mundo por su extensión, inmediatamente después de la U. R. S. S., China y Canadá.

Por lo que se refiere al alcance de esta obra, se ha tenido en cuenta el valor biológico de las palabras, que, como verdaderos organismos vivos, nacen, evolucionan y mueren. Consecuentemente, se ha creído oportuno registrar gran número de vocablos que se emplearon en tiempos pretéritos, arcaísmos hoy casi en desuso, pero que, en cambio, pueden ser herramienta de inestimable valor para el traductor o investigador de textos añejos.

De modo análogo, figura también una nutrida cantidad de provincialismo e regionalismos. Tampoco se ha cerrado la entrada a un aspecto tan importante como es el constituido por los neologismos, savia del

idioma al que rejuvenece con su incesante aportación, por la misma razón, no podía estar ausente del caudal importantísimo de americanismos, particularmente por lo que respecta a la voces y giros brasileños, de los que han sido incorporados un número considerable, bajo la abreviatura de (Bras.). Al mismo tiempo, se ha hecho la oportuna distinción sobre todas aquellas voces en la grafía y acentuación brasileña es distinta de la portuguesa, remitiendo de la primera a la segunda (de helênico a helénico), o bien poniendo entre paréntesis la letra o letras de una palabra que en Brasil se omiten (fra(c)cionar, o(p)timista).

Por otra parte, se ha prestado especial atención a la interesante cuestión de los idiotismos y locuciones familiares y populares que constituyen el tuétano del lenguaje. Habida cuenta del genio particular de ambos idiomas, y siempre que ello ha sido posible, se ha dado a cada expresión particular de una lengua la correspondiente o similar 'viva' en la otra. Rechazándose, por principio, la mera traducción literal de aquélla. De igual forma, al proverbio portugués se le ha buscado el proverbio español. Análogas consideraciones nos han guiado para evitar el empleo de las perífrasis en la versión de los vocablos que componen este Diccionario.

La gran aventura del hombre en su lucha incesante contra el medio circundante, desde el logro de su verticalidad hasta sus conquistas en el dominio del átomo y de la mecánica interplanetaria, directa proyección de su actividad y pensamiento en su forma – hablada o escrita – de expresión, se traduce en el enriquecimiento continuo del caudal lexicográfico. Por ello no podían faltar en este Diccionario las voces más recientes que, en el terreno de la técnica más moderna, van dando fe del paso del hombre por la tierra.

Por último, sería omisión imperdonable dejar de expresar nuestra gratitud a la Editorial Sopena, que, consecuente con su generosa línea de actuación, no ha regateado esfuerzo alguno para que haya podido ser realidad el Diccionario que hoy tenemos el honor de ofrecer a la creciente masa de seres que en los dos hemisferios hablan los hermosos idiomas de Camoens y Cervantes.

David Ortega Cavero

ANÁLISE

O *Dicionário Portugues-Español*, de David Ortega Caveró apresenta como textos introdutórios um prefácio nomeado de Prólogo, uma síntese gramatical e os verbetes. O Prólogo não é um extenso, ocupando duas páginas do dicionário, é escrito em língua espanhola e assinado pelo lexicógrafo, onde são mostradas considerações geográficas, históricas sobre países de língua portuguesa e de língua espanhola, além da representatividade mundial destas duas línguas frente às línguas mais faladas no mundo.

Segundo Caveró, “Las estrechas relaciones de toda naturaleza existentes entre Portugal y España, su unidad de destino y la comunidad de sus empresas en el espacio y el tiempo – en la Geografía y la Historia – exigía imperiosamente la publicación de una obra que recogiera el vasto acervo idiomático de los dos pueblos ibéricos.”. (CAVERO, 1966).

Observamos neste enunciado marcas que evocam uma memória de unidade entre Portugal e Espanha constituída pela História e pela Geografia, onde observamos na relação intradiscorso e interdiscorso um passado marcado pela união dos primeiros reinos portugueses e espanhóis, denominado de União Ibérica e a proximidade de suas fronteiras que ressoa na imagem de semelhança entre as duas culturas. Há ainda neste enunciado marcas do discurso empresarial “comunidad de sus empresas en el pasado y el tiempo”(CAVERO, 1966), que mostram que tal unidade se estabeleceu devido a um passado, mas que ainda se mantém atual, principalmente no setor econômicos dos dois países.

Observamos a imagem de completude que o lexicógrafo constrói de seu dicionário e que diante da memória de união ibérica por ele estabelecida, tem como uma de suas atribuições, contemplar todo o léxico espanhol e português que ele denomina como acervo, mostrando também a imagem de língua com uma história a ser preservada. Tal imagem de língua comparada à imagem da Linguística Histórica, encontramos em outras sequências enunciativas do prefácio como: “se ha tenido en cuenta el valor

biológico de las palabras, que, como verdaderos organismos vivos, nacen, evolucionan y mueren.”, (CAVERO, 1966), em que é construído a imagem de língua provinda de uma origem, apta à mudança e à mudança, e “La gran aventura del hombre en su lucha incesante contra el medio circundante, desde el logro de su verticalidad hasta sus conquistas en el dominio del átomo y de la mecánica interplanetária ”(CAVERO, 1966) , em que se observa imagem de meio natural do naturalismo histórico.

A língua portuguesa e a língua espanhola são nomeadas de “hermosos idioma de Camoens e Cervante ” (CAVERO, 1966), o que evoca a imagem do discurso literário usada como autoridade para indicar, por meio de uma memória da literatura clássica que estes idiomas são línguas elaboradas e complexas no que se refere à sua construção na sintaxe e na escolha do vocabulário elitizados, já que segundo o lexicógrafo, são “lenguas tan nobles” (CAVERO, 1966).

O lexicógrafo utiliza-se da imagem da literatura como autoridade quando acrescenta em seu prólogo um pequeno texto do escritor espanhol Miguel de Unamuno que mostramos a seguir:

“Mas, aun siendo los dos países vecinos asilados los dos, en cierto modo, del resto de Europa, yo no sé qué absurdo sino nos ha tenido separados en lo espiritual. En Madrid es más fácil encontrar un libro inglés, alemán o italiano que no portugués, y en Portugal hay facultad de Medicina en que sirven de texto en histología obras de nuestro Ramón y Cajal, pero... en francés.

En cierta ocasión, viajando un amigo mío por Portugal, hubo de acercarse al despacho del administrador del hotel, en el cual despacho había un cartel con recomendaciones a los viajeros, escrito en francés, italiano, alemán e inglés. Mi amigo, viajero infatigable, que chapurreaba algo cada uno de estos idiomas, se acercó al administrador y le dijo: Vous parlez français, nést-ce pas?; a lo cual contestó: Não, não falo francés; entonces: Lei parla italiano?; y el otro: Não , não falo italiano; en seguida: Do you speaking English?, Não, não falo inglés; y, por último: Sprechen sie Deutsch?, a lo que: Não, não alemán. Y mi amigo entonces: ‘Hombre, ¿ habla usted español?’, y el portugués a esto: ‘ Sí, señor, entiendo el español’ Pues, bueno – agregó mi amigo - , dígame, antes de continuar, una cosa: usted no sabe ni francés, ni italiano, ni alemán, ni inglés, y tiene ahí una recomendación en esas cuatro lenguas, y en la única que usted parece conocer fuera de la suya propia, en castellano, no aparece: ¿ cómo así? A lo que el portugués contestó en castellano correcto: ‘Dígame, señor: ¿ en qué hotel de España ha visto usted recomendaciones o advertencias en portugués?’ Mi amigo se calló.” (CAVERO, 1966)

David O. Caveró apresenta o texto de Miguel de Unamuno para reafirmar a necessidade de haver obras escritas com o idioma português e o idioma espanhol, dada a proximidade destes dois povos e as necessidades estabelecidas pelo mercado. O texto mostra que diante desta proximidade e semelhança entre os idiomas, há um mercado editorial e práticas que exigem uma compreensão bilíngue que podem ser desenvolvidas pelo conhecimento mútuo da língua portuguesa por parte do falante de espanhol e da língua espanhola por parte do falante de português.

No texto de Miguel de Unamuno há a afirmação que o mercado editorial publica livros traduzidos em várias línguas menos em língua portuguesa na Espanha e em língua espanhola em Portugal, mostrando que as editoras não percebem que a proximidade, pelo lexicógrafo, mostrada, é um fator que propicia a um falante de espanhol comprar um livro em português assim como um falante de português comprar um livro em espanhol.

Na sequência do texto de M. Unamuno há dois personagens que estranham a ausência de materiais em língua espanhola em hotéis portugueses e a constatação de ser a única segunda língua compreendida pelo o atendente do local, assim como no final deste texto, um dos personagens, questionar ao outro o fato desta mesma ausência acontecer sobre os de materiais de língua portuguesa, mas em hotéis espanhóis, o que mostra a imagem que eles constroem da língua portuguesa e a língua espanhola como língua de comércio e representativa nas práticas econômicas dos dois países.

A imagem do Brasil é construída no prefácio como um país que apresenta grandes possibilidades de desenvolvimento diante do cenário mundial porque além de possuir grande extensão territorial, é constituído pela língua portuguesa como idioma oficial, e encontra nesta característica representatividade já que segundo Caveró:

“...más de 270 millones de seres tienen por lengua vernácula el portugués y el español, cifra que representa el 12% de las lenguas indoeuropeas, tan solo superada por la inglesa. Si, en una escala

mundial, se tiene en cuenta que el grupo de idiomas formado por el castellano (más de 180 millones) y el portugués (90 millones incluyendo Brasil) ocupa el 4º lugar, después del chino – 635 millones -; de lenguas hindúes – 370 millones - y del inglés con sus 295 millones; queda evidenciada en toda su fuerza y alcance la influencia que, en terreno idiomático, supone la posesión de ambas lenguas.” (CAVERO, 1966)

Observamos nestas sequencias marcas que evocam uma memória do discurso da colonização, em que o Brasil apresenta como uma característica importante ter o idioma português como língua oficial. No entanto, a língua portuguesa é nomeada como língua de Camões, ou seja, de Portugal, e que como possibilidade discursiva rememora a condição do Brasil ser expressivo porque foi dotado do idioma português por seus colonizadores.

O português falado no Brasil é citado pelo lexicógrafo como “voces y giros” (CAVERO, 1966). Segundo ele, em seu dicionário “se ha hecho la oportuna distinción sobre todas aquellas voces en la grafía y acentuación brasileña es distinta de la portuguesa” (CAVERO, 1966), o que aponta a uma distinção feita por ele, sobre o português de Portugal e o português do Brasil, inclusive com marcações dicionarísticas em seus verbetes como por exemplo a abreviatura (*Bras.*), mas que não constrói a imagem de duas línguas, já encontramos marcas como *provincialismo* e *regionalismo* ”(CAVERO, 1966) para o português brasileiro enquanto que para o português de Portugal há marcas como “lengua” ”(CAVERO, 1966).

O lexicógrafo constrói a imagem de uso de sua obra como instrumento de trabalho aos profissionais da linguagem como tradutores e pesquisadores que trabalham em suas práticas com termos antigos, distinções regionais e gírias. Observamos que na construção da imagem de utilidade há uma memória sobre o uso e desuso de vocabulário que evoca o sentido da língua com uma história que permanece ou desaparece de acordo com a conjuntura social em que se inserem seus falante, e que somente um dicionário que considera a língua em mudança poderia compilar este léxico contemporâneo. Assim, para o lexicógrafo seu dicionário é atual porque considera as mudanças do vocabulário decorrente das mudanças das práticas sociais.

O *Diccionario Portugues-Español* de David Ortega Caveró apresenta uma sessão após o prefácio chamada de “Síntesis Gramatical” da

língua portuguesa, dividida em duas partes, a primeira intitulada de *Prosódia Y Ortografía* e segunda nomeada de *Analogia y Sintaxis*.

A primeira parte da *Síntesis Gramatical* mostra o alfabeto da língua portuguesa, constituído por 23 letras e três exceções formadas pelas letras K, W, Y que são usadas em palavras de derivação estrangeira. Em seguida, há algumas considerações sobre a pronúncia das vogais e consoantes em língua portuguesa comparando-as a sons semelhantes em língua espanhola quando há correspondência ou buscando em outras línguas, sonoridades parecidas para exemplificar ao leitor do dicionário. Não há referências à Fonética ou à Fonologia para explicar tais diferenças, assim como as marcas de escrita que aparecem como travessão, parênteses e colchetes são apresentadas segundo seus usos, como por exemplo, “Raya (---) Se emplea em diálogos y también em lugar de comas”. (CAVERO, 1966).

A segunda parte da *Síntesis* mostra as classes de palavras da gramática normativa da língua portuguesa formadas pelos Artigos, Substantivos, Adjetivos, Pronomes, Verbos, Advérbios, Preposições, Conjunções e por fim, as Interjeições.

Os artigos são comparados aos correspondentes em língua espanhola, os substantivos são explicados conforme a formação de seus gêneros e seus números, os adjetivos são considerados segundo os graus de comparação na sintaxe, além de ocupar o lugar dos pronomes demonstrativos, relativos, indefinidos, possessivos na classificação sintática, já que pronomes pessoais, possessivos e indefinidos são classificados, mas os pronomes demonstrativos, relativos e interrogativos são considerados com o mesmo funcionamento dos adjetivos antes já apresentados.

Há um quadro de conjugação dos verbos regulares em relação as desinência de tempo, número e pessoa e a apresentação do funcionamento gramatical de alguns verbos irregulares, assim como seus participios passados. Por fim, há a comparação entre língua portuguesa e língua espanhola dos termos referentes às preposições, conjunções e as interjeições segundo a gramática normativa do português, evidenciando segundo o autor, a familiaridade entre as duas línguas.

4.3.2. Análise dos verbetes

VERBETES

Mabeco. *m.* nombre dado em angola a um animal carniceiro semelhante al perro.

Macaca. *f.* (zool) mona, hembra del mono; (pop) desgracia constante, mujer fea; (ictiol) variedad de lenguado: *morte macaca*, muerte sin pena ni gloria; *estar com a macaca*, tener la negra.

Maçã. *f.* (bot) manzana; (bras.) variedad de banana: *maçã de espada*, pomo de la espada; *maçã do rosto*, pómulos; *maçã do peito*, carne de calidad inferior procedente del pecho del buey o vaca; *maçã do escaravelho*, bola formada por el escarabajo; *maçã-de-Adão*, nuez de Adán.

Macacada. *f.* gran cantidad de macacos o monos; macacada, ademanes grotescos, imitación servil; conjunto de personas grotescas.

Macacacão. *m.* gran macaco, mono grande; (pop) individuo muy astuto. V. **chimpanzé**; (Bras.) ropa azul usada por los obreros; mono. V. **gorila**, **orangotango**; (fig.) persona habilidosos que imita servilmente a otra; hombre habilidoso, mañosos.

Macacaria. *f.* gran cantidad de macacos o monos.

Macaco. *m.* macaco, mono-adj. astuto-*m.* cric, gato para levantar pesos; maza para clavar estacas; (Bras.) pilar para la construcción-adj. (pop.) ordinario, gastado por el uso, ridulo: *chapéu muito macaco*, sombrero muy ridículo o muy usado; *mandar pentear macacos*, despedir a alguien con desprecio.

Maca. *f.* maza; lecho para conducir a un enfermo, parihuela, camilla.

Maçacote. *m.* mazacote. V. **argamasa**.

Maçada. *f.* mazada, mazazo, golpe com maza o mazo; palita; (fig.) cabala, cuenta, trabajo penosos; conversación aburrida, aburrimiento, trampa, ardid; cosa que da trabajo o molesta; fastidio, fatiga.

Macadame. *m.* (téc) macadam, macadám, paviemento com macadám.

Macadamização. *f.* (neol.) macadamización.

Maçadeiro. *m.* piedra en que se machaca el lino.

Maçadoiro. *m.* piedra en la que se machaca el lino.

Maçadura. *f.* mazada; paliza; mazazo, machucamiento del lino o esparto; contusión; huella o vestigio de un palo o paliza.

Maçagem. *f.* machaque de lino; masaje.

Macaná. (Brasil) espécie de masa usada por los selvajes , macana: *homem de macaná*, hombre valiente, temerario.

Maçaneta. *f.* mazaneta, pieza en forma de manzana en las joyas antiguas: remate esférico en ciertos objetos:baqueta del tambor; maza de tambor.

Maçaneta. (Bras.) V. **maçaneta**.

Maçanilha.*f.* manzanilla.

Mação. *m.* mazo grande; mazón.

Maçapão.*m.* mazapan.

Maçal. *m.* suera de leche batido.

Maatma .*m.* mahatma, jefe esperitual índio

Macabeu. *m.* macabeo.

Maçagista. *s.* masajista.

M, m. decimotercera letra y décima consonante del alfabeto portugués; designación de mil, según la numeración romana; abreviatura de Majestad; abreviatura en minúscula de masculino, metro y minuto.

Ma. Contracción del pronombre me y del artículo a, a mí: *ele deu-ma*, él me la dio, *dizei-ma*, decírmelo.

Macacoa. *f.* (pop) enfermedad de poca gravedad; dolencia sin importancia.

Macabunzice. *f.* tristeza, enfurruñamiento; hosquedad.

Macaqueação. *f.* imitación grotesca, remedo, burlón, burla.

Macacal. *adj.* Concerniente al macaco o mono; propio de macacos o monos.

Macaqueiro, ra. *adj.* concerniente al macaco o mono; propio de macacos

Maçadiço, ça. *adj.* que se machaca con facilidad o frecuentemente.

Maçador, ra. *adj.* inoportuno, molesto, fastidiosos, aburrido; instrumento para machacar el lino.

Macaense. *adj. y s.* (geog.) macacense, natural de o perteneciente a Macao.

Macaísta. *adj. y s.* macaísta y macaense, natural de o perteneciente a Macao.

Má. *adj.* mala; (vet.) tumor que ataca al ganado: *andar às más com alguém*, andar a malas com alguém: (pop.) *essa não é má!* No es amala esa!

Macabra. *adj.* Dícese de una danza infernal en que se representaba a la muerte; macabra.

Macabrisimo. *m.* calidad de macabro, diversión macabra.

Macabro, bra. *adj.* Macabro, fúnebre, luctuosos, letal, mortal, macábrico.

Macacório, ria. *adj.* traidor, tracionero; tramposo.

Macanjo, ja. *adj.* (pop) bellaco, canalla, falso (dícese de las monedas).

Macambúzio, zia. *adj.* triste, taciturno, tristón, melancólico, murmujo.

Macaquear. *v. intr.* imitar grotescamente, hacer la burla, remendar, macaquear, hacer monadas o ademanes afectados.

Macadamizar. *v. tr.* (téc) macadamizar con macadam (pavimentar).

ANÁLISE

A maior parte do nosso recorte apresenta verbetes com a palavra entrada em língua portuguesa; marcação de classe gramatical; por vezes, abreviatura da área de conhecimento a qual é mais utilizado o verbete; na maior parte dos casos, palavra equivalente em língua espanhola; na maioria das vezes, mais de uma definição; em quase todos os casos, aplicação do verbete em uma frase da língua portuguesa e em seguida, a equivalência dessa frase em língua espanhola ou adaptações a depender dos sentidos empregados ao contexto social espanhol; e por fim, grande quantidade de sinônimos em língua espanhola. Além disso, há a marcação sobre o verbete se é empregado na língua portuguesa falada no Brasil, como por exemplo, o verbete *maçã*:

“**Maçã.** *f.* (bot) manzana; (bras.) variedad de banana: *maçã de espada*, pomo de la espada; *maçã do rosto*, pómulo; *maçã do peito*, carne de calidad inferior procedente del pecho del buey o vaca; *maçã do escaravelho*, bola formada por el escarabajo; *maçã-de-Adão*, nuez de Adán.” (CAVERO, 1966).

Observamos na escrita deste verbete a imagem da língua e do dicionário bilíngue para a comunicação que o lexicógrafo constrói para o consulente de língua espanhola, em que não é apresentada a definição biológica da fruta, mas seus possíveis empregos tanto na língua portuguesa de

Portugal quanto na língua do Brasil, assim como os sentidos usados na linguagem cotidiana.

Há em nossa série, verbetes sobre animais, que em sua maior parte, refere-se ao animal macaco, como os verbetes a seguir:

Macacacão. *m.* gran macaco, mono grande; (pop) individuo muy astuto.V. **chimpanzé**; (Bras.) ropa azul usada por los obreros; mono. V. **gorila, orangotango**; (fig.) persona habilidosos que imita servilmente a otra; hombre habilidoso, mañosos. (CAVERO, 1966)

Macacaria. *f.* gran cantidad de macacos o monos. (CAVERO, 1966)

Macaco. *m.* macaco, mono-adj.astuto-*m.cric*, gato para levantar pesos; maza para clavar estacas; (Bras.) pilar para la construcción-adj. (pop.) ordinario, gastado por el uso, ridulo: *chapéu muito macaco*, sombrero muy ridículo o muy usado; *mandar pentear macacos*, despedir a alguien con desprecio. (CAVERO, 1966)

Observamos que estes verbetes não apresentam definições científicas sobre a caracterização biológica do animal macaco, e sim vocábulos de uso não acadêmico. Há nestes verbetes outras definições, em que se observa a linguagem figurativa sobre o sentido de *Macaco*, como por exemplo, comparações a características humanas como “hombre habilidoso”, “mañoso”, “assim como em outras significações para *Macacão* como “ropa azul usada por los obreros” ou para *Macaco* como “gato para levantar peso”, além do empregado em ditados populares como “ mandar pentear macaco” .

Assim como no prefácio deste dicionário, há na escrita destes verbetes uma heterogeneidade discursiva que além de um discurso de observação, apresenta marcas do discurso machista no verbete *Macaca* como “mujer fea” e marcas dos discurso elitista como no verbete *Macacada* como “grupo de personas grotescas”:

Macaca. *f.* (zool) mona, hembra del mono; (pop) desgracia constante, mujer fea; (ictiol) variedad de lenguado: *morte macaca*, muerte sin pena ni gloria; *estar com a macaca*, tener la negra. (CAVERO, 1966)

Macacada. *f.* gran cantidad de macacos o monos; macacada, ademanes grotescos, imitación servil; conjunto de personas grotescas. (CAVERO, 1966)

Há na escrita dos verbetes sobre o animal macaco marcas comparativas a ações humanas sobre determinados comportamento como “habilidoso” ou “astuto”, porém, marcas como “persona habilidosa que imita servilmente a outra”, “imitación servil”, “desgracia constante”, evocam imagens de depreciação sobre o sentido de homem, em que observamos na relação interdiscursiva, uma memória da colonização do século XV, onde a figura do homem é comparada diferentemente aos padrões de civilidade e humanidade da época.

No verbete: “**Mabeco**. *m.* nombre dado en Angola a un animal carnicero semejante al perro.” (CAVERO, 1966). , observamos que o lexicógrafo apresenta um discurso de observação, em que não há a utilização de termos do discurso acadêmico. Tal procedimento mostra, assim como no prefácio, que a imagem que este autor constrói de seu dicionário é de um instrumento de trabalho e de comunicação, devendo escrever seus verbetes com um vocabulário que seja mais fácil de ser lido pelos seus consulentes.

Em nosso material encontramos verbetes como “**Macadame**. *m.* (téc) macadam, macadám, pavimento con macadám.” (CAVERO, 1966), “**Macadamização**. *f.* (neol.) macadamización.” (CAVERO, 1966) e “**Macadamizar**. *v. tr.* (téc) macadamizar con macadam (pavimentar).” (CAVERO, 1966), que apresentam termos sobre o uso de técnicas, marcadas na escrita com (*tec.*). Estas marcas evocam uma memória do discurso do progresso, do desenvolvimento e da urbanização, mostrando que para o dicionário ser atual como dito no prefácio, necessita compilar estes novos léxicos provindos das novas práticas sociais de trabalho. A marca (*neol*) do verbete *Macadamização* evoca uma memória do discurso de mudança linguística registradas pelos neologismos, em que podemos observar assim como no prefácio os sentidos da Linguística Histórica de que a língua evolui e muda de acordo com as necessidades de seus usos, deixando um acervo e uma história.

Há nos verbetes: “**Maçadeiro**. *m.* piedra en que se machaca el lino.” (CAVERO, 1966) e “**Maçadoiro**. *m.* piedra en la que se machaca el lino.” (CAVERO, 1966), a escrita da mesma definição, indicando que o lexicógrafo ao apresentar mais de uma palavra entrada para a mesma definição aumenta a

possibilidade ao seu leitor em ter entendimento de suas definições, assim como ocorre nos verbetes : “**Macaense**. *adj. y s.* (geog.) macacense, natural de o pertenciente a Macao.” (CAVERO, 1966) e “**Macaísta**. *adj. y s.* macaísta y macaense, natural de o pertenciente a Macao.” (CAVERO, 1966)., em que o mesmo procedimento se repete.

Há um grupo de verbetes em nosso recorte que apresenta breves definições e muitos sinônimos como nos verbetes: “**Macabrisimo**. *m.* calidad de macabro, diversión macabra.” (CAVERO, 1966), “**Macabro**, **bra**. *adj.* Macabro, fúnebre, luctuosos, letal, mortal, macábrico.” (CAVERO, 1966), “**Macacório**, **ria**. *adj.* traidor, tracionero; tramposo.” (CAVERO, 1966), “**Macanjo**, **ja**. *adj.* (pop) bellaco, canalla, falso (dicese de las monedas).” e “**Macambúzio**, **zia**. *adj.* triste, taciturno, tristón, melancólico, murmujo.” (CAVERO, 1966), que evoca uma imagem construída por parte do lexicógrafo de seu leitor virtual como um sujeito que não necessita de muitos vocábulos para entender os significados dos verbetes, desde que façam parte da linguagem do senso comum.

Há em nosso recorte o verbete: “**Maçagem**. *f.* machaque de lino; masaje.” (CAVERO, 1966), que apresenta como definição o processo de transformação do linho. Além disso, encontramos o termo *masaje* no mesmo verbete que possibilita evocar o sentido de deslizamento metafórico da linguagem, já que ao processo de transformação do linho por meio da articulação das mãos, é figurativizado o processo terapêutico de tratamento do corpo humano pelas mãos.

Nosso material apresenta verbetes como: “**Ma**. Contracción del pronombre me y del artículo a, a mí: ele deu-ma, él me la dio, dizei-ma, dicirmelo.” (CAVERO, 1966), “**Macaquear**. *v. intr.* imitar grotescamente, hacer la burla, remendar, macaquear, hacer monadas o ademanes afectados.” (CAVERO, 1966) e “**Macadamizar**. *v. tr.* (téc) macadamizar con macadam (pavimentar)” (CAVERO, 1966), em que observamos o uso de marcas que evocam os sentidos da transitividade verbal e a aplicação pronominal. Além disso, há no verbete: “**M**, **m**. decimotercera letra y décima consonante del alfabeto portugués; designación de mil, según la numeración romana; abreviatura de Majestad; abreviatura en minsúscula de masculino, metro y

minuto.” (CAVERO, 1966), o uso do verbete nos tratamentos pessoais e seu registro histórico, mostrando mais uma heterogeneidade discursiva sobre a imagem de uso, um registro histórico sobre a influência do latim e a ausência do discurso acadêmico sobre termos da linguagem.

Observamos na análise dos verbetes que há um discurso não acadêmico nas definições como, por exemplo, na escrita dos termos sobre animais, em que há um discurso de observação sem o uso de termos das áreas do saber como a Biologia ou a Zoologia. A maior parte dos verbetes apresentam breves definições e muitos sinônimos com o uso da linguagem do senso comum o que indica para uma imagem de dicionário, por parte do lexicógrafo, como um instrumento de trabalho que deve ser fácil de ser consultado diante um mundo em progresso e rapidez.

Assim como no prefácio, se verifica em alguns verbetes marcas da colonização europeia sobre a imagem de cultura e de língua dos povos não peninsulares. Há uma heterogeneidade de discursos sobre a linguagem que em determinados momentos constroem um sentido de língua com uma história assim como na Língua Histórica e em alguns momentos constroem sentidos de normatividade para a língua no que se refere às práticas de escrita. Há marcas, tanto no verbete como no prefácio, de um discurso de modernidade e unidade entre Portugal e Espanha, ao mesmo tempo em que se verifica o reconhecimento de distinções da língua portuguesa falada no Brasil, mas não uma nomeação sobre uma língua independente brasileira.

As condições de produção em que se insere a publicação deste dicionário apresentam a sociedade espanhola pós-Segunda Guerra em que até o momento, segundo as próprias palavras do lexicógrafo: “Hasta el momento presente – al menos en España – sólo se habían hecho esfuerzos editoriales harto tímidos y modestos, y desde luego insuficientes, en el complejo campo de inventariar el léxico de los dos idiomas.” (CAVERO, 1966). Há um discurso neste enunciado que considera os dicionários bilíngues português-espanhol publicados até então, incompletos e desatualizados.

5. BREVE QUADRO COMPARATIVO

Como analistas de discurso, nos propusemos a compreender as discursividades presentes em nosso material de análise para contribuirmos de alguma forma com os estudos de análise de discurso e principalmente no que se refere aos estudos discursivos de dicionários. Apresentaremos breves considerações sobre o recorte proposto em nossos objetivos mostrando as semelhanças e diferenças nos discursos dos três dicionários, além de observar as particularidades de cada um deles.

Por meio da análise dos prefácios observamos que os três autores apresentam uma imagem sobre a língua que norteia a elaboração dos dicionários. Para os três autores a língua possui uma história que com o passar do tempo, devido ao uso e desuso de seus vocábulos, promove o esquecimento de algumas palavras e o surgimento de outras. Observamos nos três prefácios marcas que evocam uma memória discursiva do Naturalismo da Linguística Histórica do final do século XIX, onde toda língua provinha de um passado em comum que lhe garantia semelhanças e familiaridade com as demais. Assim, encontramos para a imagem de *Língua* que:

Garcia (1958)	Almoyna (s/d)	Cavero (1966)
a ciência e a técnica “han dado lugar al nacimiento de innúmeras voces y a nuevas acepciones de viejos vocablos.”	A língua é “el principal vehículo e instrumento de la vida y de la cultura de los pueblos”	em seu dicionário “se ha tenido en cuenta el valor biológico de las palabras, que, como verdaderos organismos vivos, nacen, evolucionan y mueren.”

Entretanto, apesar de encontramos nos discursos dos autores dos prefácios a imagem de que a língua tem uma história, nosso material mostra que há uma heterogeneidade discursiva para a imagem de língua. Para Garcia (1958) a língua apesar de possibilitar o nascimento e novas palavras e as mudanças de sentidos de velhos vocábulos, deve ser estudada por meio de

seu léxico contemporâneo como “*hoj se habla y escribe*” mostrando a imagem de língua dos estudos sincrônicos. Para Almoyna (s/d) a língua mesmo sendo para a vida e apresentando um acervo, assim como as imagens da Língua Histórica, é também um veículo e um instrumento, onde encontramos marcas da Teoria da Comunicação. Para Caveró (1966) a língua mesmo apresentando valor biológico, deve ser destacada pela quantidade de seus falantes e suas representatividades no comércio internacional.

Constatamos que os discursos sobre língua dos três prefácios mostram que ressoam nos enunciados destes autores as discursividades da Língua Histórica, já que a produção científica sobre linguagem na Europa e no Brasil até os meados do século XX foi influenciada pelo discurso histórico do final do século XIX. Porém, observamos que há marcas de outros discursos sobre o sentido de língua, pois já havia o processo de novos estudos sobre a linguagem como Estruturalismo Saussuriano, a Teoria da Comunicação, os estudos fonéticos e fonológicos, que proporcionaram a construção de um discurso heterogêneo sobre língua em nosso material.

Sobre a imagem de *língua portuguesa* e *língua espanhola* observamos nos três prefácios que há marcas que evocam uma memória da colonização de Portugal e Espanha sobre o Brasil e a América Espanhola por meio da linguagem:

Garcia (1958)	Almoyna (s/d)	Caveró (1966)
Língua portuguesa igual, mas pronúncias diferentes no Brasil e em Portugal. Língua espanhola apresenta regionalismo na América espanhola	língua portuguesa é a “ <i>lengua de Camões</i> ” língua espanhola é a “ <i>lengua de Cervantes</i> ”	língua portuguesa é a “ <i>lengua de Camões</i> ” língua espanhola é a “ <i>lengua de Cervantes</i> ”

Para Almoyna (s/d) e Caveró (1966) a língua portuguesa é a “lengua de Camões” e a língua espanhola é a “lengua de Cervantes”, o que nos mostra que a língua portuguesa é a língua de Portugal e a língua espanhola é a língua da Espanha. Em Almoyna (s/d) não encontramos nenhuma referência sobre a língua falada na América Espanhola, enquanto que os termos peculiares que se referem à fauna e flora do território brasileiro e que não possuem equivalência em Portugal são nomeados de “brasilismo” e tratados como excentricidade que não formam uma língua brasileira.

Em Caveró (1966) encontramos o nome castelhano e espanhol para a língua falada na Espanha. Para a língua falada no Brasil o autor até enuncia que há diferenças na grafia de algumas palavras em relação à grafia da língua falada em Portugal, mas que isto não é suficiente para classificá-la como uma língua brasileira, tanto que em relação às palavras distintas do Brasil o autor as nomeia de “voces y girios”.

O prefácio do dicionário de Garcia (1958) mostra que houve no continente americano quatro séculos de desenvolvimento cultural e literário que provocaram algumas distinções na ortografia e em alguns aspectos da pronúncia brasileira, mas que não configuram a língua falada no Brasil e na América Espanhola como línguas diferentes do português e do espanhol peninsulares.

Em nossa série de verbetes não encontramos marcação sobre vocábulos falados na América Espanhola no dicionário de Almoyna (s/d). No dicionário de Caveró (1966) encontramos a marcação (*Bras.*) nos verbetes referentes à peculiaridade brasileiras, enquanto que em Garcia (1958) encontramos as marcações (*Bras.*) e (*Amer.*) para o português e o espanhol falado no continente americano, além de marcas de regionalização do território brasileiro como (*Nort.*) para a região norte do Brasil e (*Amoz.*) para termos da floresta Amazônica ou ainda referência nas definições sobre termos regionais de São Paulo e Rio Grande do Sul.

Exemplos:

Garcia (1958)	Almoyna (s/d)	Caveró (1966)
MAXARÉU (réu) m. Bras. Amaz. Lo mesmo	Não há marcação	Maçaneta. (Bras.) V. maçaneta.

que POROROCA. MACAXEIRA (chei) f. Bras. Nort. Lo mismo que AIPIM.		
---	--	--

As três séries de nosso recorte apresentam verbetes sobre o animal Macaco. Em Almoyna (s/d) e Cavero (1966) encontramos marcas que evocam uma memória do discurso da escravidão, em que determinados comportamentos e características do animal são equiparadas a um padrão de humanidade de um grupo, o que não se verifica nos verbetes de Garcia (1958) que tratam do animal macaco, o que pode ser justificado por ser este último dicionário elaborado e publicado nem terras brasileiras, onde tal associação caberia equivocada dada as diversidades éticas da população.

Veja os exemplos:

Almoyna (s/d)	Cavero (1966)	Garcia (1958)
Macaco , s. m. Zool. Macaco, cuadrúpedo muy parecido a la mona, pero algo más pequeño; vara vieja de vid; mono; pl. garabatos, garrapatos, letras o dibujos mal hechos, generalmente por niños; gatos, maquina compuesta de un engranaje de Piñón para levantar pesos; mono; traje enterizo de tela fuerte	Macaco . m. macaco, mono-adj.astuto- <i>m.cric</i> , gato para levantar pesos; maza para clavar estacas; (Bras.) pilar para la construcción-adj. (pop.) ordinario, gastado por el uso, ridulo: <i>chapéu muito macaco</i> , sombrero muy ridículo o muy usado; <i>mandar pentear macacos</i> , despedir a alguien con desprecio.	MACACO m. Zool. Mono/ Macaco/ Marinete (máquina para clavar estacas)/ Gatos, cric (máquina compuesta de un engranaje de Piñon y cremallera para levantar pesos/ fig. Mono (persona que gesticula de um modo semejante al de los monos)/ Fig. Mono (Amer.), persona que remeda outra o que la

de mahón para proteger que está vestido; adj. Listo, vivo; Traicionero. Mandar pentear macaco: despedir a alguien con desprecio.		imita em sus acciones o dichos/ adj. Bras. Pícaro, taimado/ adj. Bras.Zorro (hombre muy taimado y astuto).
--	--	--

Há nos prefácios marcas que evocam um imaginário de unidade entre Portugal e Espanha, que por vezes é uma justificativa por parte dos autores para a elaboração de um dicionário bilíngue português-espanhol:

Garcia (1958)	Almoyna (s/d)	Cavero (1966)
encontramos que “En los idiomas, como en los seres humanos, las diferencias entre parientes más próximos dan motivo para un mayor número de pequeños, frecuentes y enojosos conflictos que en parientes lejanos o desvinculados.”	há “entrañables vínculos fraternales existentes entre España y Portugal y todos los pueblos de su noble estirpe que se extienden por los cinco continentes del mundo”.	há “estrechas relaciones de toda naturaleza existentes entre Portugal y España, su unidad de destino y la comunidad de sus empresas en el espacio y el tiempo – en la Geografía y la Historia”

Constatamos que tal imaginário de unidade, além das características de semelhança dos léxicos da duas línguas, também é evocado pela proximidade geográfica entre Portugal e Espanha e a história da formação e união de seus reinos.

A conjuntura social em que se insere cada publicação pode ser observada por meio da análise das marcas em que os autores enunciam nos prefácios e por meio da análise dos tipos de verbetes que há nos dicionários selecionado. Observamos nos prefácios a necessidade da publicação de

dicionários português-espanhol atualizados que compilassem os termos novos surgidos a partir das mudanças sociais nas práticas de trabalhos e pelos avanços tecnológicos das ciências:

Garcia (1958)	Almoyna (s/d)	Cavero (1966)
<p>“El mayor aporte de términos técnicos, sobre todo relativos a automovilismo, aeronáutica, radiocomunicación y arte militar, ha resultado del adelanto científico y técnico de los últimos cuarenta años, precisamente las cuatro décadas en que no se ha publicado ningún nuevo diccionario portugués-español.”.</p>	<p>há “numerosísimos neologismos y términos científicos que en estos últimos años debido a los incesantes progresos de las ciencias aplicadas, ganaron carta de naturaleza en las lenguas vivas.”</p>	<p>“La gran aventura del hombre en su lucha incesante contra el medio circundante, desde el logro de su verticalidad hasta sus conquistas en el dominio del átomo y de la mecánica interplanetaria, directa proyección de su actividad y pensamiento en su forma – hablada o escrita – de expresión, se traduce en el enriquecimiento continuo del caudal lexicográfico.”</p>

Encontramos nestes enunciados marcas do discurso do progresso das práticas de trabalho e do desenvolvimento científico que por meio das condições de produção dos dicionários indicam que estas obras pertencem a um período de transformações nas teorias, nas políticas e na economia da Europa e do Brasil como o fim da Guerra Mundial, o fim de governos totalitários, os novos modelos econômicos capitalistas nos países europeus e a nova divisão do trabalho.

Nas três séries de verbetes de nossa pesquisa há verbetes referentes ao processo de pavimentação das vias como *Macadamizar* e *Macadamização*, em que observamos nestas escolhas marcas do discurso do

progresso e das novas práticas de urbanização como o discurso de progresso encontrado nos prefácios:

Garcia (1958)	Almoyna (s/d)	Cavero (1966)
<p>MACADAMIZAÇÃO (zasáum) f. acción de macadamizar.</p> <p>MACADAMIZAR (zar) v. tr. Pavimentar con macadán; macadamizar (Amer.).</p>	<p>Macadame, s. m. Macadán. Pavimento de piedra manchada que una vez tendida se comprime con el rodillo.</p> <p>Macadamização, s. f. Macadamización, acción y efecto de macadamizar.</p> <p>Macadamizar, v. tr. Macadamizar, pavimentar, afirmar el suelo de calles y carreteras por el procedimiento de macadán.</p>	<p>Macadame. m. (téc) macadam, macadám, pavimento com macadám.</p> <p>Macadamização. f. (neol.) macadamización.</p> <p>Macadamizar. v. tr. (téc) macadamizar con macadam (pavimentar).</p>

Observando nossas séries de verbetes encontramos que o dicionário de Garcia (1958) e o dicionário de Cavero (1966) apresentam verbetes de curta extensão, escritos com termos menos complexos para tornar a consulta destas obras mais rápida, prática e fácil, assim como impõe o novo jeito de viver a vida segundo os autores do prefácio, diante do progresso e desenvolvimento das ciências, enquanto que no dicionário de Almoyna encontramos verbetes mais extensos e escritos com termos mais complexos que exigem uma prática de leitura mais acentuada por parte de seus leitores, assim como é esperado pelo lexicógrafo em seu prefácio:

Garcia (1958)	Almoyna (s/d)	Cavero (1966)
<p>MACAXEIRA (chei) f. Bras. Nort. Lo mismo que AIPIM.</p> <p>MACEGAL m. Bras.. malezal (Amer.)</p>	<p>Mabela, s. f. Bot. Árbol africano, de madera apreciada en la construcción y de cuyas hojas los indígenas hacen especies de birretes para cubrir la cabeza en casa.</p>	<p>Maatma .m. mahatma, jefe espiritual índio</p> <p>Macabeu. m. macabeo.</p> <p>Maçagista. s .masajista.</p>

Sobre a imagem que os lexicógrafos constroem de seu *público leitor* observamos:

Garcia (1958)	Almoyna (s/d)	Cavero (1966)
<p>este dicionário “ofrece a las personas de habla española el más nutrido, completo y correcto vocabulario del idioma portugués, tal como hoy se habla y escribe en Portugal y Brasil.”</p>	<p>seu dicionário é direcionado àqueles que “necesiten valerse del diccionario en sus traducciones de libros o trabajos técnicos y científicos.”, e que tenha uma prática de leitura maior que “emplea cualquier persona de mediana cultura literaria...”</p>	<p>encontramos que “más de 270 millones de seres tienen por lengua vernácula el portugués y el español” e que “La gran aventura del hombre en su lucha incesante contra el medio circundante ... se traduce en el enriquecimiento continuo del caudal lexicográfico.”</p>

Observamos que para os autores dos prefácios, os leitores dos dicionários têm a necessidade de consultar uma obra que lhes ofereça um vocabulário atualizado que tragam mais significações dos novos termos da língua portuguesa, ocorridas devido a novas práticas sociais. Encontramos nos verbetes o emprego da linguagem figurada em algumas definições e a presença de ditados populares como exemplos de aplicação dos verbetes em

frases do português, mostrando que há por parte do lexicógrafo o procedimento de apresentar uma linguagem mais facilitada e fácil de ser compreendida.

Em relação à imagem construída nos prefácios sobre o *fazer lexicográfico* observamos:

Garcia (1958)	Almoyna (s/d)	Cavero (1966)
<p>“ ha sido un trabajo enteramente nuevo y especialmente difícil, visto que muchas de estas voces no ingresaron todavía ni a los diccionarios portugueses y castellanos más prolijos” e que o objetivo foi o de “facilitar al lector una rápida comprensión de la analogía y sintaxis de la lengua portuguesa.”.</p>	<p>foi necessário “Millares de horas, a través de varios años de paciente, de beneditino trabajo” assim também como foi necessário “colaboradores, para la redacción del incontable número de fichas” dos quais o lexicógrafo tem “más rendida gratitud a nuestras dos competentísimas y devotas colaboradoras, ambas profesoras del Colegio Oficial español de Oporto”.</p>	<p>para a escolha dos verbetes “se ha tenido en cuenta el valor biológico de las palabras” e que em relação entre o português e o espanhol “ queda evidenciada su fuerza y influencia” mostrando que o lexicógrafo procedeu de maneira a compilar o maior número de vocábulo da liha portuguesa.</p>

Observamos que nos prefácios há a construção da imagem do *dicionário* por parte de seus autores:

Garcia (1958)	Almoyna (s/d)	Cavero (1966)
este dicionário é “un diccionario bilingüe enteramente actual... que ofrece a las personas de habla española el más nutrido, completo y correcto vocabulario del idioma portugués, tal como hoy se habla...”	ao publicar sua obra faz “un auténtico y señalado servicio”, pois segundo ele é mais completa que “el acervo de los diccionarios manuales”.	“Las estrechas relaciones de toda naturaleza existentes entre Portugal y España...exigía imperiosamente la publicación de una obra que recogiera el vasto acervo idiomático de los dos pueblos ibéricos.”

Os três prefácios apresentam um discurso de valorização dos dicionários, posicionando-os como imprescindíveis à compreensão dos novos vocábulos surgidos a partir das mudanças ocorridas nas relações sociais de trabalho e modernização das ciências, além da construção da imagem de completez. Observamos marcas do discurso da certitude e da normatividade em que os padrões gramaticais cultos são valorizados para construção da imagem dos públicos-leitores e para a escrita dos verbetes, além do acréscimo de compêndios mostrando sínteses comparativas entre a gramática normativa portuguesa e a gramática normativa espanhola.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, ao olharmos para a história dos dicionários bilíngues português-espanhol observamos que em relação a outros dicionários bilíngues, este tipo de obra começou a ser publicada tardiamente, pois enquanto os primeiros dicionários português-inglês foram publicados no início do século XVIII, os primeiros dicionários português-espanhol foram publicados no final do século XIX. Há um imaginário de semelhança entre a língua portuguesa e a língua espanhola que ressoa discursivamente na produção de materiais sobre estas línguas. Segundo Pilar Quesada em Messner (2006) a demora na publicação dos dicionários português-espanhol ocorreu por haver o pensamento na lexicografia europeia de que a língua espanhola e a língua portuguesa são muito parecidas e não necessitam de um dicionário bilíngue.

Os dicionários de nosso material de análise apresentam marcas nos prefácios que evocam esse imaginário de unidade e semelhança entre a língua portuguesa e a língua espanhola. Embora tenhamos encontrado também nesses enunciados um discurso de divulgação que enfatiza a ausência de novas publicações há mais de quarenta anos de novos dicionários, há nestes prefácios marcas que evocam a mesma memória de unidade entre a cultura e a língua portuguesa e espanhola oriunda das relações históricas, política e geográficas ressoadas dos primeiros dicionários.

Ao olharmos para a história do processo de gramatização da língua espanhola no Brasil, observamos que é a partir da década de vinte do século XX com a *Gramática para uso de brasileiro* de Antenor Nascentes e em seguida, com o *Manual de Espanhol* de Idel Becker, que os primeiros materiais em espanhol começaram a circular na sociedade brasileira com alguma regularidade, e que durante muito tempo o estudo de língua espanhola se deu como auxiliar para traduzir obras literárias, tendo somente na década de noventa uma maior representatividade na sociedade brasileira.

Os dicionários de nossa análise apresentam um discurso em que se posicionam como obras modernas e atuais, diferentes dos dicionários bilíngues publicados até então. Seus lexicógrafos apresentam suas obras como imprescindíveis para a compreensão dos novos termos que surgiram a partir

das mudanças sociais no Brasil e na Europa, que reflete na construção de seus dicionários e no fazer lexicográfico. No entanto as marcas observadas em seus discursos sobre a língua, a língua portuguesa e a língua espanhola, sobre a relação entre Portugal e Espanha e Brasil e América Espanhola mostram que ressoam nestas obras os sentidos de unidade e semelhança provindos das discursividades anteriores como por exemplo a Língua Histórica comparativa.

A imagem da língua espanhola como parecida ao português se construiu ao longo do século XX nos diversos ambientes da sociedade brasileira, inclusive no ambiente universitário em que encontramos um determinado atraso no desenvolvimento de pesquisas sobre as especificidades da língua portuguesa em relação à língua espanhola. Somente nas últimas décadas é que pesquisas e programas universitários sobre as particularidades do espanhol ganharam notoriedade, assim como a produção de trabalhos sobre este tema.

Por meio de nosso trabalho constatamos que nossas obras analisadas apresentam um discurso de semelhança e unidade entre a língua portuguesa e a língua espanhola que permanece ao longo das reedições destas obras. Desta maneira abrem-se possibilidades de questionamentos sobre os motivos de que após meio século das publicações destas obras, ainda sejam estes os materiais mais disponíveis nos ambientes universitários público do Estado de São Paulo no que se refere a dicionários bilíngues português-espanhol, já que são nestes ambientes que se capacita a maior parte de profissionais que desenvolvem estudos e práticas com estas duas línguas.

Assim, algumas perguntas são levantadas para reflexões futuras:

- 1) As universidades possuem materiais atualizados para a discussão de novos estudos do português e do espanhol?
- 2) Porque estes dicionários permanecem como o maior número de exemplares à consulta para os estudantes de graduação?
- 3) Os dicionários bilíngues português-espanhol são utilizados por estudantes de cursos de língua espanhola nas universidades públicas paulistas?

4) Estes dicionários participam do discursos destes estudantes?

5) Quais os critérios para a aquisição de dicionários por parte das universidades?

Enfim, abrem-se um leque de questionamentos para estudos futuros que a partir da compreensão dos discursos presentes nestes materiais espera-se ser olhado como uma das bases de novas pesquisas discursivas sobre dicionários.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMOYNA, J. M. *Dicionário Português-Espanhol*. Porto: Porto Editora, s.d.
- AUROUX, S.A. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas: editora da Unicamp, 1992.
- CAVERO, D. O. *Diccionario Portugués-español*. Barcelona: Ramon Sopena, 1965.
- CELADA, M. T. *Espanhol para brasileiro. Uma língua singularmente estrangeira*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- FANJUL, A. P. *Deslocando a proximidade. Discursividade no contato português-espanhol*. Tese de Doutorado. UNESP, Araraquara, 2002.
- FERRERO, M. I. *A literatura: um espaço potencialmente aberto ao equívoco e à alteridade nas aulas de ELE para brasileiros*. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- GARCIA, H. *Dicionário Português-Espanhol*. 2ª ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1958
- KULIKOWSKI, M, Z. M. La lengua española en Brasil: un futura promisor. In: SEDYCIAS (org.). *O ensino do espanhol no Brasil. Presente, passado e futuro*. São Paulo: Parábola, 2005.
- LEMONS, M. A. *O espanhol em redes de memória. Antigas rotinas e novos sentidos dessa língua no Brasil*. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- MAZIÈRE, F. O enunciado definidor: discurso e sintaxe. In: GUIMARÃES (org.) *História e sentido na Linguagem*. Campinas: Pontes, 1989.
- MAZIÈRE, F.; COLLINOT, A. *Um prêt à parler: le dictionnaire*. Paris: Presses Universitaires de France, 1997.
- MAZIÈRE, F. *Análise do discurso: história e prática*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- MESSNER, D. *Los diccionarios bilingües español-portugués desde el principio hasta el siglo XIX*. In: Revista Philologia Hispalensis 22, 2008. p: 289-298.
- NUNES, J. H. *Discurso e instrumentos linguísticos no Brasil: dos relatos de viajantes aos primeiros dicionários*, tese de doutorado, IEL-Unicamp, Campinas, 1996.

- NUNES, J. H. Léxico e língua nacional: apontamentos sobre a história da Lexicografia no Brasil. In: E. P. Orlandi (Org.). *História das Idéias Linguística: construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional*. Campinas, SP: Pontes, 2001. p. 71-88.
- NUNES, J. H. Dicionarização no Brasil: Condições e processos. In: J. H. Nunes e M. Petter. (Org.). *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Humanistas/FFLCH/USP: Pontes, 2002. p. 99-122.
- NUNES, J. H. Definição Lexicográfica e Discurso. In: *Línguas e instrumentos linguístico*. Campinas, SP: Pontes, 2003. p. 9-30.
- NUNES, J. H. *Dicionários no Brasil: Análise e história do século XVI ao XIX*. Campinas, SP: Pontes, 2006.
- NUNES, J. H. Um espaço ético para pensar os instrumentos linguísticos: o caso do dicionário. In: ORLANDI (org.). *Política Linguística no Brasil*. Campinas, SP: Pontes, 2007a.
- NUNES, J. H. Leitura de arquivo: historicidade e compreensão. In: INDURSKYT, F.; FERREIRA, M.C.L. (org.) *Análise do discurso no Brasil*. Mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos, Claraluz, 2007b.
- ORLANDI, E. P. Lexicografia discursiva. In: Revista Alfa 44, 2000. p: 97-114.
- ORLANDI, E. P. *Análise de discursos- princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2001.
- ORLANDI, E. P. *Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 5 ed. Campinas: Pontes, 2007a.
- ORLANDI, E. P. O sujeito discursivo contemporâneo. In: INDURSKYT, F.; FERREIRA, M.C.L. (org.) *Análise do discurso no Brasil*. Mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos, Claraluz, 2007b.
- PECHÊUX, M. *Semântica e Discurso*. Uma crítica à afirmação do óbvio. 3 ed. Trad.: E. P. Orlandi et alli. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997.
- PECHÊUX, M. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F.; HAK, T. (org.) *Por uma análise automática do discurso*. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Ed. da Unicamp. 1990a.

PECHÊUX, M. AAD-69. In: GADET, F.; HAK, T. (org.) *Por uma análise automática do discurso*. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Ed. da Unicamp. 1990b.

PINO, B. A. *As relações Brasil-Espanha na perspectiva da política externa brasileira (1945-2005)*. São Paulo: Emblema, 2006.

RODRIGUÊS, F. S. C. *Língua viva, letras morta. Obrigatoriedade e ensino de espanhol no arquivo jurídico e legislativo brasileiro*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SOUSA, G. N. *Entre língua de negócios e de cultura. Sentidos que permeiam a relação do brasileiro com a língua inglesa e a língua espanhola*. Dissertação de mestrado Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

8. ANEXOS

8.1. Tradução dos prefácios feitas por nós.

8.1.1. Tradução do prefácio do dicionário Hamílcar de Garcia

Prefácio

Faz mais de quarenta anos que não se elaborava um dicionário português-espanhol. Os que foram publicados neste século são meras cópias ou reproduções das obras compiladas no século XIX. Enquanto isso, o progresso da ciência e da tecnologia e a mudança gradual dos conceitos sociais deram origem a inúmeras vozes e novos significados de palavras antigas. Daí a necessidade de elaborar um dicionário bilíngue que apresentasse um padrão inteiramente moderno e de acordo com o léxico contemporâneo de ambos os idiomas. A presente obra foi elaborada para este fim e oferece as pessoas de língua espanhola, o vocabulário mais completo e correto do português, falado e escrito hoje em Portugal e no Brasil. Aqui estão os principais pontos do plano de trabalho:

AUTORIDADES. Para que este dicionário resultasse em trabalho prático e moderno que incluísse os mais recentes e autorizados neologismos do idioma português, bem como as peculiaridades brasileiras e lusitanas, o autor tomou como ponto de partida a última edição do *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Português*, de Lima Barroso, transcrevendo palavra por palavra, assim também como os modismos e expressões mais usuais, com a exceção de algumas vozes antiquadas, provincianismo de Portugal e palavras de dupla ortografia. A tradução e a definição dos vocábulos em português estão baseadas no vocabulário da última edição do *Dicionário da Academia Espanhola*, escolhido pelo autor como ponto de coordenação e controle das nuances que vão tomando as vozes espanholas nos diferentes países da América Espanhola.

Ainda quando se evitou, galicismos, anglicismos provincianismo, e americanismos inúteis, não se vacilou em usar termos que, embora a Academia não traga, estão sancionados por outras autoridades e uso geral.

BRASILEIRISMOS E AMERICANISMOS. As peculiaridades locais que toma o idioma da Espanha, nos distintos países e regiões onde se fala e se

escreve castelhano, especialmente entre o povo, pertencem à mesma ordem das características assumidas pela língua de Portugal em diferentes regiões do vasto território do Brasil. Essas peculiaridades e diferenças, mesmo pequenas, sem caráter dialetal, são suficientes para apontá-las em um bom dicionário.

Nas Américas, quatro séculos de vida particular e conseqüentemente, desenvolvimento de uma literatura e economia própria, modificou, tanto no Brasil como nos dezoito países latino-americanos o vocabulário castelhano e o português do vocabulário das línguas faladas na Península Ibérica, devido a uma seleção típica, mudanças semânticas e sobretudo, pela formação de novas palavras. Cada um destes casos se encontram devidamente registrados nesta obra.

Os brasileirismos do idioma português são traduzidos por americanismos da língua espanhola, sempre que os primeiros se referem às atividades e conceitos comuns entre o Brasil e um ou mais países latino-americanos, com os quais a República brasileira mantém um contato direto econômico ou geográfico. Assim, determinados brasileirismos, como por exemplo, certos termos empregados entre os agricultores do Rio Grande do Sul, que se relacionam com a Argentina e o Uruguai, na criação de gado, são traduzidos por Argentinismos e modismos uruguaios, definidos como termos em castelhano.

TERMOS TÉCNICOS. A maior parte dos termos técnicos, especialmente relacionadas ao automobilismo, à radiocomunicação, à aeronáutica e à arte militar resultou dos avanços técnicos e científicos dos últimos quarenta anos, especialmente nas quatro décadas que não se publicou nenhum novo dicionário português-espanhol.

A compilação desses termos, e também o grande número de outros vocábulos usados no comércio e em diferentes ofícios, foi um trabalho inteiramente novo e particularmente difícil, visto que muitas dessas vozes ainda não ingressaram no português e castelhano mais prolixos. Apesar destas dificuldades, esta obra contém, não apenas o maior número de termos técnicos do que qualquer outro dicionário bilíngüe de ambas as línguas, como também é o único que apresenta suas acepções modernas e atuais.

EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS E LOCUÇÕES. Um dos principais objetivos desta obra foi incluir todos os tipos de frases, expressões, gírias e expressões idiomáticas. Apesar de constituir grande parte dos vocabulários de uma língua, estes vocábulos não são encontrados de maneira sistemática e suficiente nestes tipos de dicionários, mostrando uma falha por parte dos lexicógrafos. Esta obra registrou milhares destes termos.

Para a inclusão destas frases, expressões idiomáticas, gírias, etc., se adotou a ordem alfabética. Nas frases onde entram duas palavras pode haver dúvida sobre qual é o principal, também é apresentada na ordem alfabética a considerada principal.

ARCAÍSMOS. Não são poucos os casos que os escritores contemporâneos empregam arcaísmos na literatura, nos mais variados gêneros e principalmente nas descrições de ambientes históricos, além de ser encontrados com frequência nos textos clássicos. O autor inseriu estes termos com moderação. Excluindo os casos que considerava desusado ou com a ortografia incorreta, assim também como inseriu os arcaísmos que apesar de sua constituição, são usados como vocábulos atuais em português em Portugal e no Brasil.

JARGÃO E LINGUAGEM POPULAR. Alguns termos de uso frequente na linguagem popular, usados em jornais, revistas e livros, que refletem literalmente o discurso pessoal das pessoas, têm sua origem nas necessidades psicofilológicas que não se pode subestimar o lexicógrafo, sob pena de ser deixado de fora de sua época, ou seja, da realidade a ser compreendida. Deste ponto de vista, o autor incluiu estes termos, evitando promover neologismos artificiais ou palavras de vida precária, mas aceitando, no entanto, que os estes termos podem constituir de maneira duradoura o vocábulo de uma língua, devido seu uso.

DEFINIÇÕES INDISPENSÁVEIS. As grandes semelhanças entre as duas línguas são obstáculos, porque a tendência é considerar igual àquilo que é parecido, o que acarreta graves erros quanto ao significado exato de uma série de palavras, proporcionando até mesmo, significações contrárias. Nos idiomas, assim como nos seres humanos, as diferenças entre os parentes próximos são motivo de um maior número de pequenos conflitos, frequentes

incômodos do que em parentes mais distantes. Para evitar erros e para identificar grandes diferenças entre palavras de significados semelhantes, este dicionário apresenta definições breves e claras em todos os casos que podem levar a esse tipo de engano.

GRAMÁTICA. Ponto essencial na elaboração deste trabalho foi a gramática, devidamente tratada nos tópicos correspondentes. Além das generalidades gramaticais do português, numerosas características que resultam dos aspectos da língua portuguesa serão explicadas com o auxílio das explanações gramaticais. A abundância de exemplos compensa a brevidade e concisão que o trabalho desta natureza exige.

Por considerar artificiais os limites que a rotina estabelece entre matéria gramatical e matéria lexicográfica, o autor soube estabelecer determinados critérios em benefício dos seus leitores, que terão à sua disposição uma verdadeira obra prática: já que a gramática é um mecanismo da linguagem em ação e não um conjunto inútil de nomenclatura. Para isso, para cada palavra cujo emprego, dependa do conhecimento gramatical haverá a explicação para este trabalho.

GÊNERO E NÚMERO. Há na escrita dos verbetes a marcação do plural dos vocábulos em português que no singular apresentam a mesma ortografia que o castelhano, porém com os plurais diferentes. O mesmo ocorre com a marcação de gênero feminino.

PRONÚNCIA. É impossível mostrar de modo exato os diversos tipos de sons em língua portuguesa, como também são impossíveis representar as sensíveis diferenças entre a pronúncia portuguesa do Brasil e de Portugal, e que por este motivo o autor optou em apresentar somente pequenas representações dos sons diferentes entre português e espanhol. Esta obra se limita a mostrar uma pronúncia aproximada das letras e das sílabas em português que mais se diferenciam das letras e sílabas do castelhano. A dificuldade de uma pronúncia figurada em português e castelhano, se deve pelos numerosos vocábulos, de igual ortografia, cujo sons se mostram semelhantes em ambas as línguas, tendo pequenas diferenças e ligeiras inflexões de voz que constitui o acento peculiar de cada idioma.

SINOPSE DO IDIOMA PORTUGUÊS. Há na introdução desta obra uma sinopse da língua portuguesa que é, ao mesmo tempo, uma exposição sistemática gramatical e um breve estudo comparativo entre ambas as línguas. Devido à brevidade deste trabalho, não se pode pretender um minucioso exame do tema, mas facilitar para o leitor para promover uma rápida compreensão da analogia e sintaxe da língua portuguesa.

VOCABULÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS. Há uma lista de nomes próprios várias vezes maior do que existe nos dicionários do mesmo tema, incluído os mais importantes nomes da História, da Bíblia, da Geografia.

LISTA DE ABREVIATURAS. Há mais de mil abreviaturas de valor prático, sendo suprimidas todas aquelas consideradas inúteis.

VERBOS E REGÊNCIA. Das palavras que se constrói sem preposição, os verbos, sem dúvidas, são as mais importantes. Até mesmo os portugueses e os brasileiros encontram dificuldades na conjugação de certos verbos. Há poucos anos se publicou o primeiro trabalho sobre o tema, o notável, o *Dicionário de Verbos e Regimes*, do professor Francisco Fernandes. Tendo este trabalho como um ponto de partida, o autor organizou uma lista de mais de cinco mil regências. No final desta obra se encontra uma lista alfabética de verbos e regências devidamente exemplificados.

CONJUGAÇÃO. Também ao final desta obra, há tabelas de conjugação de verbos em português. Sessenta e cinco modelos de verbos regulares, irregulares e defectivos, precedem a lista de todos os verbos incluídos neste dicionário.

ORDEM ALFABÉTICA. O leitor é avisado de que se seguiu na escrita desta obra, necessariamente a ordem alfabética do português. Assim, as sílabas formadas por ch e c estão após ch e ll. O mesmo vale para nh (o), o que vem depois de ne antes de ni.

8.1.2. Tradução do dicionário de Julio Martínez Almoyna

Prefácio

Poderíamos dizer aqui as mesmas palavras que estão no prefácio do *Dicionário Español-Portugués* que como este *Dicionário Português-Español*, constitui uma única obra em dois tomos com semelhanças de conteúdo e de apresentação. As mesmas dificuldades, tivemos para acabar este dicionário assim como o anterior. Milhares de horas por meio de vários anos de paciente e beneditino trabalho, empregamos com nossos colaboradores, para a redação dos incontáveis números de fichas que foi preciso acumular, não apenas de termos, mas também, de diversidades de acepções, gírias, americanismos, provençalismos etc, com uma carência quase absoluta de informações.

Figuramos neste dicionário, não apenas os vocábulos de uso constante que emprega qualquer pessoa de mediana cultura literária e que constitui o acervo dos dicionários manuais, mas também numerosos neologismos e termos científicos que nestes últimos anos, devido ao crescente progresso das ciências aplicadas, ganharam naturalidade nas línguas vivas. É obvio dizer que muitos destes termos serão de interesse para àqueles leitores que necessitem usar um dicionário para a tradução de livros ou trabalhos técnicos e científicos.

Sobre a inclusão dos verbos irregulares, que são difíceis tanto em português quanto em espanhol, se adotou o critério de intercalá-los durante a escrita dos verbetes, com suas conjugações, evitando-se assim apêndices gramaticais de difícil consulta no final da obra. Assim, é mais fácil aprender não só a irregularidade verbal, como também todas as suas formas.

Interessou-nos, particularmente, a tradução das infinidades de brasileirismos, que tanto enriquecessem a língua de Camões, e que devido a suas especiais características ou por se tratar de nomes da peculiar fauna e flora brasileira, não apresentando correspondência no idioma de Cervantes, foram determinados por conceitos que permitissem chegar à compreensão do mesmo.

Como compensação deste penoso trabalho, temos a satisfação de podermos agradecer as nossas competentes e devotas colaboradoras, ambas

as professoras do colégio Oficial Español de Oporto, Senhora Ana María Paredes de Stuart Torrie e minha esposa, a Senhora Blanca Domínguez Catá de Martínez Almoyna, que nos ajudou nas diferentes fases da redação desta obra.

Sendo a língua o principal veículo e instrumento da vida e da cultura dos povos, estamos sinceramente convencidos de que com a publicação do *Dicionário Español-Portugués* e com a publicação deste *Dicionário Português-Español*, vemos a preencher um vazio existente entre ambas as línguas e prestamos um grande serviço ao objetivo de estreitar por meio do conhecimento mútuo da língua, os entranháveis vínculos fraternais entre Espanha e Portugal, e todos os povos de sua nobre estirpe, que estão espalhados pelos cinco continentes.

8.1.3. Tradução do dicionário de David Ortega Cavero

Prólogo

Diante das considerações tanto históricas quanto linguísticas, nota-se a estranha ausência no mundo de fala- luso-espanhola, de um dicionário, de línguas tão nobres como o castelhano e português, a que tanto deve a literatura universal.

As estreitas relações de todas as formas entre Portugal e Espanha, sua unidade de destino e a comunidade de suas empresas no espaço e no tempo- na Geografia e na História- exigia imperiosamente a publicação de uma obra que contemplasse o grande acervo idiomático dos dois povos ibéricos. Para preencher este grande vazio, foi elaborado este dicionário que agora apresentamos aos estudiosos das línguas luso-brasileira e castelhano.

Que nunca mais aconteça o que entristeceu a Miguel de Unamuno quando escreveu:

“ainda que vizinho, os dois países vivem separados entre si e da Europa. Em Madri é mais fácil encontrar um livro em inglês, alemão ou italiano do que

em português, e em Portugal há facilidade de encontrar livros de Medicina de Ramon y Cajal, mas em francês.

Numa certa ocasião, um amigo meu viajava por Portugal, quando ao chegar a um hotel, observou materiais escritos em francês, italiano, alemão e em inglês. Ao perceber isso, meu amigo perguntou ao recepcionista se falava essas línguas, e teve como resposta que além do português, falava somente espanhol. Meu amigo surpreso perguntou então o porque do hotel não mostrar textos em espanhol. Então o recepcionista perguntou ao meu amigo se na Espanha havia nos hotel materiais escritos em português. Meu amigo se calou.”

Até o momento, ao menos na Espanha, há pequenos esforços editoriais no complexo campo da lexicografia das duas línguas. Se faz necessário sublinhar a importância destas duas línguas: mais de 270 milhões de seres tem como língua vernácula o português e o espanhol, cifra que representa 12% das línguas indo-europeias, apenas superada pelo inglês. Se em uma escala mundial, se tem em conta que o grupo dos idiomas formados pelo castelhano (mais de 180 milhões) e pelo português (90 milhões incluindo o Brasil) essas línguas ocupam o 4º lugar, depois do chinês, 635 milhões, das línguas hindu, 370 milhões e do inglês com 295 milhões, ficando evidenciada a força e influência destas duas línguas. Este número aumenta devido ao crescimento demográfico que se apresenta o Brasil, verdadeiro continente do futuro, que possui o 4º lugar em extensão territorial, atrás somente da URSS, China e Canadá.

Nesta obra considerou-se o valor biológico das palavras que como verdadeiros organismos vivos, nascem, evoluem e morrem. Consequentemente, considerou-se oportuno registrar o número de vocábulos que se emprega nos países, os arcaísmos quase em desusos, mas que podem ser ferramentas para tradutores e estudiosos de textos antigos.

Da mesma forma, há uma grande quantidade de provençalismos e regionalismos. Há os neologismos, selva do idioma, que rejuvenesce as línguas, assim também como não poderia faltar os americanismos pertencentes às vozes e gírias brasileiras, que foram escritas com a

abreviatura (Bras.) Da mesma forma, se fez oportuno a distinção sobre todas as vozes em que a grafia e a acentuação em português do Brasil são diferentes do português de Portugal.

Considerou-se também as locuções que constitui o tutano da linguagem. Para isso sempre que possível privilegiou-se a tradução viva e não apenas traduções que buscassem correspondência entre as palavras.

A grande aventura do homem em sua luta incessante contra o meio que o cerca, desde as suas conquistas do átomo até a mecânica interplanetária, direta projeção de suas atividades nas formas falada e escrita, se traduz em enriquecimento contínuo do léxico. Por isso, não poderia faltar neste dicionário os termos mais recentes usados nas técnicas modernas que dão testemunho do progresso do homem na humanidade.

Finalmente, seria omissão deixar de agradecer a Editora Sopena que não poupou esforços para que este Dicionário que agora temos a honra de apresentar fosse publicado e servisse ao grande número de falantes dos formosos idiomas der Camões e de Cervantes que há pelo mundo.

8.2. Quadro geral dos verbetes usados nesta dissertação

Garcia (1958)	Almoyna (s/d)	Cavero (1966)
<p>MACACA f. Mona/Macaca.</p> <p>MACACO m. Zool. Mono/ Macaco/ Marinete (máquina para clavar estacas)/ Gatos, cric (máquina compuesta de um engruaje de Piñon y cremallera para levantar pesos/ fig. Mono (persona que gesticula de um modo semelhante al de los</p>	<p>Maba, s. f. Bot. Maba, gênero de ebenáceas, propia de Asia y Australia. Da una madera muy útil, siendo comestible sus frutas aovadas que, a veces, alcanzan hasta 5 cm de largo.</p> <p>Mabeia, s. m. Bot. Mabea, planta euforbiácea de climas tropicales.</p>	<p>Mabeco. m. nombre dado em angola a um animal carnicero semejante al perro.</p> <p>Macaca. f. (zool) mona, hembra del mono; (pop) desgracia constante, mujer fea; (ictiol) variedad de lenguado: <i>morte macaca</i>, muerte sin pena ni gloria; <i>estar com a macaca</i>, tener la negra.</p>

<p>monos)/ Fig. Mono (Amer.), persona que remeda outra o que la imita em sus acciones o dichos/ adj. Bras. Pícaro, taimado/ adj. Bras.Zorro (hombre muy taimado y astuto).</p> <p>MACACARIA (ría) f. Multitud de monos/ lo mismo que</p> <p>MACAQUICE.</p> <p>MACAQUICE f. Monería, monada/ acción y efecto de macaquear/ Lisonja/ Monerías.</p> <p>MACAQUINHO-DE BAMBÁ (ño) m. Bras. Caballito del diablo.</p> <p>MAÇÃ (san)f. Manzana (fruto)/ Manzana (pomo de la espalda)/ - do rosto. Pômulo.</p> <p>MACEGA (ce) f. Maleza (copia de malas hierbas nacidas em um sembrado).</p> <p>MACELA (ce) f. Manzanilha (hierba compuesta).</p> <p>MAÇAROCA (saro) f. Mazorca, husada./</p>	<p>Mabela, s. f. Bot. Árbol africano, de madera apreciada en la construcción y de cuyas hojas los indígenas hacen especies de birretes para cubrir la cabeza en casa.</p> <p>Mabu, s. f. Especie de palmera africana de hojas textiles.</p> <p>Macacaúba, s. f. Bot. Nombre de una planta faseolácea del Brasil, de Madera rojiza muy apreciada; Granadillo.</p> <p>Maçacuca, s. f. Prov. Fruto del roble cultivado, semejante a una manzana. Bot. Nombre vulgar de una planta de la familia de las plumbagináceas.</p> <p>Maçanilha, s. f. Manzanita, manzanilla, manzana pequeña; prov. manzanilla, especie de aceituna.</p> <p>Maçã, s. f. Manzana, fruto Del manzano; todo lo que imita ese fruto; manzana, pomo de La espada. Maçã do rosto:</p>	<p>Maçã. f, (bot) manzana; (bras.) variedad de banana: <i>maçã de espada</i>, pomo de la espada; <i>maçã do rosto</i>, pómulo; <i>maçã do peito</i>, carne de calidad inferior procedente del pecho del buey o vaca; <i>maçã do escaravelho</i>, bola formada por el escarabajo; <i>maçã-de-Adão</i>, nuez de Adán.</p> <p>Macacada. f. gran cantidad de macacos o monos; macacada, ademanes grotescos, imitación servil; conjunto de personas grotescas.</p> <p>Macacacão. m. gran macaco, mono grande; (pop) individuo muy astuto.V. chimpanzé; (Bras.) ropa azul usada por los obreros; mono. V. gorila, orangotango; (fig.) persona habilidosos que imita servilmente a otra; hombre habilidoso, mañosos.</p> <p>Macacaria. f. gran cantidad de macacos o</p>
---	---	--

<p>Mazorca del maíz./ Panoja/ Haz/ Bras. Maraña (enredo de los hilos o del cabello).</p> <p>MACA f. Hamaca/ Camilla (para conducir enfermos y heridos).</p> <p>MAÇA (sa) f. Maza (arma antigua). / Clava/ Maza (para machacar el lino)/ Mazo/ maza, pisón.</p> <p>MAÇADA (sa) f. Mazada (golpe de maza o mazo)/ Paliza/ Trapaza./ Lata, tabarra (discurso fastidioso, charla prolija e impertinente)/ Trabajo fastidioso/ Machaquería.</p> <p>MACADAMIZAÇÃO (zasáum) f. acción de macadamizar.</p> <p>MAÇAGEM (sajem) f. Maceración (del lino)</p> <p>MAÇANETA (sa) f. Botón, gorrón (manecilla o bola para tirar de una puerta y cerrarla).</p> <p>MAÇARICO (sa) m. Soplete (instrumento. / Bras. Nombre común de varias aves/ Alción/</p>	<p>pômulos; maçã-de-adão: nuez de Adán, prominencia que forma la laringe en el cuello de los hombres.</p> <p>Mabeco, s. m. Nombre dado en Angola a un animal carnicero salvaje, parecido al perro.</p> <p>Mabounga, s. f. Nombre vulgar de un díptero muy grande de África, de reflejos verde, semejante a una mosca</p> <p>Macaca, s. f. Macaca, hembra del macaco, parecida a la mona; pop. Mala suerte; mujer fea; especie de lenguado. Morte macaca: muerte desastrosa y poco gloriosa.</p> <p>Macacada, s. f. Cantidad de macacos; fig. Grupo de personas grotescas; monadas, monerías, gestos grotescos.</p> <p>Macacão, s. m. <i>Aument.</i> De macaco; pop. Zorro, raposa, matrero, artero, individuo astuto.</p> <p>Macacaria, s. f. Multitud</p>	<p>monos.</p> <p>Macaco. m. macaco, mono-adj.astuto-<i>m.cric</i>, gato para levantar pesos; maza para clavar estacas; (Bras.) pilar para la construcción-adj. (pop.) ordinario, gastado por el uso, ridulo: <i>chapéu muito macaco</i>, sombrero muy ridículo o muy usado; <i>mandar pentear macacos</i>, despedir a alguien con desprecio.</p> <p>Maca. f. maza; lecho para conducir a un enfermo, parihuela, camilla.</p> <p>Maçacote. m. mazacote. V. argamasa.</p> <p>Maçada. f. mazada, mazazo, golpe com maza o mazo; palita; (fig.) cabala, cuenta, trabajo penosos; conversación aburrida, aburrimiento, trampa, ardid; cosa que da trabajo o molesta; fastidio, fatiga.</p> <p>Macadame. m. (téc) macadam, macadám,</p>
--	--	---

<p>Chorlito.</p> <p>MACETA f. Mazo (martillo de madera/ maceta /especie de mazo)/ adj. Maceta (dícese de caballo o yegua que tiene nudos en las rodillas y pies) Amer.</p> <p>MAXARÉU (réu) m. Bras. Amaz. Lo mismo que POROROCA.</p> <p>MACAXEIRA (chei) f. Bras. Nort. Lo mismo que AIPIM.</p> <p>MACEGAL m. Bras.. malezal (Amer.)</p> <p>MACADAME m. Macadán, macadam.</p> <p>MAÇÃO (sáum) m. Mazo grande; machote/ Francmasón.</p> <p>MAÇAPÃO (sapáum) m. Mazapán.</p> <p>MACERAMENTO m. Maceramamiento, maceración.</p> <p>MACARRÃO (rráum) m. Macarrón (pasta alimentícia dse harina de trigo) Mar. Macarrón.</p> <p>MACERAÇÃO (sáum) f. Maceración.</p>	<p>de monos o de macacos; monada, monería.</p> <p>Macaco, s. m. <i>Zool.</i> Macaco, cuadrúpedo muy parecido a la mona, pero algo más pequeño; vara vieja de vid; mono; pl. garabatos, garrapatos, letras o dibujos mal hechos, generalmente por niños; gatos, maquina compuesta de un engranaje de Piñón para levantar pesos; mono; traje enterizo de tela fuerte de mahón para proteger que está vestido; adj. Listo, vivo; Traicionero. Mandar pentear macaco: despedir a alguien con desprecio.</p> <p>Maca, s. f. Maza (arma), clava; camilla para conducir enfermos o heridos; nombre de una ave del Perú.</p> <p>Maça, s. f. Maza (arma), clava; maza, para machacar el Lino, mazo; maza, pisón; pupa de la</p>	<p>pavimento com macadám.</p> <p>Macadamização. f. (neol.) macadamización.</p> <p>Maçadeiro. m. piedra en que se machaca el lino.</p> <p>Maçadoiro. m. piedra en la que se machaca el lino.</p> <p>Maçadura. f. mazada; paliza; mazazo, machucamiento del lino o esparto; contusión; huella o vestigio de un palo o paliza.</p> <p>Maçagem. f. machaque de lino; masaje.</p> <p>Macaná. (Brasil) espécie de masa usada por los selvajes , macana: <i>homem de macaná</i>, hombre valiente, temerario.</p> <p>Maçaneta. f. mazaneta, pieza en forma de manzana en las joyas antiguas: remate esférico en ciertos objetos:baqueta del tambor; maza de tambor.</p> <p>Maçaneta. (Bras.) V. maçaneta.</p>
---	---	--

<p>M (EME) m. Déciomotercera letra y novena consonante del abecedário português/ M (mil em la numeración romana)</p> <p>MA contrac. Me la (Gram. Contracción de los pronombres me y a).</p> <p>MACAQUEADOR, RA adj. Imitador. Remedador UtcS / Macaco (Amer.)</p> <p>MACAQUEIRO, RA adj. Monesco/ m. Bras. Bot. Guarea, yamo.</p> <p>MACEGOSO, SA (gozo, òza) adj. Lleno de maleza.</p> <p>MAÇADOR, RA (as) adj. Que trabaja con el mazo/ Machacador, marceador/ fig. Machacón; importuno, pesado, molesto, impertinente, fastidiosos, gravoso, cargoso (Amer.)UtcS.</p> <p>MACAIO, IA adj. Bras. São Paulo. Malo, inservible, gastado, echado a perder por el uso.</p>	<p>nuez moscada.</p> <p>Maçacote, s. m. V. Maçaçoto.</p> <p>Maçacoto, s. m. Maza, pieza de hierro en que se apoya el clavo cuando este se tuerce. V. Soda y Barrilheira (planta): mazacote, barrilla, cenizas que contienen sosa.</p> <p>Maçada.</p> <p>Macadame, s. m. Macadán. Pavimento de piedra manchada que una vez tendida se comprime con el rodillo.</p> <p>Macadamização, s. f. Macadamización, acción y efecto de macadamizar.</p> <p>Maçadeiro, s. m. Piedra sobre la cual se machaca el lino.</p> <p>Maçadoiro, s.m. Maçadouro.</p> <p>Maçadouro, s. m. Piedra en que se machaca el lino.</p> <p>Maçadoria, s. f. Latón, pelmez, tostón, conversación larga fastidiosa, gran molestia</p>	<p>Maçanilha.f. manzanilla.</p> <p>Mação. m. mazo grande; mazón.</p> <p>Maçapão.m. mazapan.</p> <p>Maçal. m. suera de leche batido.</p> <p>Maatma .m. mahatma, jefe esperitual índio</p> <p>Macabeu. m. macabeo.</p> <p>Maçagista. s .masajista.</p> <p>M, m. decimotercera letra y décima consonante del alfabeto português; designación de mil, según la numeración romana; abreviatura de Majestad; abreviatura en minúscula de masculino, metro y minuto.</p> <p>Ma. Contracción del pronombre me y del artículo a, a mí: ele deuma, él me la dio, dizeima, decírmelo.</p> <p>Macacoa. f. (pop) enfermedad de poca gravedad; dolencia sin importancia.</p> <p>Macabunzice. f. tristeza, enfurruñamiento; hosquedad.</p>
---	--	--

<p>MACANJO, JÁ, (Jô) adj. Germ. Bellaco utcm.</p> <p>MACANUDO, DA adj, Bras. Rio grande del Sur. Extraordinário, excelente, superior; macanudo.</p> <p>MÁ, adj. Mala/ --- criação. Mala crianza; malcriadez(Amer.)/ Grosería.</p> <p>MACABRO, BRA adj. Macabro.</p> <p>MAÇADURA (sa) f. Maceo/ Contusión/ Presión, frotación.</p> <p>MACAMBUZIO , ZIA (zio, zio) adj. Triste, taciturno, apesadumbrado.</p> <p>MACARRONICO , CA (rró) adj. Macarrónico./ Latim ----. Macarronea.</p> <p>MACEDONICO, CA (dó) adj. Macedónico, macedônio (pertenecente o relativo a Macedonia).</p> <p>MACEDONIO, NIA (dó) adj. Y s. macedônio (natural de Macedonia).</p> <p>MACERADO, DA adj, fig. Macilento, flaco,</p>	<p>e impertinencia.</p> <p>Maçadura, s. f. Mazazo, mazada, contusión producida por un mazo; presión, frotación, maceración de lino.</p> <p>Maçagem, s. f. Machaque de lino; masaje., amasamiento, procedimiento terapéutico que consiste en comprimir la parte enferma de cuerpo o la aplicación de pequeños golpes sobre la misma.</p> <p>Maçal, s. m. Suero de la leche que resulta de batir el queso.</p> <p>Macaná, s. m. Bras. Macana, arma defensiva usada por los salvajes, especie de clava o maza.</p> <p>Maçaneta, s. f. Manzanilla, remate de forma esférica o piramidal para adorno; la parte más alta del frente de la silla de montar; prov. Baqueta de tambor; maza de tocar tambor.</p> <p>Macaio, s. m. Antiguo</p>	<p>Macaqueação. f. imitación grotesca, remedo, burlón, burla.</p> <p>Macacal. adj. Concerniente al macaco o mono; propio de macacos o monos.</p> <p>Macaqueiro, ra. adj. concniente al macaco o mono; propio de macacos</p> <p>Maçadiço, ça. adj. que se machaca con facilidad o frecuentemente.</p> <p>Maçador, ra. adj. inoportuno, molesto, fastidiosos, aburrido; instrumento para machacar el lino.</p> <p>Macaense. adj. y s. (geog.) macacense, natural de o perteneciente a Macao.</p> <p>Macaísta. adj.y s. macaista y macaense, natural de o perteneciente a Macao.</p> <p>Má. adj. mala; (vet.) tumor que ataca al ganado: <i>andar às más com alguém</i>, andar a malas com alguém:</p>
--	--	---

<p>descolorido.</p> <p>MACAQUEAR v. tr. Remedar, imitar ridículamente.</p> <p>MACADAMIZAR (zar) v. tr. Pavimentar con macadán; macadamizar (Amer.).</p> <p>MAÇAR (sar) v. tr. Macear/ machacar/ moler (en un almirez)/ Fig. Macear, machacar, majar, fastidiar, aburrir, importunar, molestar, cansar, cargar, incomodar, enfadar./ v. intr. Ser fastidiosa y pesada una persona.</p> <p>MACETAR v. tr. Macear (golpear con el mazo)</p> <p>MACERAR v. tr. Macerar (ablandar una cosa estrujándola, golpeándola o mantienen éndola sumergida en un líquido/ fig. Macerar (martificar la carne con penitencias). Utc.</p>	<p>tejido de lana y seda.</p> <p>M, s. m. M, décima segunda letra y novena consonante del abecedario portugués; M, mil en numeración romana. La letra M en documentos oficiales equivale a Majestad; M. R. Majestad Real; M. V. de Marie Virginis; y de mes en los números complejos; minúscula es abreviatura de masculino, metro, minuto; adj. Dícese del 12º en una serie indicada por letras.</p> <p>Ma, Gram. Contracción de los pronombres me y a; me la</p> <p>Macanjice, s. f. Acción de macanjo, bellaquería, maldad, rufianada, perversidad, ruindad, canallada.</p> <p>Macambuzice, s. f. Calidad de triste, taciturno; hosco; cariacontecido.</p> <p>Macabrisimo, s. m. Calidad de lo que es macabro; diversión</p>	<p>(pop.) <i>essa não é má!</i> No es amala esa!</p> <p>Macabra. adj. Dícese de una danza infernal en que se representaba a la muerte; macabra.</p> <p>Macabrisimo. m. calidad de macabro, diversión macabra.</p> <p>Macabro, bra. adj. Macabro, fúnebre, luctuosos, letal, mortal, macábrico.</p> <p>Macacório, ria. adj. traidor, tracionero; tramposo.</p> <p>Macanjo, ja. adj. (pop) bellaco, canalla, falso (dícese de las monedas).</p> <p>Macambúzio, zia. adj. triste, taciturno, tristón, melancólico, murmujo.</p> <p>Macaquear. v. intr. imitar grotescamente, hacer la burla, remendar, macaquear, hacer monadas o ademanes afectados.</p> <p>Macadamizar. v. tr. (téc) macadamizar con macadam (pavimentar).</p>
---	--	---

	<p>macabra.</p> <p>Macabeu, s. m. Macabeo, individuo ilustre de una familia judia que se destaco dos siglos antes de Jesucristo; adj. Relativo a los macabeos.</p> <p>Macacório, adj, Tracionero, astuto, sagaz, mañoso, matrero.</p> <p>Maçador, adj. y s. m. Maceador, que o el que trabaja con el mazo; maza, con que se machaca el lino; <i>fig.</i> machacón, importuno, pesado, molesto, fastidioso, chinche, latosos, pelmazo; gravoso.</p> <p>Maçadiço, adj. V. Malhadiço; que se maza con frecuencia o facilidad.</p> <p>Má, adj. Mal, cañamo de la India o de Manila; <i>Vet.</i> Tumor a que se da también el nombre de <i>arreira</i>; adj. mala, <i>fem. de mau.</i></p> <p>Macabra, adj. Macabra, dícese de una danza</p>	
--	---	--

	<p>infernical en que se representa la muerte.</p> <p>Macabro, <i>adj.</i> Macabro, fúnebre, macábrico, mortuorio.</p> <p>Macaense, <i>adj. y. s.</i> Macaense, perteneciente o relativo a mação; macaense, persona natural o habitante de Macao.</p> <p>Macambúzio, <i>adj.</i> Triste, taciturno, apesadumbrado: enfurruñado, ceñudo, torvo, hosco, cariocontecido.</p> <p>Macaísta, <i>adj.</i> Macaísta, macaense, de Macao; s. Persona habitante o natural de Macao.</p> <p>Macacal, <i>adj.</i> Próprio de macaco; relativo a los macacos.</p> <p>Macadamizar, <i>v. tr.</i> Macadamizar, pavimentar, afirmar el suelo de calles y carreteras por el procedimiento de macadán.</p>	
--	---	--